

Viagens dos Craôs às Grandes Cidades

Depoimentos e informações recolhidos
por Julio Cezar Melatti, 1962 a 1971,
com alguns comentários do mesmo
pesquisador

Brasília
2009

Viagens dos Craôs às Grandes Cidades

Julio Cezar Melatti

Em meu livro *Índios e Criadores* escrevi algumas páginas (Melatti, 1967, pp. 139-144)¹ sobre as longas viagens dos craôs para visitar as cidades afastadas de suas terras, o que fazem desde a segunda metade do século XIX. Como apenas uma parte do que tinha anotado foi considerado naquelas páginas, resolvi transcrever aqui tudo o que encontrei, referente ao tema, nos meus diários e cadernos de campo.

Para evitar confusão entre homônimos e também dar acesso a outras informações sobre aqueles que me relataram suas viagens e pessoas referidas por eles, ponho ao lado de seus nomes um número entre chaves, que corresponde àquele na lista de indivíduos craôs que está divulgada [aqui](#).

Quanto aos nomes das pessoas e outros termos do vocabulário craô, faço uso da mesma grafia utilizada no meu livro *Ritos de uma tribo timbira* (Melatti, 1978, pp. 17-18), segundo a qual as letras e os acentos são equivalentes aos da ortografia oficial brasileira, com algumas exceções: o *h* e o *kh* são aspirados; o *w* e o *y* equivalem respectivamente ao *u* e ao *i*, mas formam sílaba com as vogais que os seguem; o *e* e o *o* equivalem ao *ê* e ao *ô*, respectivamente; o *ë*, o *ĩ* e o *õ* são, respectivamente, o *ó*, o *u* e o *ô* não-arredondados; o ponto de interrogação indica a oclusão glotal. O apóstrofo indica a sílaba tônica, quando esta não é a última. A sílaba *ré*, no final de uma palavra, geralmente constitui um sufixo que indica o diminutivo; neste caso, o *r* não forma um grupo consonantal com a consoante que o precede, mas inicia uma sílaba independente. É verdade que na minha grafia não faço a distinção entre vogais longas e breves (e nem saberia fazê-lo) e que os craôs hoje usam nos seus próprios textos uma outra grafia, que, porém, não domino.

Major Tito

Uma viagem realizada pelo líder craô conhecido como Major Tito {1163} em 1873 à antiga capital de Goiás, está registrada no relatório do presidente dessa província². Mas a viagem relatada no depoimento abaixo foi ao Rio de Janeiro e deve ter sido posterior.

28-11-1963 — D2, p. 461

[Esteves {53}] Contou-me que seu pai (Pókrók – Silvano {1106}) foi a pé com Tito {1163} até o Rio. Voltaram só depois de dois anos. Foram até São Paulo e daí passaram ao Rio em trem de ferro. Outros índios iam com eles. No Rio pediram o que precisavam ao “governador” e ganharam 10 burros para trazer a bagagem de volta. Tito ganhou farda, espada, quepe de soldado. Foram, parece dois índios os que ganharam espada. No caminho de volta um animal caiu numa ladeira e quebrou a “mão”; por isso Silvano deu-lhe um tiro na cabeça. Silvano contava a viagem a Esteves, que foi feita quando este ainda estava na barriga da mãe. Silvano morreu na casa de uma moradora próxima, chamada D. Rosa. Foram os cristãos que o enterraram, porque era amigo deles.

¹ *Índios de Criadores: A situação dos Krahô na área pastoril do Tocantins* (Rio de Janeiro: UFRJ – Instituto de Ciências Sociais, 1967). Esse livro também está divulgado [aqui](#).

² *Relatório apresentado á Assembléa Legislativa Provincial de Goyaz pelo Exmo. Sr. Dr. Antero Cícero de Assis Presidente da Província em o 1º de Junho de 1873*. Typographia Provincial, Goyaz. p. 35.

Major Chiquinho

Na minha primeira etapa de campo entre os craôs, o Major Chiquinho {329}, na aldeia do Abóbora, me prestou muitas informações. A expressão “papai grande”, que ele e outros depoentes usam em seus relatos, só é usada quando eles se referem a autoridades que consideram eminentes, como governadores de estado, ou que imaginam de grande poder, mas nunca as empregam quando a elas fazem referência nas suas próprias aldeias. Também não a utilizam para se dirigirem a prefeitos de pequenas cidades, ou nas dependências do órgão indigenista.

22-12-1962 — Diário D1, pp. 626-628.

Chiquinho {329} conversou um bocado comigo. Anotei alguma coisa do que disse em outro caderno. Parece que foi já duas vezes ao Rio. Numa das vezes foi até Anápolis; dali iriam a Goiás. Eram cinco pessoas. Em Anápolis viu o trem chegar. Perguntou a um soldado de onde o trem vinha: respondeu-lhe que era do Rio. Chiquinho então disse a seus companheiros: “Sabem de uma coisa; nós não vamos para Goiás, nós vamos para o Rio!” “Mas o Rio ainda é longe.” “Mas nós vamos naquilo (trem) ali!” Alguém então lhe disse onde estava o “papai grande” chefe, dono do trem. Chiquinho entrou numa sala: havia vários homens bem vestidos, todos de cara limpa. Chiquinho então [p. 627→] disse: “Eu quero falar com o papai grande!” Um deles lhe apontou quem era. “É você o papai grande!” “Não, é aquele ali!” respondeu o homem apontando-lhe o companheiro seguinte. E assim fizeram todos até que Chiquinho voltou a perguntar ao primeiro. Estavam todos sérios. “Sou eu mesmo!” “E por que fez isso comigo, eu sou de fora, por que fica me enganando?” E o Chiquinho entregou-lhe o documento que trazia.” “Ah, você é craô, eu estava pensando que você era xerente, eu não gosto de xerente que só vive de roubo. Você pode ir no Rio, eu dou passagem, você passa amanhã na prefeitura às 7 horas. Chiquinho saiu. Alguém lhe disse: “Por que você não pede dinheiro ao papai grande?” Chiquinho voltou: “Papai grande, você não pode me arranjar algum dinheiro?” “Mas você não come na pensão?” “Mas é para comprar cigarro etc.” O papai grande deu o dinheiro. No dia seguinte Chiquinho foi à prefeitura e não encontrou o homem. À tarde voltou e o homem mandou que o procurasse mais tarde. “Assim não é bom não! Quando você puder me atender, mande-me chamar, eu agora vou comer, que estou com fome.” “Está certo, depois eu mando alguém lhe chamar.” Chiquinho foi chamado mais tarde e ganhou as passagens. Disse então para os colegas: “Coragem, vocês aguentem que nós vamos para o Rio.” “Nós aguentamos.” E foram. Em Ribeirão Preto ganhou um bocado de coisas, até sapato. Chiquinho tem dito aos novos para procurar Ribeirão Preto, mas eles não vão. Chegou em S. Paulo e depois ao Rio. Aí recebeu as coisas, dinheiro e foi aconselhado a se retirar porque havia perigo. Voltou pelo mesmo caminho. Voltou bem vestido, com seis mil cruzeiros. Alguém lhe disse: “Você agora está rico.” “Rico nada, eu ando sempre pedindo!” Chiquinho comprou animais com o dinheiro, mas hoje [p. 628→] não possui mais nenhum.

23-12-1962 — Diário D1, pp. 633-635

Chiquinho começou a dar sua genealogia, mas vou deixá-la na caderneta: está feita tinta e correta, ocupando duas páginas. É filho de cristão com índia. Seu pai era de Riachão. Quando seu pai morreu, a família dele quis que a mulher dele ficasse lá com os filhos: ela porém, como não sabia falar a língua portuguesa, tinha medo dos cristãos, disse que ia voltar para entre os parentes dela. E assim trouxe os filhos para a aldeia onde se criaram. Os parentes do pai de Chiquinho sempre davam a ele alguma coisa. Quando Chiquinho era rapaz, foi a Teresina com Bertoldo {1065}. Lá encontrou o governador,

Dr. Miguel Rosa³. Este achou que [p. 634→] ele é que devia ser chefe da aldeia porque, sendo mais misturado com o cristão, era mais esperto que o índio. Chiquinho argumentou que os velhos da aldeia não acreditariam nele e como o Dr. insistisse, Chiquinho disse que talvez fosse melhor o Bertoldo. O Dr. respondeu que não, pois não sabia falar bem o português. Depois de receber machados, facões, foi levado a uma sala cheia de coisas que lhe mandaram escolher. Falou Chiquinho a seu irmão: “Não vamos escolher a lazarina porque esta nós já conhecemos; vamos escolher as prussianas.” E assim cada um recebeu uma prussiana. Depois o homem entregou-lhe a patente de Major. Chiquinho não queria aceitar, mas, o homem respondeu que isso era com o outro, que lhe tinha dado ordem de entregar. Depois apresentou-lhe um monte de dinheiro e perguntou-lhe quanto queria para a viagem. Chiquinho escolheu 500 cruzeiros (“Naquele tempo eu era besta”, diz rindo o Chiquinho). Aí o soldado que assistia a cena disse-lhe: “Major, você é besta, podia ter pedido até 10, 20 mil cruzeiros, e só pediu 500 cruzeiros!” Quando Chiquinho chegou à aldeia, com todos em sua casa, mostrou a patente e tornou-se chefe. Também quando estava em Corrente, com os crentes, Dr. Terra e sua mulher D. Lulu puseram uma porção de jumentos diante dele e lhe mandaram [p. 635→] escolher: ele que era besta, só escolheu um jumento bonito, preto; Zacarias, convidado a escolher posteriormente, tirou quatro. D. Lulu deu ainda dinheiro a Chiquinho. Chiquinho conta que já teve muito animal, misturado com os da fazenda do Xupé [do SPI], mas os cristãos lhe roubaram tudo. Vendeu os últimos.

...

[Ainda na p 635→] Contou Chiquinho que quando era pequeno viu o Tito {1163}, quando voltava do Rio com a patente. Tito era capitão da aldeia de Forquilha, no ribeirão dos Cavalos. Foi morto pelos cristãos que lhe roubaram o gado. Essa aldeia fica perto da atual de Pedro Penõ {158}.

27-12-1962 — Diário D1, pp. 656-658

Depois Chiquinho disse que viu os revoltosos em Picos (confunde Rondon com o chefe dos revoltosos)⁴. Contou que ele estava ouvindo falar que eles levavam rapazes e moças para ser soldados e todos estavam com medo e então ele foi falar com eles. Foi com Antônio Pires e Cravírio. Chegando em Picos⁵ havia uma porção de gente e ele perguntou se podia falar com o chefe. Recebeu a resposta de que o chefe era Rondon e que [p. 657→] vinha no dia seguinte. Ficou lá e dormiu. No dia seguinte o pessoal já tinha ido embora; perguntou por eles e pelo chefe. Recebeu a resposta de que o chefe ainda vinha. Aí começaram a chegar muitos “revoltosos”; era gente que não acabava mais e começaram a arranchar, mas Rondon ainda não chegara. Mais tarde chegou. Ele estava sentado, rodeado de gente. Chiquinho aproximou-se e pediu ao pessoal para afastar-se porque também “queria ver o homem”; até que chegou a ele; cumprimentou-o. Contou-lhe então que era chefe dos craôs e fora até lá para saber se era verdade que ele estava levando rapazes e moças, pois o pessoal da aldeia estava sobressaltado e queria fugir para o mato. Rondon fê-lo sentar-se e depois lhe respondeu que não tinha ordem do governo para fazer nada com índio, que podia ficar sossegado. Aí Chiquinho ia-se retirar. Alguém

³ Escrevi posteriormente na margem da p. 634 que Miguel Rosa deixou o governo do Piauí em 1916, conforme informação de uma aluna da UnB.

⁴ “Revoltosos” era como os craôs se referiam à coluna Prestes.

⁵ Picos, no centro do Piauí, já próximo à fronteira do Ceará e Pernambuco, está bem longe das terras craôs para justificar uma viagem de Chiquinho até lá tão rapidamente de modo a alcançar Rondon e tirar suas dúvidas. Provavelmente Chiquinho estava em viagem, passando pelas redondezas, quando soube da presença de Rondon.

lhe disse: “Você não pede nada para ele?” Então Chiquinho voltou-se a Rondon e perguntou: “Parente, será que você não me arranja nem três pratos de sal.” “Pode pedir ali.” Chiquinho foi e ganhou: pediu-lhes “Rondon mandou-me dar três pratos de sal.” Depois perguntou onde tinha fumo. Chegou lá e disse: “Rondon disse para me dar cinco metros de fumo.” Aí ganhou. Rondon tinha-lhe dito para buscar um documento escrito no outro dia de manhã. No dia seguinte Chiquinho procurou-o, mas já tinha saído. Alguém então lhe deu o documento, dizendo-lhe que Rondon o tinha esperado cedo, [p. 658→] mas como não viesse, tinha saído e deixado o documento para lhe entregar. Disse-lhe ainda que era bom ir embora para a aldeia porque atrás vinham estrangeiros e talvez pudessem fazer-lhe mal. Chiquinho ainda me contou o que viu no circo em Carolina e na Bahia. Falou ainda no homem marimbondo (de tronco curto e pernas longas), rico, e que há outro em não sei que cidade mais. Diz Chiquinho que devem ser estrangeiros. Não entendi essa história.

28-12-1962 — D1, pp. 663-666

Depois do almoço Chiquinho ficou conversando comigo. Contou de novo sua estada em Teresina. Quando chegou lá ficou no quartel hospedado. O governador estava doente. Ficou esperando. Certo dia alguém lhe disse que ia ao governador e ele foi junto. Tomou um veículo que, conforme a descrição dele só poderia ser um bonde de burro. Chegou lá e perguntou ao soldado: “Papai grande está aí?” “Está.” “Está melhorando?” “Está. Quer falar com ele?” “Quero.” Então foi conduzido a uma sala onde havia um homem fardado, com emblemas, alto, bonito, andando de um lado para o outro. Chiquinho só ficava olhando aquele homem bonito. De re[p. 664→]pente o homem parou, fitou-o e, sem falar, com um gesto, mandou-o entrar. O governador, que, se não me engano Chiquinho disse chamar-se Miguel Prata [na p. 633 consta como Miguel Rosa, que é o correto] estava sentado entre dois amigos; era bonito, gordo, limpo. E Chiquinho conversou com ele: “De onde vem você?” “Eu sou craô.” “Vem de longe. Para onde vai?” “Eu vim só até aqui mesmo.” “Bem, eu vim atrás de ‘meus precisão’: facão, machado, enxada, pólvora, espingarda e um chapéu de sol.” “Está bem. Quando você vai embora?” “Você, papai grande, é que sabe.” Aí o governador foi à sala contígua e trouxe de lá um papelzinho: “Você entrega isso na tesouraria, eles lá é que lhe darão as coisas. Chiquinho ficou olhando para o papel: “Era pequenininho”, comentou. Notou também que o governador fala pouco. Getúlio também, quando falou com ele, falou pouco; Getúlio notou que ele era um caboco que falava melhor do que os outros. Aí Chiquinho foi à tesouraria. Foi perguntando a todos aonde era até chegar (não sei se estava acompanhado). Chegou lá, o homem leu o papel e depois disse: “Não é agora não; você vai jantar, vai dormir e amanhã eu mando um soldado para buscá-lo.” No dia seguinte foi levado à tesouraria. Espantou-se quando viu tanta espingarda. escolheu prussiana. Ganhou tudo o que pediu e inclusive o guarda-sol. Foi mandado para a rancharia da beira do rio. Conta que na hora de co[p. 665→]mer a comida era demais. O resto da comida foi ajuntado e o homem ia jogar ao mar [rio]. Chiquinho interveio: “Não jogue fora não. Deixe que eu guardo para depois.” “Por que você quer esta comida se depois virá outra nova; deixe essa para engordar os peixes.” No dia seguinte Chiquinho pegou a embarcação e veio. No barco a comida era demais. “O que você quer comer?” “Nada, eu já estou abusado de comer.” “Não quer peixe?” “Quero.” E logo vieram três ou quatro peixes grandes numa bacia. Deixou a embarcação e fez o resto da viagem a pé. Parece que foi então que passou pelos Porquinhos (mas passou fora do Ponto)⁶: quando ia chegando armou a espingarda

⁶ Os craôs usavam a palavra “canela” para se referirem tanto aos apaniecrás como aos ramcocalecrás; e ainda aos quencateiês. Distinguiam-nos pelos nomes das aldeias: Porquinhos, Ponto e Travessia (ou Chinela, massacrada em 1913 por fazendeiros).

para evitar qualquer ataque dos canelas. O povo estava cantando na praça. Chiquinho falou ao capitão deles, pedindo rancho. “Você é o capitão?” “Sou.” “Pois eu sou craô, venho pedir a você para dormir aqui. Se você não quiser eu vou embora.” “Não, nós somos índios, somos todos de um sangue só, você pode ficar, vai para a minha casa, talvez você nem saia amanhã. Chiquinho contou que a comida lá era muita. O capitão perguntou se entre o grupo de Chiquinho não havia um cantador para eles ouvirem música craô: não havia. Chiquinho saiu logo da aldeia porque as mulheres e raparigas estavam pedindo tudo a eles: miçanga, pano, tesoura... Chiquinho foi duas vezes a Teresina. A segunda vez foi para buscar a farda. A São Luís foi uma vez. Segundo a des[p. 666→]crição que fez, deve ter descido o Parnaíba e subido de volta pelo Grajaú. O governador era o Dr. Dantas. Ao voltar passou pela aldeia dos guajajaras: são todos pequenos. Deram-lhe mandioca ainda molhada e Chiquinho não gostou. Saiu logo da aldeia porque recebeu aviso que os guajajaras tratam bem mas costumam “estragar” o visitante. Os gaviões de Imperatriz são valentes, mas já estão mansos; até a mulher de Chiquinho já esteve lá. Em Carolina contaram a Chiquinho que os índios urubus, se estão com fome, vão pegando o visitante, vivo mesmo e o comem a dente, cru, arrancando os pedaços com os dentes.

Nos tempos de Ambrósio e Vicentão

Ambrósio {1092} e Vicentão {1020} são líderes dos craôs por volta dos anos 1920. Curt Nimuendaju faz referência ao segundo no seu livro sobre os apinajés; aí seu nome indígena está grafado erradamente como Krapté, quando o correto é Kratpe⁷. No depoimento abaixo há referência a Manoel Perna como “diretor” dos craôs. No tempo de Ambrósio e Vicentão já existia o SPI, mas não atuava diretamente com os craôs, entre os quais só criou um posto depois de 1940. Uma pessoa chamada Manoel Perna é referida como “diretor”. O termo “diretor” remonta pelo menos ao século XVIII e seu uso no século XX só poderia ser aplicado, suponho, a alguém que se arvorasse a dirigir os índios ou fosse designado *ad hoc* pelo SPI. O Major Chiquinho {329} me disse que seu pai era o civilizado Mateus Coelho Perna {1202}. temos pois duas pessoas de sobrenome Perna relacionadas aos craôs.

17-11-1963 — D2, p. 383

[Conforme Aniceto {10}:] No tempo de Ambrósio {1092} e de Vicentão {1020} os velhos não se importavam com viagem não. Só faziam farinha e iam em balsas até Carolina, para vendê-la e também arroz, milho, pacutus, esteira. Lá compravam então espingarda. Não se tirava [couro] de caça; sapecava-se tudinho; Aniceto ainda pegou esse tempo em que se sapecava couro; morava na aldeia do Vão (no caminho do Marcão {195}). Ele ainda pegou o tempo em que os índios desciam em balsas. Chiquinho Velho {329} gostava de navegar em balsas. Os novos estão todos preguiçosos, não trabalham, mas os velhos eram trabalhadores. Vendiam feijão, arroz, tudo. De primeiro os velhos faziam brincadeira, mas trabalhavam. De primeiro obedecia-se ao capitão; os novos, é algum que obedece ao capitão. O capitão dava pisa (surra) se nós não fôssemos para o serviço. A prefeitura é o pátio. Na aldeia velha, no caminho do Marcão, se apanhava muito. Naquele tempo se tinha todas as coisas. Outrora não havia encarregado. O “diretor” era Manoel Perna. Quando os índios iam a Carolina, arranchavam na casa dele.

⁷ NIMUENDAJU, Curt. 1956. “Os Apinayé”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 12. Ver p. 11. (Existe 2ª edição em português de 1983).

Gabriel

Gabriel {33} era um homem de mais de 65 anos, calculo, quando me deu as informações abaixo.

24-11-1963 — Caderno “Viagens”, pp. 62-65.

1. Goiás Velho. Foi junto com o finado Agostinho (Kom) {1013} e o primo Itxotuk Romró (irmão de Wa’krêre {186}, mulher de Amaro {185}). Essa viagem foi quando Aloísio [filho de Gabriel] {35} ainda estava engatinhando. Foi e voltou a pé. Lá perto de Goiás me deu febre e até que mulher que sabe tratar. Mas não fiquei bom. Quando fui mijar minha cabeça ficou tonta, eu perdi o juízo e caí. Foi para Goiás e gastou três dias. Lá se tratou e voltou. Gastou cinco meses na viagem. Foi lá porque precisava de ferramenta, arma para caçar. Procurou o governador. Não falei com ele porque soldado me levou, me abriu a porta do ajudante, mas não do governador. O governador mandou recado para entregar na inspetoria (do S.P.I.?) Aí pedi se podia arranjar lá mesmo ou então dar passagem para o Rio de Janeiro. “Eu venho atrás de espingarda, ferramenta, facão etc. Você me arruma burro também, porque não posso levar nas costas.” Mas mandaram-no esperar para ficar bom. Mandaram-no esperar o diretor dentro de 15 dias. Este era ruim. Disse que só no Bananal. Gabriel disse que Bananal tal[p. 63→]vez fosse de outra nação, que os velhos antigos vinham era a Goiânia⁸. O Gabriel disse que ia para o Rio. Aí o homem arranjou três espingardas, três chapéus, três pares de botina, três facões, três foices, três machados, três enxadas, uma lata de pólvora, espoleta, chumbo. Gabriel estava fraco e só trouxe a espingarda e a munição, deixando os ferros no mato por estarem pesados. Não os vendeu porque podia correr a notícia e outra vez que fosse a Goiânia não achasse nada. Quando chegou no pátio, o sogro, Raimundinho {1113} (Raimundinho é Rópkran, pai da mãe de Aloísio), tomou espingarda.

Nessa viagem o governador ofereceu espingardas e ferramentas velhas. Gabriel foi perguntar a Agostinho, mas este não quis, pensando que iam mandar soldado atrás.

O médico lhe falou que estava com doença muito grande e, só se Deus ajudasse, poderia escapar. O tenente falou que não queria que Gabriel morasse no quartel, pois não sabia depois o que o governo iria fazer com eles.

Em Porto Nacional o padre tinha arrumado facão, machado, pano, que Gabriel deixou em Peixe. Na viagem de volta, quando melhorou da doença, pegou essas mercadorias e trouxe.

2. Teresina. Ainda não havia posto. Foi com o irmão Alfredo {1236}; Delfino {possivelmente 1004}; e outros rapazes. Pegou vapor para Tere[p. 64→]sina que o deixou lá em Floriano. Esperou outro, não pegou, e caminhou de pé. Mais adiante chegou outro vapor e o deixou perto de Teresina. Delfino e Alfredo ficaram doidos, quando dá fé porque o vapor vai na carreira e ficou com medo da polícia. E saíram sozinhos sem avisar e Gabriel veio atrás deles. Gabriel dizia para eles que os soldados não podiam prendê-los, que não eram criminosos; mas os dois responderam que tinham ouvido soldado dizer que iam prender os índios. Chegaram na aldeia sem nada. Em Brejinho o prefeito deu duas peças de pano. Quando chegaram perto, Gabriel partiu: cada um ficou com dois metros.

3. Rio de Janeiro. Depois que Mundico atacou [ataque dos fazendeiros sobre os craôs de 1940], Gabriel foi para o Rio. Foi com Esteves {53} e com Aloísio {35} (filho). Foi caminhando de pé. Em cidade da Barra pegou vapor até Pirapora, onde pegou trem;

⁸ Se Gabriel está contando a viagem a Goiás Velho, a referêncvia a Goiânia só pode ser confusão dele entre a capital estadual antiga e a moderna.

foi para Minas. Lá pegou trem para o Rio. Quando chegou no Rio caiu doente e deu caganeira com sangue. Aloísio era novinho, porque a mãe dele morreu, ele ficou com “pena” de Gabriel e este o levou. Do Rio foi a São Paulo de trem. E de trem foi para Anápolis. Lá deu documento para o prefeito. O [p. 65→] prefeito enviou a Goiânia com Dr. Pedro. Mas Esteves estava avexado e quis caminhar a pé. E vieram até aqui. O finado Rondon disse que não podia arrumar muitas coisas porque podiam roubá-lo. Em Descoberto febre pegou Aloísio. Saíram em agosto e chegaram em abril. Passou três meses no Rio.

2-12-1963 — D2, p. 500

Provocado por uma pergunta minha, disse Gabriel que a rapaziada da aldeia quer virar cristão, mas o encarregado do Posto não dá roupa, dinheiro. Quando Mundico atacou, Getúlio Vargas disse aos índios: “Agora você vai virar cristão, vou mandar pano, dinheiro, vocês não precisam mais de viajar, agora vocês pedem mesmo no Posto.” Mas, diz Gabriel, o encarregado fala que não tem dinheiro. O governo manda dinheiro para sustentar o índio; o governo fica muito longe e o empregado do S.P.I. engana a ele. “Vê, o Dodanin [missionário, funcionário do SPI, pequeno produtor] saiu, está zangado, com pena do dinheiro.” E queixa-se Gabriel de que Dodanin diz que é pai dos craôs, que dá as coisas para os índios. D. Edith [esposa de Dodanin] é do mesmo jeito. Quando Gabriel era novo, gostava de virar cristão mas agora já está velho. E diz que já está virando porque não põe mais urucum. Quer ir ao Rio, trazer roupas para quando morrer ser vestido (porque já está morto, para que urucum?). Talvez ele vá subir, porque é batizado. Os crentes queriam batizá-lo outra vez, mas não deixou porque não quer ser crente, pois já está acostumado a fumar, a beber cachaça.

2-12-1963 — D2, p. 501

Gabriel não tem roça nova e está limpando uma capoeira de cerca de meia tarefa, que foi de Pascoal {38}. Este não fez roça no corrente ano porque viajou. Aloísio fez uma roça de 2,5 tarefas. Zé Nogueira {56} tem quatro tarefas. Joaquim viajou e tirou pedaço; Kro’kroko {58} também tirou pedaço. Róp’kuro [Zé Nogueira] ficou zangado com isso, pois os outros estão só andando. Hoyat {126} [filha de Gabriel] tirou um pedaço de Gabriel (desta capoeirinha que está limpando) porque R. Agostinho {127} [genro de Hoyat] ainda estava brocando sua roça quando o fogo pegou.

[Mais adiante está informado que Īkietik {146} não tem roça porque viajou.]

Marcão, Davi e José Pinto

Marcão {195}, Davi {172} e José Pinto {150} eram três irmãos. Todos adotavam, nos seus nomes não indígenas, o sobrenome Pinto. Marcão foi chefe da aldeia mais próxima do posto indígena, e depois da cisão da mesma, continuou chefe da menor. Pedro Penõ {158}, que sucedeu Marcão como chefe da parte maior da aldeia após a separação, era filho de uma irmã deles. Davi sabia ler.

15-11-1962 — D1, p. 436

José Pinto pretende visitar Salvador depois de plantar sua roça: vai lá para conhecer, para ver se é bonito lá, se é feio: quer “conhecer o mundo”.

4-12-1962 — D1, pp. 519-520

Á noite, depois de escrever o diário, fui à praça, onde obtive boas informações de Marcão e Davi. Davi e Marcão foram, além de José Pinto, a Goiânia. Esta cidade estava

então no começo: só havia 30 casas, diz um deles. Governava Pedro Teixeira, que nem morava no Palácio, que ainda estava em construção. Teixeira arranhou-lhes ferros (facões, panelas, enxadas) mas não espingarda. Resolveram ir ao Rio. Teixeira não quis arranjar-lhes transporte. Por isso resolveram ir a pé e partiram. Arrancharam perto de um ribeirão ainda junto à cidade. Parece que o Governador pensou melhor sobre o caso e mandou-lhes um carro. O carro os levou até Leopoldo de Bulhões. Como tivesse apanhado muita chuva na viagem, Marcão não continuou porque ficou doente. Mas José Pinto e Davi foram adiante. De trem foram a São Paulo e em outro trem foram ao Rio. Davi se lembra que ficou numa casa alta debaixo de um lugar onde havia uma cruz enorme (Cristo Redentor?). No Rio o movimento era tremendo: um jeep andando encostadinho no outro. Voltaram também de trem. Davi estava cansado, pois não podia dormir, viajando dia e noite. Havia também um rapazinho que não aguentava mais. Ele e o rapaz resolveram tomar um copo de cachaça para criar coragem. E assim fizeram e melhoraram. Marcão voltou com eles de Leopoldo de Bulhões. Assim Marcão já foi uma vez a Goiânia e ou [p. 520→]tra vez, mais tarde, a Brasília. Davi me expressou a vontade de andar de avião. Perguntou-me sobre o avião que deixava um rastro de fumaça: notou que ele vai mais adiante, mas a zoada fica atrás. Perguntou sobre a estrela que passa devagarinho todas as noites [o primeiro ou um dos primeiros satélites artificiais].

5-11-1963 — D2, pp. 291-292

Marcão contou que no tempo em que atacaram a aldeia, ele [p. 292→] estava em Goiânia, onde falara com o Pedro Teixeira. Como viu que em Goiânia se fazia muito dinheiro, falou com o Pedro Teixeira e este lhe perguntou o que ele sabia fazer. Respondeu-lhe que não sabia fazer serviço fino, mas apenas serviço pesado. Arranhou-lhe então o emprego de motorista de caminhão. E ele trabalhou quase um ano. Um dia ouviu dizer que sua aldeia fora atacada. Chegou ao “pé do telegrama” e soube que foram os índios craôs da aldeia de Pedra Branca e Cabeceira Grossa. Ele ficou muito triste e foi ao Pedro Teixeira pedindo para voltar. Este lhe disse que não, que ia consultar primeiro a Getúlio Vargas, pois este mandava no Brasil inteiro enquanto P. Teixeira mandava só num pedaço. Ele comunicou-se com o Rio e veio a resposta de que já haviam sido tomadas as providências. Foi então que o Capitão Diniz e o Major Lene vieram a Goiânia e o Marcão viajou com eles. Em Anápolis Marcão adoeceu de gripe e ficou em tratamento, enquanto os dois oficiais continuavam a viagem. Quando o Marcão chegou a Pedro Afonso, os dois já tinham trazido os jagunços para esta cidade.

6-11-1963 — D2, p. 309

Indo para a praça [Davi] contou-me que quando era novo, indo a Teresina, lá lhe perguntaram se realmente os índios corriam com tora para saber quem era forte para casar. Respondeu que não era nada disso.

11-2-1971 — D6, p. 21

Ontem Marcão me disse que deseja ir a Goiânia (ou a Brasília) para dizer nos jornais o que falta nas aldeias craôs.

Marcão está preocupado em saber o que pode levar para Brasília que faça dinheiro: colares, cabelo. Quer mesmo que eu leve raiz de remédio de cobra para ver se funciona mesmo e depois vender. Não quer me dar a planta inteira para evitar a identificação. Todos eles são feitos de raiz.

Antônio Pereira

Antônio Pereira {119} era o diretor de ritos da aldeia mais próxima do posto quando iniciei a pesquisa com os craôs.

18-11-1963 — Caderno “Viagens”, pp. 45-46.

Foram a Goiânia ele [Antônio Pereira], Gabriel {33}, Txepiaká, Té’brãre (da aldeia de Ambrosinho), “irmão” de Gabriel (Moisés {possivelmente 1006}). Ainda não havia posto. Foram a pé até Goiânia. Não tinha estrada para carro. Arranjaram de comer no caminho pedindo. Aquele bom dava, aquele ruim não dava muito não. Gabriel falou com o Pedro Ludovico. Acho que não gostou muito bem não. Pediu ferro, toda miudeza. Não arranjou nadinha. Só mesmo enxada, machado, facão, foice, um para cada um. Acho [p. 46→] que passaram muitos dias, talvez mês. Gabriel pedindo passagem para o Rio de Janeiro. Quá, o governador é ruim e não quer arranjar. Então vieram embora, a pé novamente.

Eu quero viajar mas a mulher e filhos não deixam sair da aldeia, dizendo que eu fique aí toda a vida na aldeia, quá!

Em Corumbá quase não dormiu de frio. A rapaziada diz que o povo de Goiânia não quer mais os índios daqui. “A gente de lá não quer mais não”, disse Kapran ao chegar. Agora nós vamos trabalhar para ter muita fartura e vender aí no Vau, porque Dodanin ensinou a todos os chefes de lá, do comércio, da cidade, dizendo que craô vai lá para não dar nem ferro, nem arco[?], dizendo que povo daqui não trabalha, que somente está pedindo. Dizem que ele estava dizendo mesmo. O povo de Itacajá e de Pedro Afonso não agradam os índios. Só mesmo para vender.

Pedro Afonso, Porto Nacional, Baneira [pouco legível], Brejinho, Crixás, Perdida, Lagoa, Sto. Antônio, Capim Branco, Corumbá, Anápolis (passou também em Descoberto, hoje Porangatu, Amaro Leite, Santana, hoje Uruaçu). O povo é mais bom no Anápolis.

Esteves

15-11-1963 — Caderno “Viagens”, pp. 22-25.

Esteves {53} já foi até São Luís acompanhando outro lá dos Porquinhos. Foi junto com José Grosso, Ribeiro, Tomkaté. José Grosso e Tomkaté eram primos da mãe de Esteves. Era novo, mas era casado. Eu queria só pedir meu precisão de ferramenta. Passou por Juazeiro e foi até Salvador. Pediram só ferramenta. O governador de lá, parece que Dr. Bandeira, está sovinando comigo e não me deu nada. O capitão não sabia falar português (Zé Grosso = Txói Tomã). Um doutor arranjou passagem. Foi em Propriá e Aracaju. O prefeito arranjou passagem e foi até Penedo. Talvez já esteja grande, porque era pequena, do tamanho de Pedro Afonso. O prefeito deu passagem de caminhão para Maceió. Lá não pediu, o Txói não presta, só perdemos viagem. Txói só queria dinheiro para pagar sua dívida; devia aos padrinhos do filho dele: José Mocinho que [falta palavra] matutagem para ele. Zé Grosso tinha de pagar matutagem. Gostei de Maceió: vi um rádio grande, redondo, conversando. O governador de Maceió deu passagem até Pernambuco. Em Pernambuco, o governador deu passagem de navio e, em cinco dias de viagem, saltou em São Luís. De manhã um [p. 23→] motorzinho puxou o navio e o navio caminhou. Quando passou a maré, foi brigando mesmo; batia com pancada no navio. A maré batia e parecia que ia virar. Os índios todos estavam vomitando porque não tinham costume. Eu não, só mesmo cagando. O marinheiro disse: “Não, não tem nada não, deixa estar que eu limpo! Você não tem costume!” Ele apanhou areia, misturou e carregou. Deu remédio.

“Agora você não abre a boca, senão custa para melhorar.” Na hora de kukren [comer] está batendo chocalho. Só Esteves foi comer. Deram-lhe prato, colher, garfo, prato e dois copos: um para água, outro para café. “Tudo para você guardar e é para você. Saltaram em São Luís. O Txói falou no S.P.I. e arrumaram somente quatro carabinas usadas. Tomkaté não quis: “Não, não quero não, já estou velho, não caço mais.” Cada um levou uma. Em São Luís pegaram trem até Croatá [Coroatá]. Dali foram a pé. “A comida? Não era o prefeito ou o delegado que arrumava? Não são empregados do governo?” “Não, eu dou rancho; você é índio, você é dono da terra! Você não é bicho, como é que eu vou mandar você vai comer!” Isso diz o prefeito bom. O prefeito pede escrito. Fazem assim com todas as nações. “Você está sovinando, como você mora aqui na estrada? É melhor você ir embora! Se não eu reclamo de você em outra capital, no Rio.” “Não, não. Ele está ganhando o dinheiro na mão do go[p. 24→]verno, é para todo o pobre, é para todo o mundo.”

Logo que se chega a uma corruptela: “Quem é o prefeito?” É só o prefeito que sustenta.

Para Goiânia foram Esteves, Aloísio {35} e sua mulher (Hëktxë {36}). Artur [linguista do SIL, que morou dois anos com os craôs por volta de 1960] fez escrita para eles, mandado-os procurar em Anápolis e foi embora adiante. Chegamos em Pedro Afonso, procurei caminhão. Não havia caminhão para Tocantínia. Não mostrou nem o papel para Pedro Afonso. Foram de pé até Tocantínia. Chegaram no morador: “O Sr. é dono da casa, eu não sou cigano, não sou bicho, a fome é que manda, eu não vou mexer em nada, eu peço logo comida ao dono da casa.”

Se o prefeito é ruim, você procura logo o delegado.

Primeiramente padre foi bom para arrumar pessoa; mas agora com S.P.I.: “Primeiramente eu era pai de vocês, mas agora já tem diretor, S.P.I., o prefeito que arruma para vocês.” É só os padres daqui mesmo. De Carolina, de Pedro Afonso. Mas das outras cidades não sei; talvez arrumem.

Em Goiânia o povo não procura padre. O S.P.I. empata: “Não, eu mesmo dou as coisas, não procura outro não.” E o índio só fica dois dias e volta [p. 25→] logo.

José Aurélio

15-11-1963 — Caderno “Viagens”, pp. 19-21.

Nunca viajou. Só foi uma vez quando era rapaz, mas o cabeça da viagem não quis ir para adiante e voltou de Gilbués. Foram Abel {395} (cabeça), o finado Moisés {1006} e Zé Aurélio {138}. Abel não quis ir para a frente porque já deixou a mulher buchuda [grávida] e tinha medo que a mulher parisse e ele comesse as coi[p.20→]sas que fizessem mal à criança. E eu não queria voltar sem nada, mas era o jeito. Foi no tempo que os jagunços atacaram e roubaram o palácio em Porto Nacional. E Zé Aurélio viu a polícia lá em Sta. Vitória, fronteira a Filomena (Sta. Vitória em Goiás e Filomena no Maranhão). Só não gostei porque não arrumei nada, sem trazer ferro nenhum. Nós íamos indo para o Rio de Janeiro. Abel não deixou eles continuar porque ficou com medo dos parentes dos outros dois xingarem. Abel já era casado, e Zé Aurélio ainda não e pensava em arranjar alguma coisa para casar. O capitão da polícia convidou para ir a São Luís. Zé Aurélio queria ir, mas Abel não queria deixar. Tinha medo que Atorkó [José Aurélio] levasse bala. A polícia estava tomando armas dos jagunços, o motor estava cheio de armas. Um cabo ainda levou uma facada do jagunço.

O índio viaja atrás das precisão, porque nós já estamos quase acostumando com os artigos do cristão. Eu nunca viajei, sempre trabalho e compro com o meu suor.

Agora estou com vontade de viajar por causa da mulher que está doente. Mas eu tenho direito de viajar. Dizem que a viagem está proibido, porque índio sai pedindo e chega aqui vende as coisas. Eu ainda vou falar com Cândido [chefe do posto indígena] e ver o que [p.21→] ele vai me dizer. Não vou sair calado, vou falar com o encarregado. Porque eu não vou bestar, eu vou tratar de mim e de minha mulher. Eu vou a São Paulo. Só quero ir a São Paulo.

Os índios vendem aos cristãos aos que conseguem, não sei por que. O ferro, se você não vender, você vai trabalhar toda vida, você tem toda coisa que nós usa. Vendendo, você pode estar com o dinheiro, mas gasta-o e acaba.

Os de longe não viram vida de índio e eles acreditam que o índio era o primeiro dono dessas terras; e o cristão foi tomando e o cristão foi sempre aprendendo a ler. De primeiro não havia cristão por aqui que não soubesse ler, mas agora estão aprendendo. Ainda tem deles que não sabe ler. Mas nós não somos assim.

O povo de Pedro Afonso não gosta dos índios. Os velhos de Carolina gostavam, mas os filhos não gostam mais. Aqui de primeiro o finado Agostinho [Soares] era amigo e dava um boiote [pouco legível]. Mas o velho Agostinho morreu e o filho dele não gostava os índios e atacou os índios [em 1940].

Cristão não sabe brigar não. Os índios se estam [pouco legível] de valentia, matavam cristão de qualquer maneira. Nesse tempo os cristãos se iam entregar na mão dos índios, mas os índios não tiveram coragem. Os índios agora têm medo de morrer.

Pedro Penõ

Pedro Penõ {158} era chefe da aldeia que chamei do Posto, pois ser a mais próxima do mesmo, cerca de uma légua. Seu tio materno, Marcão {195}, fora o chefe anterior, dela se afastando com uma parte de seus moradores, para criar mais adiante a aldeia de Pedra Branca. Penõ foi um dos craôs que mais me ajudou na pesquisa.

16-11-1963 — Caderno “Viagens”, pp. 35-45.

Penõ foi para Goiânia com “Chefe”. Embarcou em Miracema. Encontrou com “Chefe” em Miracema. Iam com Amazonas {60}, Zé Nogueira {56}, Lourenço {75}. Estiveram uma semana no Gurupi. Zé Nogueira endoidou, ficou com medo do barulho. Porque eles lá chamam de “caboco” os cristãos e o bêbado dizia: “Eu pego aqueles caboco e sapeco bala” (referindo-se a cristãos). Zé Nogueira ficou com medo, endoidou e [p.36→] correu. Lourenço também veio embora. Convidaram a Amazonas e ele não quis ir. Zé Nogueira: “Eu não vim para morrer não, eu vim para ganhar coisa.” Os xerentes quase o matavam. Zé Nogueira subiu, subiu na serra e os xerentes atrás, de noite, ele entrou num loco de pedra e ficou. Os xerentes procuraram e desceram. Cercaram a serra de fogo, esperando-o, em torno de toda a serra. Zé Nogueira não é bicho; Zé Nogueira saiu quando a estrela [pouco legível] grande saiu. Passou entre dois fogos e entrou no mato e se escondeu. De manhã tornaram a caçá-lo. Ele ficou até meio-dia. Procurou a estrada para cá do Tocantins e foi na casa de um homem muito bom para o índio e este tratou ele, deu de comer, passou dois dias. Arrumou a comida para ele e mandou-o embora. Veio na estrada de rodagem toda vida. Lourenço alcançou Zé Nogueira perto de Pedro Afonso. (Tinha ajuntado muito xerente, e foguete pipocando e Cesário perguntou para o outro: “Já fez serviço? Se fosse eu, eu na mesma hora eu quebro.” Zé Nogueira

escutava porque entende xerente, que a mulher dele ensina. Aí veio cristão de Tocantínia e falou para a mulher: “Como vão fazer com esses índios, é para quebrar de borduna ou matar de bala?” Uma mulher falou: “Eh, [p.37→] não vai mais para a aldeia, aqui ele acaba o rastro. “Que hora?” “É hoje mesmo de tarde.” Disse o cristão: “Pois eu quero ficar aqui para ver como é que faz.” “Como vai, compadre, quando você vai?” “Quando ficar bom.” “Oh compadre, quando dá fé você fica aí, essa febre, quando dá, não escapa não. Zé Nogueira já estava sabendo e ficou com medo. E Lourenço, que sabia desse ponto [pouco legível] e não avisou Zé Nogueira, saiu calado. Os xerentes não queriam matar Lourenço, e falaram com este para sair e deixar Zé Nogueira. Quando eu vim de volta de Goiânia, procurei o rastro e fiquei na aldeia deles. Queriam que nós assistíssemos a festa. Penõ recusou porque seus rapazes estavam com saudades das mulheres. “É, rapaziada, é assim mesmo, vocês podem ir.” O capitão deles falou que ele não queria que Penõ fizesse com ele como Lourenço e Zé Nogueira não. Queria que saísse o dia que quisesse porque os outros saíram sem dizer adeus. Porque soltaram foguetes e os dois saíram. “É, não sei não, Zé Nogueira é assim mesmo, ele é meio medroso, ele fez assim comigo no Gurupi. Comigo, se um quiser me maltratar, eu não me importo, pode fazer o que quer, nós somos do mesmo sangue, e eu sou o capitão da aldeia, não vi se o seu pessoal correu com ele ou ele ficou doido, mas eu chegando na aldeia eu não vou sair antes do capitão da aldeia me despachar, mas não saio calado, [p.38→] porque, se alguma tribo quer fazer maltrato comigo, faz, ele não vai poder [pouco legível], porque hoje todo capitão tem valor, é enxergado. Nós que somos capitão é tudo enxergado. Quando foi no outro dia nós saímos para cá. Quando cheguei aqui Zé Nogueira me contou tudo que eles correram com ele.

Em Goiânia Amazonas adoeceu e não pôde continuar a viagem. Amazonas estranhou o pessoal porque era muito povo, muita gente. Saiu em três dias. Quando saiu com ele, ele ficou bom depressa. “Ah, pensei, é de medo.” Porque o índio estranha quando vai a primeira vez.

Era no tempo do Governador Juca Feliciano; o Marinon era chefe da inspetoria. Estavam Penõ, José Ayehi {2} e Amazonas: deu enxada, machado e facão para cada um e deu a Penõ 800 cr. para compras.

Nesse relato de Penõ deixa em dúvida se a perseguição de Zé Nogueira pelos xerentes realmente aconteceu ou foi decorrência da interpretação por ele dos gestos e atitudes dos anfitriões. Zé Nogueira era casado com uma mulher xerente e Lourenço, que pareceu participar de seus receios, tinha ascendência xerente. Amazonas, se não se sentiu ameaçado pelos xerentes, mostrou-se apreensivo em Goiânia.

Na outra vez foi para Brasília. Pegou no Cercadinho caminhão do Jerônimo Mineiro: iam Penõ, Zé Cadete {89} e Emiliano {167} [filhos de Penõ]. Foram Kríru {154}, Jaime {153} e Ayehi, mas voltaram de Miracema. Porque eles viram que Penõ brigou no [com] Castelo Branco em Miracema. Nós arranchamos na casa do prefeito, que é meu amigo, Oribe, genro do Manoel Perna⁹. Estavam jantando quando o Castelo [p.39→] Branco chegou. Vinha deixar o remédio no Posto do xerente e voltou. Bateu na porta. O empregado foi ver quem era. “É o inspetor dos índios!” “Pois deixa ele entrar!” Quando chegou, falou com o prefeito e a mulher dele: “Onde é que esses índios vão?” “Vão aonde está o papai deles para falar para eles arranjar ferro.” “Esses índios não vão não, volta daqui mesmo! Os índios não pode viajar não.” A mulher do prefeito: “Você não foi deixar remédio na aldeia deles, pois senão não teria vindo já.” “Não, eu não vou, eu para voltar daqui sem nenhum ferrinho, eu não vou não. Por que você proibiu a viagem dos índios? Fazem promessa que as coisas vão, mas não aparecem. Por isso eu não espero

⁹ Já referido em outro depoimento como antigo “diretor” dos índios em Carolina (D2, p.383).

mais, eu vou mesmo. Eu não sou criminoso, não sou valentão, não sou brigador. Nunca vi o empregado da inspetoria falar com grito com índio sempre fala com grito, fala manso.” “Pois se o índio teimar, não é mais índio não. Vai para o tronco, ou não sei como vai ficar.” “Faça como quiser, eu não vou fazer valentia, eu não vou brigar, quero ganhar algo na cidade para mostrar para a mulher, para os filhos. Por isso que eu falo, vou chegando devagar para lá. Eu vou ver o jeito da inspetoria e vou falar para o Kubitschek, porque, se não me atendem em Goiânia, eu vou para qualquer lugar.” “Se índio teimar em ir lá, eu não [p.40→] dou nem uma agulha, nem um toco de cigarro.” “O Sr. espere eu chegar lá, eu sou bruto mas eu conheço [palavra repetida] os bons, conheço os maus, com gente carrancuda eu não vou encostar para não me morder.” Eu disse até logo e ele não me respondeu. Eu ainda fui atrás dele. “Seu Castelo Branco, o Sr. não faça isso, onde o Sr. está arranchado, eu quero saber de [palavra ilegível].” “Eu não tenho rancho não”. “Então vá-se embora!”. O prefeito disse: “Você pode ir porque não prendem não, eu estive em Goiânia agora e sei que querem espantar vocês. O prefeito estava pertinho [palavra pouco legível] do Castelo Branco; a mulher dele também. “Eu sempre trabalho do lado de vocês porque meu sogro era amigo de vocês!”

De manhã saiu, pegou o carro até o Cercadinho. Aí arranhou passagem com Jerônimo Mineiro, homenzinho muito bom, gostava de índio; dormiram em Gurupi. Saíram de novo, dormiram no entroncamento do Formoso. Viajaram. Dormiram para lá de Ceres. Não sei o nome dessa cidade. Na porta da casa eu vi o nome Landi. De manhã às 8 horas chegamos em Anápolis. Arranhou passagem para Brasília. Andou por lá. Um americano veio e perguntou e ele, capitão, disse: “Eu vim aqui porque estou precisando escola, precisando professor.” [p. 41→] “Mas olha, capitão, você vai lá na Novacap e você fala com o presidente de lá.” “Eu vou; é a primeira vez que venho, estou aprendendo ainda.” Aí eu fui no INIC da Novacap e conversei com a delegacia. “Está bem, eu arrumo, mas vocês têm o Proteção.” “É, o Sr. quer saber, o Sr. me dê licença, eu vou falar devagar. Eu ia procurar o Proteção dos Índios, mas eu, topando com o diretor, que é o protetor dos índios, com valentão em cima de mim, falando de me prender, porque todos vocês brancos tratam os índios como bicho, mas eu não sou bicho, mas meu compreensão já é mais do que os outros, e assim ele brigou comigo no Miracema e, se eu acompanhasse ele, eu não sou mais índio, não sei o que iam fazer comigo. Isso não é para pessoa que quer ser pai dos índios. Índio que chega no Proteção quer arrumar coisa com alegria, e não é muita coisa não, é com pouca coisinha para enganar os índios e índio fica muito alegre. Mas como brigou comigo não adianta acompanhá-lo. E assim eu procurei Brasília, que é o pé de todo o Brasil, se eu não encontrar em Brasília, onde é que vou encontrar?” “Mas, ora, como é que um homem desse pega 20 milhões para fazer auxílio dos índios e faz isso? Mas ele não vai cheirar mais esse dinheiro não. Se você não viesse dizer, ele ainda ia pegar [p. 42→] dinheiro. Uma moça falou: “Não, vamos fazer operação para eles; deixe isso para lá, que a inspetoria deles só serve para fazer isso.” Quando passou umas três semanas chegou uma revista no Helmos Prestes e o Dr. Alcino veio e me chamou [palavra pouco legível]: “Olha, capitão, você reclamou do homem, ele já está para a rua.” “Ah, pois é, é assim que ele queria.” Aí eu fiquei em Brasília três meses e aí voltei. Lá tirei meus dinheirinhos. Ficou três meses em barraca, comendo junto com o povo que trabalhava. Nesse tempo era cheio de trabalhador de todas as capitais: Ceará, Salvador, Piauí, mineiro, maranhense, pernambucano, italiano, espanhol. Comia nesse SAPS do povo. No outro dia ia comer na casa do homem. O pessoal me gostou muito. “O Sr. vai passar o dia lá conosco.” Aí eu ia, almoçava e voltava. Depois eu já estava aí na lembrança do povo e disse: “Bem, agora eu vou embora!” “Eh, você sai, nós vamos sentir falta, vocês não são brabos, nós estamos gostando, o homem quer dar uma casa para você morar aqui.” “Não, não adianta, minha família não vem!” “Não, você deixa outro capitão.” Na

cidade livre um homem arranhou um ônibus até Anápolis, onde dormiram, arrumaram as precisões e pegaram ônibus até Ceres. Daí de carro até Porangatu. Daí ou [p. 43→]tro até Alvorada. Outro até Crixá. Lá passamos uma semana porque Emiliano adoeceu; bem a gente pegava peixe, vendia. Quando melhorou, pegamos carro até Miracema. Aí o prefeito queria arranjar uma passagem, mas nós já estávamos muito avexado e viemos a pé até aqui.

Em Ceres o pessoal é muito bom e as casas são maiores que as de cá. Estrela do Norte também gostei. Lá o pessoal me deu muito kukren [comida]. Só achei povo ruim em Tocantínia. Aí eu troquei língua com o prefeito. Não queria dar rancho: “O que você serve para um passageiro quando chega aqui? O Sr. deve ter tudo porque toda cidade que o índio chega é com o prefeito, o juiz, o delegado. Porque, se o prefeito não dá, aonde a gente vai?” “É, eu arranjo uma casa, mas a bóia eu não tenho.” “Mas o Sr. deve arranjar um dinheirinho para a gente comprar a bóia.” Então ele arranhou 200 cr. Em Alvorada ia almoçar na casa de um, jantar na casa de outro. Em Porangatu não demorei e não comi lá por isso. Em Uruaçu já comi duas vezes. Lá eu como na pensão. Quando o índio chega, eles convidam para almoçar.

Em Pedro Afonso é só mesmo comprando. Arranhei 400 cr. com um homem de Brasília que recolheu dos companheiros. Ele lhe disse para não ter vergonha de pedir porque Penõ [p. 44→] (os índios) eram donos da terra. Em Pedro Afonso e Itacajá não se arruma nada: é povo do sertão que ajuntou aí em Itacajá. Eu talvez eu vou e vou procurar pensão: “É do S.P.I.”, uma mulherzinha falou. Esse povo ainda engana os índios com pele de caça; eles compram barato, mas vão fazer mais dinheiro. No tempo da colheita de legume diziam: “Você traz, você traz.” O Pimentel: “Olha, eu encomendo a você para guardar seu legume e vender só quando estiver mais caro.”

Em Brasília lhe disseram que, se ficasse mais tempo, ele iria ganhar mais coisa e um prometeu-lhe até de lhe trazer de caminhão até sua terra. Nesse tempo não tinha miçanga em Brasília. Eu cacei [procurei] muito. Uma moça disse: “Olha, capitão, quando você vier outra vez, já vai ter muito kenré [miçanga] na minha loja.

Os índios primeiro não viajavam de medo. Só o capitão viajava.

Quando era menino, foi ao Rio com Davi {172} e José Pinto {150}¹⁰. Marcão {195} ficou com Aniceto (Mampok) {189} em Leopoldina. Embarcaram de noite de São Paulo para o Rio. Falaram com o Getúlio Vargas. Nesse tempo nós era muito besta, mas nós conversa. Fomos ao Cel. [coronel?]. Do Cel. fomos ao [p. 45→] S.P.I., onde estava o Gen. Rondon. Depois fomos para a casa de uma mulher, D. Luísa. O S.P.I. ficava debaixo de um morrão, com um “santo” em cima. Ganhamos um caixote grande de machado, enxada, facão, foice, coberta, rede, anzol, colin [facão Collins], preto [?], roupa, mercadoria, remédio. Embarcaram de Anápolis até Santana (Uruaçu) de caminhão. Daí para adiante não tinha mais caminhão; acabou a estrada. Vieram trazendo as coisas nas costas. Ganhamos espingardas e nesse tempo era menino e gostava de caçar com espingarda. Aonde arranchavam, ele caçava. O filho que mais puxou de mim como caçador é o Emiliano {167}.

16-11-1963 — Diário D2, p. 373

Penõ falou-me de uma discussão que teve com Miranda em Goiânia ou em Brasília. Disse que o governo amansa os índios e os índios se acostumam com as coisas dos

¹⁰ Essa viagem parece ser a mesma realizada pelos irmãos Marcão, Davi e José Pinto, e relatada em D1, pp. 519-520. Eles eram tios maternos dos irmãos Pedro Penõ e Aniceto (Mampok).

civilizados e vão pedir; se o governo deixasse os índios bravos, eles não sentiriam falta de nada. Miranda não queria deixar Penõ passear, mas ele não quis obedecer. Disse-me Penõ que o pessoal do S.P.I. já está todo combinado: é só aparecer um índio lá em Brasília, logo se bate o telefone, aparecem logo os funcionários do Serviço, levam o índio e lhe dão passagem de volta.

22-2-1967 — Diário D4, p. 160-161

Numa de suas viagens, quando era pequeno, Penõ pegou febre e ficou muito fraco. Em sonho um homem lhe apareceu, ensinou-lhe uma certa raiz de pau, que deveria partir em quatro, cozinhar e tomar um pouco do caldo, só uma vez. Penõ acordou e mandou sua mãe fazer e a febre passou. Depois sonhou com o homem outra vez, que lhe mandava tomar um chá de urucu para limpar a barriga. Penõ acordou, era de tarde, tomou o chá. Deu uma diarreia. Passou logo. Tornou a sonhar com o homem, que agora lhe trazia uma escada para que ele fugisse pelo telhado. O quarto em que estava era escuro. Penõ, em sonho, fugiu pelo telhado. Lá fora foi perseguido, agarrado e posto no quarto novamente. Tornou a sonhar: o homem mandava que fizesse um furo na parede e fugisse. Deu-lhe um facão, recomendando que cortasse quem o perseguisse. Penõ furou a parede com uma cavadeira. O povo estava em festa. Quando o viram o perseguiram. Cortou uma porção de gente com o facão e conseguiu escapar.

Penõ contou como fez uma viagem a Goiânia a pé. Como passou pela casa de um fazendeiro cuja esposa tinha sido morta pelos [p. 161→] índios Canoeiros.

19-7-1967 — Diário D5, p. 14

Penõ, contando uma de suas viagens, disse que foi trazido por um motorista já velho como Chico Velho. O velho disse que vinha casar na aldeia, então Penõ lhe respondeu que para casar na aldeia o sogro manda o genro pegar uma onça pelo rabo e matá-la a cacete, ou então pegar um veado na carreira. Isso mostra que os próprios índios são responsáveis por muitas descrições falsas do casamento indígena.

1-8-1967 — Diário D5, p. 80

Penõ contou que em Goiânia a dona da pensão lhe pediu que fizesse algo para os fregueses voltarem e também para o marido dela voltar. Ele pôs pena pequena de asas de juriti na fechadura da porta. Um outro homem pediu que fizesse voltar sua mulher e Penõ usou uma raiz. Também na Charqueada um homem pediu a Penõ que fizesse voltar sua mulher; para o que Penõ pediu 30 [pouco legível] contos. À dona da pensão cobrou 25 contos.

13-3-1971 — Diário D6, pp. 137-138

Penõ contou que quando esteve em Goiânia foi levado a Anápolis por um homem que o levou para ver um “trabalho”. Pela descrição devia de ser algum terreiro de macumba. Insistiram com Penõ que ele atendesse alguns. Um homem que estava sem ganho, uma moça que queria casar. Ao primeiro disse que seu ganho chegaria dentro de duas semanas; à moça disse que em breve casaria. A dona de uma pensão, abandonada pelo marido e sem fregueses, levou-o lá e ele predisse que seu marido voltaria ou ela arranjará [p. 138→] outro homem dentro de quatro dias. Penõ atendeu porque insistiam, diziam que o índio conhece mais que qualquer doutor. Penõ acha que isso era assim com índio antigo. Ganhou muito dinheiro, mas tinha medo que aquilo que predizia não acontecesse. No “trabalho” o pessoal dizia que falava língua tupi.

Aniceto e Benvinda

24-10-1963 — D2, p. 223

Benvinda {11} falou-me que o marido trouxe pouco pano da viagem a Natal e quase tudo o que trouxe deu para os parentes dele. A máquina de costura que ele trouxe já fora pedida por ela na viagem anterior em Natal.

24-10-1963 — D2, pp. 225-226

Aniceto {10} contou-me que ele, Pascoal {38}, Juarez {163}, Clóvis {144}, Txõpró {12} partiram para Carolina em maio. Lá ele pediu para sua comadre (madrinha de Kinkin {15}), um bogozinho que vendeu por 3.000 cr. Com esse dinheiro comeram em Carolina e Juarez ainda voltou para a aldeia trazendo pano, calça, calção e ficou junto com Krĩtxë {14} tratando da Benvinda na aldeia, caçando para ela etc. Os outros partiram para Riachão, Balsas, Mangabeira, S. Domingos, Pastos Bons, João dos Patos, Barão, Floriano, “Rueiro”, Picos, “63”, Crato, Juazeiro, Iguatu, Souza, Mossoró, Natal. Com exceção de Carolina arranhou alimento grátis em todas. “Onde você chega vai para o quartel e tem comida, diz Aniceto. Viajaram de cidade a cidade de ônibus, caminhão, trem... Ficaram em Natal até agosto. Dormiam no albergue noturno. Comiam na casa do vereador Aloísio, que trabalhava no palácio. Aniceto ganhou na Assembléia 5 mil cruzeiros; na Câmara, 10 mil; no Clube dos Caçadores, 5.000 e no Ministério da Agricultura, 5 mil. O prefeito de Natal prometeu espingarda para Pascoal, mas não deu: só arranhou 5 contos em dinheiro. O governador deu máquina de costura e passagem de avião. Vieram de avião até Belém. Daí de caminhão até o Estreito, de onde vieram a pé até a aldeia. Pascoal ganhou espingarda de cartucho em Par[p. 226→]na-mirim, perto de Natal. Trocou-a em Carolina (digo, perto de Carolina) por uma espingarda de espoleta, recebendo ainda a diferença de 16 mil cr. Com isso gastou 10 mil cr. em duas espingardas em Carolina e deu mil para Aniceto e mil para Txopó com o que compraram comida em Carolina, arranchando fora da cidade na barraca de um homem pobre, chamado Luís. Do Estreito para cá vieram comendo farinha comprada e caça. Toninho, parente de sua mulher, levou para si uma das espingardas de Aniceto, tomando-a em Carolina mesmo. De Clóvis ele levou um facão. Diz Aniceto: “Natal não falta nada para nós não.”

Reclamou Aniceto que os funcionários do S.P.I. em Belém comiam na mesa com ele, tratavam bem, dão espingardas de cartucho a seus índios. Dodanin, “esse merda”, não dá essa atenção.

25-10-1963 — D2, pp. 233-235

Aniceto nunca bateu em Benvinda, só mesmo bateu boca e por isso nunca os parentes dela tomaram nada dele. Também, entre os Apinayé, não há o costume de pedir pagamento ao marido da parenta. Entretanto, agora em Carolina, Toninho levou o pagamento de Benvinda e Dalva: duas espingardas. Benvinda espera que um parente seu venha de Boa Vista para cobrar a Clóvis {144} pela briga com Dalva {12}. Diz pois Benvinda que Aniceto pode separar-se dela e perder assim o que deu por ela, mas ela não pode separar-se dele, pois: “Ele já comprou eu! Eu morro aqui! Tudo pago, quando a mãe e o pai da mulher morre, tudo é do marido.”

A espingarda que Kasi [Kasiat] {17} deu por Pina {13} foi paga por Itxëk (Esteves) {53}. Ha’póro (Pascoal) {38} deu por sua mulher uma espingarda e um machado para Tukapri {35}; dois facões. Juarez não foi o pri[p. 234→]meiro a “mexer” em sua mulher: foi Antoninho {194}. Por isso, o que a família dele está pagando por ela, não se refere ao defloramento, mas ao primeiro filho. Benvinda deu por isso uma espingarda para Penõ

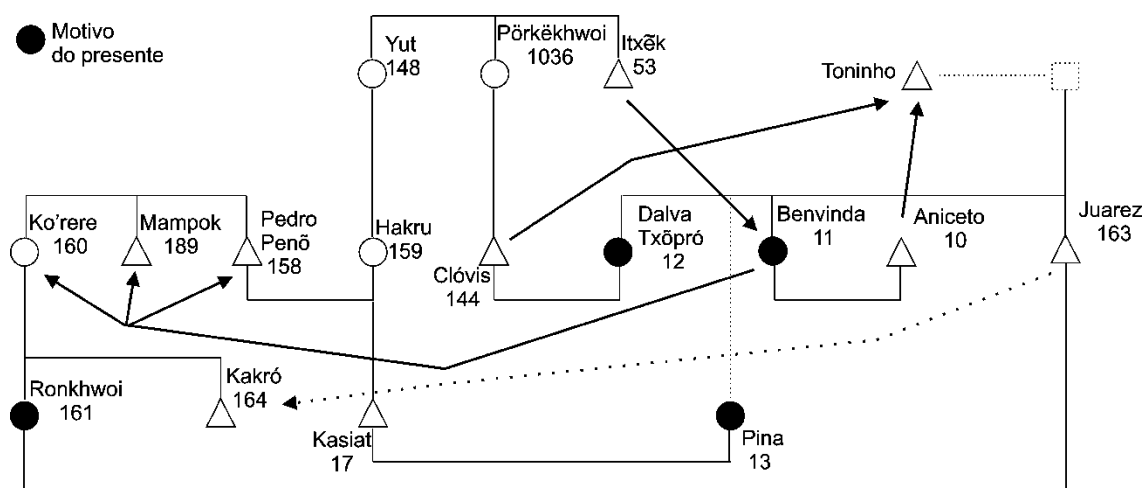
{158}, uma para Mampok {189} e uma panela para Ko'riere {160}. Kacró {164} ainda não recebeu e Juarez vai plantar sua roça e aí vai para a cidade, viajar e quando voltar traz pagamento de Kacró. Benvinda apontou explicitamente a função dessas grandes viagens: “Viaja-se muito para se pagar o que se deve porque eles (os credores) ‘apertam’.” Bernardo {18} voltou de São Paulo e trouxe Flaubert para Rondon {22}, como pagamento de Kwömpe {19}. Kasi está agora viajando para pagar Pina. Foi seu irmão Kuheke (Martinho) {73} que deflorou Pina {13}, mas Kasi {17} ficou com ela, e embora não tenha filhos, vai pagar, pois seu irmão, Martinho, não pagou. Kasi foi com o Chico Novo {146}. Este tem de pagar a Penõ, pois se ele não viajasse, sua mulher, Pika {147}, ao chegar, não teria morrido. Quando a mulher morre, o marido tem de pagar o que deve para ser despachado. Quando o marido morre, a mulher tem de ficar na casa da sogra até ser despachada, ocasião em que recebe o que ainda era devido pelo marido.

O esquema abaixo é uma tentativa de dar uma solução gráfica a alguns presentes dados, por motivo de relações matrimoniais. Nota-se que estão envolvidos três segmentos residenciais da aldeia dirigida por Pedro Penõ.

À direita está representado aquele de Benvinda e seus irmãos. Eles são todos apinajés. Não sei traçar as relações genealógicas entre todos, como a ligação que tem com ele Toninho, apinajé que morava em sua terra e toma espingardas de Aniceto e Clóvis como pagamento respectivamente por Benvinda e Dalva {Txõpró}. Benvinda se assume como recebedora e doadora de presentes, mas as espingardas devem ter sido recebidas e doadas por homens. Assim, a espingarda paga por Itxäk (devido ao casamento de Kasiat, filho da filha de sua irmã, com Pina), provavelmente foi passada a Juarez, irmão de Benvinda, ou quiçá a Pascoal, filho dela.

À esquerda está o segmento de nascimento de Penõ e seus irmãos, que recebem presentes do segmento de Benvinda por motivo do casamento de Juarez com Ronkhwoi. Kacró, irmão desta última, estava ainda esperando o pagamento de Juarez..

No centro está o segmento de Itxäk e da filha de sua irmã, esposa de Penõ.



23-11-1963 — D2, p. 420

Aniceto velho {10} veio declarar-me de manhã que estava acabando de plantar a roça para ir a São Paulo. Benvinda quer por força ir a Boa Vista, mas Aniceto falou com ela que, quando voltasse de São Paulo, traria as coisas para ela. Mas não adiantou. Pelo

que disse ele, Benvinda {11} não vai separar-se dele; ela volta. Aniceto, antes de ir para São Paulo ainda vai comer melancia, pois não quer deixar para outro comer não.

5-12-1963 — D2, p. 510

Penõ {158} e Aniceto {10} ficaram ainda conversando na praça depois de muito tempo. Penõ contou-me que Aniceto estava-lhe dizendo que Benvinda {11} não queria mais deitar com ele, dizendo que viver separados seria o melhor. De manhã mesmo Aniceto se retirou em viagem e Penõ me afirmou não saber de nada.

Patrício Chiquinho

1-12-1963 — D2, pp. 489-490

Fui à casa de Patrício Chiquinho {95}. Ele me disse que gosta de morar na cidade, onde se escuta rádio e se faz toda a coisa. Quer ver o Museu. Quer ver o búfalo, animal a que o Haroldo [Harald Schultz] se referiu aqui na aldeia. Sandoval [um sertanejo] lhe falou para sair da aldeia. Procurará um doutor para lhe ensinar remédio de dente. Vai sair da aldeia para criar porco, criar galinha. Aqui na aldeia também se cria, mas quando se sai do lugar, raposa ou gato comem. Vai morar fora da aldeia, mas deixará uma casa dentro da aldeia para vir para ela em tempo de festa. Se sair não vai ficar com saudade porque tem muitos sobrinhos. Quer pô-los [p. 490→] no colégio; quer pôr Hokrëkrëk {102}, Hoti {101} e Atórkã {100} para estudar para ficar sabido. Se morasse fora da aldeia, os meninos sob sua responsabilidade não furariam mais as orelhas. Mas depois corrigiu: “Não sei, eles é que sabem.” Afirmou que quase que passou a morar sozinho junto com João Delfino {201}, na roça, no caminho que vai para o Marcão {195}. Ambos estavam com suas mulheres. Porém seu cunhado Davi {172} foi buscá-lo para ver sua mãe Poyói {possivelmente outro nome de Khui, 1117}, que estava em vésperas de morrer. A aldeia ficava então naquela tapera onde há pés de manga. E Chiquinho voltou à aldeia. Dez dias depois sua mãe morreu. Diz que agora ninguém o impede de sair a não ser a caçula de sua mãe, que está com pena dele. Mas assim que ela morrer, ele vira kupê [civilizado], corta o cabelo, vai tomar muita bebida na festa, vai trabalhar, vai vender no Vau [Itacajá], em Pedro Afonso. Vai ao Rio, vai levar abóbora ou milho para apresentar ao Presidente do Rio para trazer ao menos ferros (ferramentas) para cá. Acha melhor a dança dos cristãos porque eles dançam junto com as mulheres e os índios dançam separados. Quando porém me lembro que outro dia Chiquinho me dizia que queria aprender a tratar dos dentes com um dentista para vir trabalhar aqui, penso que não há muita sinceridade no que disse hoje.

27-11-1963 — D2, pp. 449-450

Dei então uma volta pela aldeia e fiquei na casa de [Patrício] Chiquinho. Conversando comigo disse-me que lá em Petrópolis, se aparecer um índio, não o deixam mais voltar, porque nunca apareceu índio lá; o governador de lá vai querer mostrar tudo. Quer também aprender a fazer serviço de dentista. Um dentista [p. 450→] chamado Dr. Nelson lhe ensinou alguma coisa quando estava aqui e deixou-lhe algum remédio. Mas acabou o remédio e Chiquinho já está cansado de tirar dente com facão.

Joaquim {106}

Vilma Chiara inicia seu artigo “Folclore Krahó” (*Revista do Museu Paulista*, Nova Série, vol 13, pp. 333-375, 1961/62) dizendo que o material nele apresentado foi conseguido com Joaquim Kraxet, quando ele foi seu hóspede em São Paulo, junto com sua esposa e filho de um ano e meio, de

novembro de 1959 a fevereiro de 1960. Certamente o comentário sobre seu cabelo que ele faz na transcrição a seguir teve lugar nessa estadia na cidade.

18-10-1962 — D1, pp. 231-232

Disse Joaquim que viu no Museu em Salvador que kupê [civilizado, “cristão”] antigo usava cabelo comprido. Não sabe de onde veio essa ideia de cortar o cabelo. Disse que os cristãos zombam do índio que tem cabelo comprido. Em São Paulo um falou que ele tinha cabelo comprido e Joaquim zangou logo. Os outros cristãos vieram to[p. 232→]dos em seu auxílio falando ao ofensor que o respeitassem, que índio é o dono do Brasil etc. Aliás Basílio {121} acha viajar a coisa mais fácil deste mundo: é só arranjar um suprimento de guias [cartas de apresentação] e pronto.

14-11-1963 — Caderno “Viagens”, pp. 6-11

Esse ano foi em Minas. Foi com a mulher, o Alcides {96}, a mulher dele {99}; Pika Pempkhwoi e Pího¹¹. Foram de pé até Boa Sorte. Não tinha transporte. O prefeito deu somente documento; deu 450 cr., dizendo que não tinha dinheiro, que a verba não tinha chegado. Me deu para mim porque eu é que sou a cabeça da turma (Boa Sorte parece que é Lizarda). Daí foi para Gilbués de pé. Dormiam nas casas dos moradores e arrumavam comida na casa. O morador não queria dinheiro, falavam que os índios são donos do Brasil, são donos da terra, e arrumavam tudo. Viagem de quatro dias. De fato, mesmo porque nós somos primeiro e vocês são derradeiro. Quando os índios saíram, não tem nem cristão, nada, nada, só os índios mesmo. Demoraram dois dias em Gilbués. O prefeito deu 1.200 cr. O padre também deu uns 500 cr. para mim. Arrumou passagem, mas o carro era muito cheio e o prefeito falou que nós estávamos levando menino e a estrada é ruim demais, e nós fomos a pé até Parnaguá. Chegados de tarde, fomos ao prefeito; ele arrumou uma casa; pe[p.7→]di passagem e ele deu passagem de caminhão até Curimatá. Arroz não falta, toucinho não falta, carne não falta, bode não falta, abóbora, estas verduras. O prefeito de Curimatá arranhou passagem de caminhão para Buriti. O prefeito de Curimatá é muito bom; disse que, quando eu passar lá de novo, ele arruma tudo, porque o dinheiro ainda não chegou. Lá não tem prefeito, por isso não tirei atestados¹². Passamos quatro dias. Foram de caminhão até cidade da Barra. O prefeito de lá é bom, mas o tesoureiro é ruim demais. “Bem, vocês não quer dar passagem para nós, então vocês arrumam tudo o que nós precisamos, assim nós voltamos daqui. Ele então ficou com medo e arrumou passagem até Morpará. O prefeito é novinho e entrou agora. Para dar as coisas e comidas, não tem para dar: café, açúcar, peixe, carne. No dia que o vapor subiu, deu passagem para mim de vapor. Foram até Ibotirama. O secretário deu passagem até Manga, de vapor. Em Manga comprou passagem de quatro pessoas para Coca, pagando 970 cr. Isso porque o prefeito não estava e nem o delegado. Lá pagou passagem até Januária (2.255 cr.). Em Januária eu falei com o motorista e ele falou com o comandante e este perguntou: “Para onde você vai?” “Pirapora.” “Bem, [p.8→] eu mesmo pago até Pirapora. Pagou 3.070 cr. Aí o prefeito arrumou pano, dinheiro, passagem de trem até Belo Horizonte.

Assistimos a festa de 6 de agosto em Bom Jesus da Lapa. Foi o governador da Bahia. Não foi muito bom porque o foguete pegou muita gente e o povo ficou com medo,

¹¹ Eram certamente as filhas de Joaquim e de Alcides, chamadas respectivamente de Pika Pempkhwoi {115} e Pího {105}, ambas então com uns três anos de idade.

¹² Suponho que se refira à falta de prefeito em Buriti, local para o qual o prefeito de Curimatá arranhou passagem.

dizendo que o chão mesmo pegou fogo. O povo ficou com medo. Até Alcides correu com a mulher dele. Morreram dois, e três ficaram muito doentes¹³.

Chegamos de noite e Joaquim pediu a Frederico para levar para a casa dele. Frederico vende galinha, ovos, laranja. Depois foram ver o governador e não viram. Só estava o secretário etc. O governo estava no Rio, ia chegar 4ª feira. Na 4ª não estava. Aí saíram no jornal. Não fizeram nada. Só quatro enxadas. Foram no prefeito. Ele sempre garantiu umas ferramentas e roupa. Depois foram no outro governador (não sei do nome dele). Esse deu sempre as ferramentas: deu dois machados, duas enxadas, dois enxadões, dois facões, duas chibangas (tipo de enxada). Passaram quase um mês. Queriam arrancar no albergue, mas a comida era ruim, era só sopa, não sou doente para comer sopa. O dinheiro que nós arrumávamos lá era só para comprar o de comer. [p.9→] Dormiam na casa do Frederico. Este não arranjava comida, era pobrezinho, devia muito, o patrão não lhe tinha dado dinheiro ainda. De Belo Horizonte pegou trem até Uberaba. De Uberaba até outra cidade e daí para Anápolis, sempre de trem. Em Anápolis o prefeito deu passagem até Ceres. Em Ceres o prefeito deu passagem de ônibus até Gurupi. De Gurupi arranjei passagem até Guará. De Guará de caminhão até Tupirama. Lá atravessou em canoa para Pedro Afonso. Lá esperou três dias pelo caminhão de Itacajá e então viajou a pé para cá. Em Itacajá o prefeitinho é bom. Quando a gente está com fome, a gente aperta ele e ele dá 100 ou 200. Em Uberaba comprou uma espingarda (a 5.000). A de Alcides foi comprada em Pedro Afonso (por 4.200). Vieram arrumando dinheiro na estrada para comprá-la.

Em Belo Horizonte gostei da cidade, mas não pessoal. As coisas caras demais, arroz, galinha, carne de porco, carne de gado, banana. Em Belo Horizonte parece que eu gastei uns 35 contos só em comida. O outro governo que chama Camiga, garantiu de dar ferramenta: anotou tudo. Só porque esse pagador roubou o dinheiro dele (200 milhões). E ele foi para o Rio reclamar. Esse Camiga era até muito bom. Ele garantiu de dar ferramenta: eram 100 facões, 100 enxadas, 100 machados e 100 enxadões e 50 foices. Garantiu de dar e de dar o dinheiro para [p.10→] viagem. Mas deu somente dois facões, duas enxadas, dois machados, só. E deu 2.000 cruzeiros.

Quando você chega numa rua, ajunta tudo, parece formiga, e perguntam, até moça bonita, chegam perto. Perguntam se veio a pé. Se fôssemos só os homens mesmo, nós tínhamos arranjado muito, mas a mulher avexou.

Nesta altura anotei as datas dos documentos que certamente Joaquim me mostrou. Já não me recordo, mas deveriam ser de autoridades ou pessoas das localidades por onde ia passando, de modo a lhe servirem de apresentação nas subsequentes. Pondo-os em ordem cronológica podemos fazer uma idéia de seu percurso:

Lizarda – 21-5-1963
Gilbués – 31-5-1963
Parnaguá – 6-6-1963
Curimatá – 11-6-1963
Morpará – 14-7-1963
Ibotirama – 19-7-1963
Bom Jesus da Lapa – 22-7-1963
Pirapora – 19-8-1963

Na cidade da Barra o prefeito não queria dar passagem. “Nós volta, só se o Sr. arrumar tudo que nós precisamos; espingarda de tudo. Aí ele resolveu de dar passagem até o Morpará. Os vapores só desciam, o rio estava era vazante; até que um vapor subiu.

¹³ Mortos e feridos, certamente, não eram membros do grupo de craôs que viajava.

[p.11→] Na primeira viagem fui com meu tio Zé Wakedi {1049}. E esposa de Joaquim [isto é, do próprio narrador]. Na cidade de Barra pegaram vapor. Chegaram a Juazeiro e pegaram trem para Salvador. De lá voltam a Juazeiro. Foram de caminhão até Pernambuco. Aí pegaram avião até Belém, passando por Teresina. Passaram em Natal também. Zé Wakedi operou em Pernambuco: bebia a cachaça demais e doía a barriga, tinha um caroço na barriga, o médico tirou e depois ficou mal do fígado. Em Belém encontraram com Haroldo [Harald Schultz] de avião, vieram até Pedro Afonso. Wakedi morreu [ou morou, pouco legível] em Pedro Afonso. E vieram de caminhão para Itacajá. Em Salvador não arrumaram nada porque o tio estava muito doente demais. Em Belém a inspetoria arrumou duas maletas, dois machados, três facões, duas enxadas, uma rede.

Aquele que não viaja, a mulher vai zangar e diz que os irmãos não ganharam nada e que ele tem de ajudar a fazer roça etc. No dia que zangar, se ele pagar, sai livre.

14-11-1963 — D2, pp. 363-364

Mas por falar em wĩtĩ¹⁴, disse Joaquim que os índios viajam não só para pagar as mulheres como também ele, Joaquim, por ser pai de wĩtĩ quer ir ao Rio para conseguir coisas para dar na festa do filho. A roça que vai plantar agora é pequena e por isso não pode fazer a festa no ano quem vem; vai fazer no seguinte. Na festa o pano que forrar o chão para o menino ser [p. 364→] empenado [emplumado], será tomado por qualquer mulher. Qualquer mulher que se oferecer para banhar o menino ganhará pano ou outra coisa. Vai dar pano ao prefeito¹⁵ para distribuir. Dará miçangas que serão distribuídas não só para esta aldeia, mas o pessoal de outras aldeias também receberá. Entregará a miçanga para os prefeitos de cada aldeia dividirem.

Aleixo

24-9-1963 — D2, pp. 35-36

Aleixo {117} gosta mais do Cândido, que deixava os índios viajar e os despachava logo e do Jonas, que dava sal. Do Dodanin¹⁶ não. Depois que eu [Melatti] saí daqui ele foi a Brasília fazer queixa de Dodanin. Depois fez uma viagem a Goiânia, onde, na 8ª I.R. recebeu três machados, três facões três enxadas, três foices, três cintos, três calças, quatro calções, quatro camisas. Passaram lá cinco dias na pensão da Maria, indo para Anápolis. Aí gastou três dias. Comprou três armas de fogo. Acompanhavam-no Clóvis {144}, Secundo {43}, Pedro (filho de Zé Aurélio {138}), a mulher de [p. 36→] Secundo e seu filho. Na 8ª I.R. recebeu um tacho, que não trouxe por ser pesado, ficando a esperar por ele aqui. Quanto ao gado, prometeram-no, mas nada mandaram.

Raimundo Agostinho (Tébyet)

10-10-1963 — D2, p. 130

Tébyet {127} contou-me que gosta de cidade. Mas lá não precisa de trabalhar, pois ganha assim mesmo; é índio, há quem goste de vê-lo cantar. Numa corruptelinha, numa festa, cantando e dançando, ganhou 5.000. Na cidade há gente que gosta de índio e há quem não gosta. Na cidade muitos vêm conversar com ele, perguntar as coisas da aldeia,

¹⁴ Posição ritual altamente honrosa atribuída a menino ou menina, que nela permanece até a chegada da puberdade, mas merecendo reverência pelo resto da vida. Uma aldeia tem um ou mais wĩtĩ.

¹⁵ Prefeito, não de município, mas termo aplicado aos dois dirigentes do pátio da aldeia, cujo encargo jra por uma estação, chuvosa ou seca. São os këkate (kê = pátio; kate = dono, mestre).

¹⁶ Jonas, Cândido e Dodanin foram chefes de posto do SPI.

pagando-lhe depois 5, 10, 50, 100 cruzeiros. Doroteu {271} diz que foi a São Paulo, fala Tébyet, mas trouxe tão pouca coisa. Não trouxe nem espingarda. Somente Herwo {153} e Estrela {257} que o acompanharam trouxeram uma espingarda cada um. Herwo trouxe umas poucas roupas.

14-10-1963 — Caderno “Viagens”, pp. 1-6

Foi a Brasília com Gabriel {33} e Pempkro {42}. Queria ir até São Paulo, mas deixei menino e estava com pena de meu menino; não tem meu companheiro para dar a carne; queria voltar logo para dar as coisas para ele comer; por isso que eu voltei de Brasília. Passei no Itacajá; foi para o Travessão [Panela de Ferro, Tupiratins] de pé. De lá esperei três dias porque o prefeito do Travessão foi de caminhão para Guará. Mas aí fui de pé mesmo para Guará e de lá peguei o carro. Peguei caminhão e me deixou no Gurupi pelas 10 horas da noite. Passei a noite lá; de manhã chuva choveu e depois o tenente me arrumou outra passagem. O carro desmantelou no meio da estrada e aí fui de pé. Dormi no meio da estrada. Aí o carro veio vindo atrás de nós. Era outro e era caminhão de gado. Foram até Alvorada. Aí o fiscal arranhou outro caminhão até Anápolis. Em Anápolis eu peguei ônibus (arranhei porque o Cândido me deu mesmo o documento). Arranhei ônibus no INIC. Aí foi até Brasília. Cheguei lá quase de noite. Dormiram no quartel; o soldado falou para dormir no quartel; no dia seguinte telefonariam para o INIC. De manhã tomei café e peguei jipe de novo. Aí foi para campo. Lá eu ganhei só mesmo cinco contos. Aí dormi na Novacap. [p. 2→] Quando de manhã e um homem já vem. E trouxe jipe. O homem dizia que havia seis índios, mas eram três. Mas é que Hikhu (Roberto) {462}, Kakró (novo) {164}, Krampan {211} (filho de Yoinõ {208} do Marcão). Aí o Doroteu já estava no INIC com a mulher dele. Quando de manhã eu fui no Palácio. Aí o Mota Cabral mais o Walter já está aí. E Mota Cabral apanhou o papel, olhou, guardou e depois o Walter disse: “Agora tu vai para Goiânia porque aqui em Brasília não tem nada para você.” “Não, não vou não.” “Mas eu já mandei telegrama.” “O dia que eu quiser ir para Goiânia eu vou.” “Bem, espingarda eu não tenho. Posso arrumar facão.” Aí ele deu um machadinho, um facão, uma calça, só. No campo de Brasília foi Waldir que ajudou para arrumar dinheiro. Quando chegava avião, as pessoas ficavam olhando eu, e aí o companheiro do Waldir falava para arrumarem dinheiro. Não andaram na rua porque não deixaram. Quando estavam na Novacap viram elefante, tomaram café com bolo. O povo de lá tem deles que é bom, que dá dinheirinho; outros não dão, ficam mesmo olhando, olhando de longe, não é perto não. O povo do campo é bom, porque ele lá ajuntou demais, porque dava café, bolo, todas as coisas eles davam para mim. [p. 3→] Foi no Palácio e Mota Cabral e o companheiro arrumou passagem. O Walter levou ao ônibus e veio para Anápolis. Em Anápolis pegou outro ônibus (o homem do INIC arranhou), foi até Ceres. Em Ceres pegou caminhão arranjado por um homem do INIC. Foi até Porangatu. Vieram todos os que encontrou em Brasília. De lá pegou caminhão, passou a noite em Alvorada, continuou até Paraíso. Pegou outro até Guará e depois veio de pé até a aldeia. Comeu em Bom Jesus, aí ele pagou. Na viagem era o dono do carro que chamava e eu comia na pensão: às vezes é ele que está pagando; aí eu não sei. Comprou três espingardas a 1.200 cada. Uma para Gabriel, outra para o filho e outra para si. Cheguei aqui, dei-a para meu cunhado, o Ayehi {2}. O Gabriel deu para seu filho Aloísio {35}. O Pempkrô ficou com ela.

Em Brasília, quando o compadre José Pinto {150} foi com Messias {97}, o povo era bonzinho. Mas agora todo dia está aparecendo índio lá; mas não é daqui não, é do Ponto e de outras tribos, e agora o povo está ruim. Um vai, ele dá as coisas; depois vai outro, eles dão; e vem outro, vem outro, e eles não dão mais, não sei por que. Quando for à cidade, só quero minha precisão: Flaubert [marca de espingarda], pano, miçanga... E

eu vou para o Rio e não sei se vão arrumar. No dia que eu vou para lá eu vou levar [p. 4→] arco. Aqui mesmo eu não canto não, mas na cidade eu canto, para ganhar as coisas. Eu vou levar um arco e outras coisas para apresentar ao dono do Palácio, não sei se ele vai-me dar essas coisas. Aí eu vou no Rio, para eu pedir; vou buscar só mesmo mercadoria para mulher, miçanga...

Diz que os índios, quando vão para viagem assim, ele não paga passagem não. Eles dizem: “Pode pedir, eles levam vocês, não é deles, é do governo, como é que eles vão pedir pagamento?” Disse que agora o Dodanin veio de pé para cá e veio falando na Federal que os índios não iam nenhum para Brasília, que ele ia proibir. Mas o povo da Federal não está sabendo disso não; olha, o Kapran [nome pouco legível] mais o Hapuhi {83} foram a Goiânia.

Foi para Brasília no tempo do Cândido.

Foi com o Karété (+) [falecido], seu irmão, e Kro'kroko {58} viajar. Mas Karété estava vomitando sangue em Floriano e então ele voltou com ele. Queriam ir a Natal. Foi no tempo do Major Lima (o companheiro deste era Barbosa). Foram sem documento. O José Queiroz, de Carolina, é que arrumou. Foi daqui a Carolina de pé, e depois para Porquinhos. [p. 5→] Foi levar Basílio {121}, Potut (o irmão de Kutokré {77}), Kwô?pa (filho de A. Pereira {119} que morreu na estrada)¹⁷. Chegaram nos Porquinhos. Acabaram a festa Pôhipri. Aí foram até Mirador de pé. Daí de pé até “Zeitado”. Em Sucupira pegou caminhão até Pastos Bons. Foi de caminhão até Nova Iorque para pegar motor. Não pegou. Voltou no Brejinho. Pegou caminhão até Vão dos Patos e voltou no Barracão. Aí foi de caminhão de Floriano. O prefeito de Floriano disse: “Você vai esperar, daqui a cinco dias sobe o motor e aí você desce.” Aí eu esperei, e meu irmão adoeceu e eu vim embora para cá. Meu irmão não ia para adiante porque estava com medo de morrer. Pediam aos motoristas para levar. Os prefeitos é que arranjavam comida. O prefeito de Balsas era bom demais. Ele perguntou: “Onde você vai?” “Eu vou para a aldeia e quero que você me arrume de comer.” Deu cinco pratos de farinha, cinco rapaduras, tomou café lá, 200 cr. para comprar coisa na estrada. No Piacá comprou melancia por 20 cr. Não arrumaram nada nessa viagem. Todos os prefeitos foram bons, toda a vida recebendo eu, e comendo na pensão com ordem do prefeito. Nos Pastos Bons o prefeito é bom: ele comprou 2 kg de carne de gado, um quarto de [ilegível], três pratos de farinha, sal (caneca). Índio viaja muito porque quer coisa nova, espingar[p. 5→]da, rede, miçanga, mercadoria.

5-12-1963 — D2, p. 512

Tébyet disse que estava com pena de seus filhos, mas eles gostam de miçangas e ele por isso iria andar pelo mundo; não haveria então quem desse coisa para eles; os parentes de sua mulher estariam aí, mas eles não dão conta. Zezinho {133}, Aloísio (Tukapri) {35}, Ayehi {2} poderiam dar carne para eles. Mas ao voltar Tébyet terá de

¹⁷ Esse trecho faz referência a dois indivíduos cuja identificação é problemática. Um deles é Karété, que Tébyet apresenta como um irmão seu já falecido. Mas Basílio fala de uma viagem a aldeia de Porquinhos (no diário D2, pp. 525-526), talvez a mesma referida por Tébyet, em que estava um tio deste último, chamado Karété. Teria Basílio confundido a relação parentesco (tomando o irmão por tio), ou seriam duas pessoas distintas? Ou teriam participado da viagem tanto o tio quanto o sobrinho? O outro indivíduo é Kwô?pa, filho de Antônio Pereira, que teria morrido na estrada. Basílio, na sua referida informação, cita entre os que viajaram a Porquinhos Kampok, filho de Antônio Pereira. Ora, conheci um jovem filho de Antônio Pereira cujo conjunto de nomes era Kwô?pa Wakapi Aitê Kampok {109}, e que continuava vivo em 1971, quando da minha última etapa de campo entre os craôs.

pagá-los com presentes que trouxer o fato de eles terem lembrado de seus filhos dando-lhes carne.

José Ayehi

25-2-1967 — D4, p. 174-175

Ayehi {2} casou muito moço. Patrício {1} gostava dele e recomendou à sobrinha Wakõkhwoi {3} que casasse com ele. Wakõ concordou. Patrício foi pedir ao pai de Ayehi e também a Gabriel {33} (note-se que Gabriel é pai da mãe de Ayehi). Casaram. Ayehi separou-se uma vez e tornou a juntar-se com Wakõ. Agora Wakõ morreu. Os parentes dela acusaram-no de ter mandado pôr feitiço na mulher para casar com [p. 175→] moça nova. Por isso Ayehi quer ir embora. Ayehi, depois da morte da mulher, foi trabalhar na charqueada de Pedro Afonso. Ao voltar, Krakhwoi {174} cortou seus cabelos e despachou-o. Disse-lhe então que ele já sabia que João Delfino {201} queria que ele casasse com sua filha (sobrinha da primeira mulher). Ayehi casou, mas já a abandonou por duas vezes. Agora pensa em viajar. Antes de casar com a atual mulher, Ayehi a chamava de “irmã”.

Secundo

21-11-1963 — D2, pp. 412-413

Secundo {43}, falando-me de viagens a grandes cidades, declarou que está com medo de ser atacado na estrada pois atacaram a aldeia do Ponto. Pedro Afonso, Carolina e Miracema estão intrigadas com os craôs. Só essas cidadezinhas. Mas as capitais grandes como Anápolis, Goiânia, Brasília não têm nada com os índios. Só as pessoas daqui, de Itacajá, Pedro Afonso, Carolina os chama de “cabocos”. Mas nas capitais grandes só dizem “índio”, “índio brasileiro” e acrescenta: “E eu fiquei muito alegre. Mas gente [p. 413→] que está intrigado só chama ‘caboco’. Chamam: Oh caboco, oh caboco! e eu fico zangado. Não quero escutar para o rumo de caboco. Que é caboco? Não sou bicho, não sou nada. Eu estou pensando muito: eu não sou filho do Maité nada, eu não sou filho do Cão¹⁸, tudo aqui é filho de Deus. Porque primeiro já atacaram a aldeia daqui. Eu estava molinho, que minha mãe me levou com medo. Só por isso que está intrigado mesmo. Quando o menino (filho do informante) largar de mamar, eu vou botar em qualquer capital pequena, para aprender, para sustentar os novos; não quero que fica besta, não. Estou querendo botar bem aí no Gurupi, em Ceres, ou Anápolis, ou Brasília.

Jaime (Herwo) {153}

14-11-1963 — Caderno “Viagens”, pp.11-18

Viajou primeiro para Recife junto com Aniceto {10}, Pascoal {38}, Benvinda {11}, Juarez {163}, Pedro (Panhogrê) {92}. Saíram daqui até Piacá. Passaram por fora de Carolina e pegaram estrada até a fazenda de Santana. Foram até Santa Cruz; para lá tem muita [p.12→] lama. E sempre de pé até o Riachão. Foram para Sto. Antônio de pé. Pegaram transporte num lugar onde há muito coco até Maravilha (caminhão). E aí foram a pé para Mangabeira. Lá pediram ao prefeito. Ele não arranhou passagem, mas só arrumou dinheiro. Foram de caçamba (caminhão de cimento) até em São Domingos. E depois a pé até Bacaba. Aí pegaram pau-de-arara. Foram para Bom Jesus. O caminhão

¹⁸ Maité, Humaité, são termos alheios a sua língua, que os craôs usam em exclamações de desagrado, referindo-se a Diabo. O mesmo sentido dão ao termo Cão.

levava porcos para vender em Floriano. A cidade já estava perto e um rapaz andava perto de bicicleta. O caminhão deu um soco e Pascoal caiu. Aí eu pensei: “Pascoal quebrou as pernas.” O chofer saiu, tomou a bicicleta e falou com o dono da bicicleta: “Por que você não passou por fora, por que anda na estrada? Se eu tenho revólver, eu mato aqui mesmo.” Aí levaram Pascoal para o caminhão. Em Bom Jesus gastei uma semana. Não quis ficar lá. Estou com vontade continuar a viagem. E falei com Aniceto: “Como é? Eu já gastei uma semana aqui.” “Pode ir na frente.” Veio caminhão e eu pedi (o dono era Pedrinho), e o chofer me levou até São João dos Patos. Lá a polícia pegou o ladrão e botou no xadrez. Foi quase de noite quando eu cheguei. Eu pedi para dar rancho. “Quem é o prefeito daqui?” “É mulher.” “Que mulher?” “D. [p.13→] Noca.” “E quem é o delegado?” “Sou eu!” O delegado arrumou um rancho e eu dormi logo, porque eu não estou acostumado na cidade para andar, se eu andar, eu me perco. Deixei os teréns no quartel. Um soldado, paraibano, grosso e alto, me levou à casa do prefeito e eu pedi passagem e ela não arranhou, e ficou zangada comigo, e eu com ela. Ela ficou zangada porque toda nação aparece lá, e pede passagem, e ela não tinha dinheiro para arranjar. Ela falou: “Agora vem aqui, quando chega no João dos Patos e só procura prefeito. O prefeito não arruma para os índios; só arruma para os civilizados. Para onde tu vai?” “Vou ao Recife.” “Que vai fazer no Recife?” “Vou pedir as coisas.” “Quem que vai dar?” “É o governo que dá.” “Tu já foi uma vez.” “Não, é a primeira vez.” “Ora, a primeira vez; está andando todo o dia aqui. Agora você vai a Pernambuco, não vai não, volta aqui mesmo em Floriano, que a polícia vai botar no xadrez.” “Oh, D. Noca, que é que eu fiz para me prender? Eu não matei sua mãe, eu não matei seu filho, eu não furtei, eu não sou ladrão, eu não estou abusando com você.” Aí ela não disse nada, ficou calada. “Deixa estar, na hora você vai sair, porque você é muito ruim demais.” “Não, eu não saio, eu mesmo que mando [p.14→] nesta cidade.” “É você mesmo que manda na cidade, mas você não pensa nos índios!” “Que é que eu vou pensar?” Não me deu comida, nadinha, só duas rapaduras, e ia dar dinheiro de manhã. “Tu já comeu?” “Não cheguei agora.” “Quantos são?” “São dois.” “Que dê o companheiro?” “Está no rancho.” “Amanhã bem cedo você vai-me procurar no mercado; vou-lhe comprar carne, arroz, farinha.” (Era Panhok {92} o outro). De manhã cedo fui no mercado e ela não estava. Esperei, e quando o sol já estava muito alto... “Que dê o prefeito?” “Não está aí não, talvez esteja na casa dela.” “Eu vou lá.” “Pode ir.” Aí eu fui lá; ela estava acordada, já tinha tomado café. “Que dê o prefeito?” “Está dormindo.” “Nada, já está acordado, já tomou café!” Aí a prefeita deu 500 cr. O filho dela deu 200 cr. O filho dela também é rico danado. Dizem que o governo mandou matar D. Noca. “Eu nunca vi mulher governar cidade; matem aquele diabo!” Soldado saltou do avião em Floriano, foi lá e matou ela. Agora o prefeito é irmão dela. O delegado arranjou caminhão para Floriano. Chamava-se Raimundo. Deu 1.000 cr. para comprar coisas na estrada. E disse: “Quando na volta eu dou presente bom para você [p.15→] levar para a aldeia. Cheguei em Floriano. O caminhão voltou lá. Aí fui lá na cancela e falei com o tenente: “Tenente!” “Que é?” “Pode arrumar a passagem?” “Eu não tenho dinheiro não, parente.” “Fala só com a boca, não precisa de dinheiro não.” “Mas o dono do carro precisa ganhar.” O Tenente não arrumou não. Eu mesmo que arrumei até 63. O caminhão me deixou lá. Aí fui para Teresina. Aí peguei camionete para Picos. Foi lá que gastou cinco dias. Um soldado me falou: “Não, você me espera, nós vamos com você, nós vamos até Arapina [Araripina].” “E a estrada de Recife passa em Arapina?” “Passa”. E esperou cinco dias e foi com ele. Em Arapina foi para o quartel. Um tenente lhe deu roupa. Um sargento me deu a rede. Rede boa mesmo, cara demais. O ten[ente] falou: “A rede é boa, tu não vende por aí.” “Não, eu vou levar para a aldeia, para me deitar.” Depois me despacharam. Fiquei cinco dias lá. Peguei carro até Serra Talhada. Passou meio-dia e eu cheguei lá. E falei com o Panhogrê: “Agora você fica e eu vou dar um passeio para

conhecer a cidade. Ou você vai mais nós?” “Não, eu fico, você vai.” Eu estava andando sem camisa, só de calça. Aí o coronel me chamou e eu fui. Botou roupa no saco e o chamou. E aí perguntou: “Que dia tu chegou?” “Foi agora!” “Tu já comeu?” “Não!” “Pois vem almoçar.” Aí, quando acabei de comer, falou: [p.16→] “Vamos banhar.” Fomos à torneira, eu banhei; lavei a cara bem lavada. Aí me entregou a roupa: “Agora aquela roupa toda é sua. Pode vestir logo a camisa, a calça, tem calção, tem tudo aqui.” Aí eu fui lá onde o Panhok estava e falei: “Vamos lá, acolá o homem me chamou, vamos todos dois.” “Não, pode ir, eu fico aqui.” Estava-lhe doendo o pé. Aí me deu *poré* [dinheiro], mais de 2.500 cr. Me deu pão, manteiga, bolacha, banana; fui cheinho de coisas. Mas eu não aproveitei tudo. Eu deixei lá. Eu esqueci roupa, calça, retrato... Lá peguei o trem. Quem deu passagem foi o dono do trem. Ele mesmo que pedi tem [frase pouco legível]. “Tu vai para onde, parente?” “Recife.” “Este trem de ferro também vai para o Recife.” “Você pode me levar?” “Posso, você está dormindo aonde?” “No quartel.” “Oito horas eu vou chamar vocês.” Não tirei nem passagem, ele não falou nada e eu não falei nada. “Vamos ficar na frente”, disse ele. No outro dia de manhã chegou-se em Recife. Tomou-se café em Caruaru. De manhã estava no Recife. Sem sono. Só queria caminhar. Aí fui no palácio logo, quero saber governo, se o governo me arruma um rancho. O governo arranjou pensão. “Agora tu vai me arrumar pensão boa mesmo, porque eu não estou doente, eu não posso comer as coisas [p.17→] moles, eu quero comer as coisas boas mesmo.” Falou para arranchar em outra pensão e tomar sopa. “Não, eu não quero sopa. Eu quero arranchar em pensão boa. O dono da pensão me recebeu logo. Deu cama. Eu estou deitando na cama, mas o governo vai pagar a cama que a gente vai dormir. Cada cama é dois contos. Dormi lá. De manhã tornei a subir no palácio. Agora vou conversar para saber governo como é que vai fazer com nós. “Quantos são?” “Somos dois.” “Que tribo?” “Canela.” “Que falta a vocês?” Falta facão, enxada, mercadoria, espingarda. Quero meia dúzia de enxada, meia dúzia de facão três peças de pano, duas espingardas.” “Oh, você vai levar tudo isso?” Pedi maleta para guardar as coisas. (Falei que eu era canela porque, [se] eu digo que sou craô, eles dizem: “Por que você não vai a Goiás? Você não é do Maranhão, por que vem aqui?” É por isso que o povo de Brasília pensa que os canelas e gavião que aparecem lá são craôs. Recife fica no Maranhão).

Arrumou 25 enxadas, 25 machados (duas caixas), facão demais. Não quis machado largo, mas sim machado fino. “Que dia você vai sair?” “Não sei, você que sabe.” “Vai na quinta-feira.” “Nesta?” “Não, na outra, porque vamos arrumar dinheiro para você em Brasília.” Às vezes não estavam arrumando em Brasília não, mas lá mesmo. O governo deu 17 mil cru[p.18→]zeiros. “Agora que eu já arrumei dinheiro, aquele dinheiro miúdo você gasta por aí; mas as notas de mil vai levar para a aldeia para comprar criação; não mostra aos moradores daqui não.” Eu pus o dinheiro na mala e a roupa por cima. Porém em Itapicuru, pertinho de Caruaru, foi roubado quando dormindo; não sei se foi de dia ou de noite. Apanhou o dinheiro e fechou a mala. Chegou em Carolina para comprar espingarda ou panela [pouco legível] ou Collins, e cacei o dinheiro mas não encontrei nada.

Passei só um dia e meio em Recife. Depois saí para cá. O Pastor Zacarias arrumou passagem de ônibus até Caruaru. Ficou três semanas em Caruaru.

Milton (Potxö)

14-11-1962 — Diário D1, pp. 426-429.

Potxö {29} já viajou quatro vezes: foi primeiro duas vezes ao Rio e depois uma vez à Bahia e outra vez a Pernambuco. Na primeira vez que foi ao Rio a aldeia ainda estava

ao lado do Posto. Foi com Aleixo {117} e Agostin (irmão falecido de Raimundo Agostin)¹⁹. Foram só para conhecer. O “governador” de lá era Getúlio Vargas, que os mandou para o “Colonização” onde não se come bem, pois não se come arroz e a comida é só sopa e onde não se dorme bem, por perto do amanhecer já vem o chefe acordar todo o mundo. Getúlio deu-lhes também roupa para não andarem sujos na cidade. Ganhou muito dinheiro, pois o povo do Rio lhe dava espontaneamente. Voltando a Goiânia, Cildo Meirelles lhes arranhou avião para Carolina. Conta Potxö sobre o Rio: “Agora já apareceu muito índio lá; eles não gostam mais; agora chego lá e podem me prender!” Depois foi ao Rio de novo com Aleixo apenas. Falaram com Getúlio de novo. Arrancharam no quartel de polícia. Foram ao Rio para ganhar espingarda, roupa, dinheiro. Ganharam espingarda em Goiânia, quando voltaram. Quando [p. 427→] viajou para o Salvador, foi com Messias {97} e Aleixo. Como o filho do Pastor não quisesse deixá-lo, pois queria que estudasse muito, Messias e Aleixo deixaram em Salvador. Estudou um bocado, pelejou, mas, quá... não conseguiu. Tentou aprender a tocar piano, a tocar sanfona. Se tivesse ficado conseguiria. Estudou na escola e comia e dormia na Rádio Cultura. O dono da Rádio não queria que comesse na pensão porque lá havia carne que não prestava. Veio embora por dois motivos: o primeiro porque quase foi preso. Estava na porta da Rádio Cultura com duas canetas no bolso e junto com o índio Ulisses, que tinha um violão. Veio a polícia e perguntou-lhe se tinha caneta; como dissesse que tinha mas que não queria vender, ofereceram-lhe até o preço de 50 contos pela caneta. Como insistisse em não vender, pelejaram os policiais muito para ele vender mas não quis. Então convidaram-no para ver o tio deles (não sei se era um policial ou mais). Chegando à polícia o quiseram prender. Levaram Potxö e Ulisses de camionete. Esperaram o chefe de polícia. Potxö estava zangado para brigar com ele. Estava com faquinha escondida nas calças. Parece que o Varela de Canto Grande já tinha sido levado para lá. Ulisses e Varela eram índios que tinham gostado de Salvador e andavam por lá. Potxö quis telefonar para Nilton Espínola Cardoso, dono da Rádio Cultura e que era amigo dos índios, mas a polícia não deixou. Ao meio-dia serviram-lhe [p. 428→] comida em prato sujo, que Potxö não aceitou. Comentou ele comigo: “Eu não matei ninguém para comer em prato sujo!” Depois o chefe de polícia chegou. Viu-o e falou: “O que é que o índio está fazendo aqui? Mande embora que eu não tenho nada com índio não!” O segundo motivo foi porque um dia, na Rádio Cultura, foi à privada, tirou a roupa, entrou e lá dentro encontrou um homem com uma peixeira, pulou fora e o ladrão furou mesmo a tábua. Logo foi chamar o guarda, que deu quatro tiros mas o homem foi embora. No mesmo dia à meia-noite Potxö tomou ônibus até o elevador e daí outro até a estação de trem e retirou-se de Salvador. Posteriormente foi a Pernambuco com o Jaime. Foram para ganhar alguma coisinha e também para ver. Ganhou machado e enxada: 25 enxadas e 12 machados. Só as distribuiu para os parentes (não davam para todos na aldeia, diz ele): para Pönhutoro {144}, Bernardo {18}, Secundo {43}, Zezinho {133}, Aleixo {117}, Esteves {53}, Abel {395} (que levou duas enxadas para a aldeia dele). Jaime ficou com o outro bocado, que distribuiu para os parentes dele (mas não são os mesmos?). Os índios gostam de viajar para ganhar alguma coisinha, caçando espingarda... Ficando aqui toda a vida não se ganha dinheiro. Dinheiro aqui é difícil. Ninguém sabe fazer dinheiro. Só no banco de Caruaru é que Potxö viu dinheiro. Quando foi para Salvador, saiu daqui e foi a pé até Santa Vitória, daí a Monte Alegre, depois a Gilbués, Corrente e na estrada daí a Sta. Rita pegou caminhão. Passou cinco dias no quartel e foi para Catingueira a pé. Aí o delegado lhe aconselhou a esperar o vapor até a cidade da Barra. Pegou outro vapor a Juazeiro e de Juazeiro pegou trem de ferro até Bonfim e daí outro até Salvador. Quando viajam

¹⁹ Esse Agostin seria no mesmo Karêté, irmão falecido de Raimundo Agostinho referido na nota 17?

arranjam rancho e dormida com os prefeitos. Há prefeitos bons e prefeitos ruins. O Alexandre, prefeito de Santo Antônio de Balsas, [p. 429→] é prefeito ruim: tem pena de arranjar dinheiro, de arranjar de comer... Quando foi à Bahia o prefeito de Vitória não lhe arranjou de comer, nem dinheiro, nem dormida. Ao prefeito de Santo Antônio de Balsas falou: “Por que você está sendo prefeito? Não é para servir o índio? Então você sai da prefeitura; você não é prefeito bom, não.” Então foi ao juiz e este lhe deu carne, farinha, arroz: esse é bom!

26-11-1963 — D2, p. 448

[Milton] Disse que não vai mais a Goiânia porque lá ficou preso na polícia cinco dias porque Varela {232} (do Canto Grande, Pikén) bebeu cachaça.

30-11-1963 — D2, p. 488

Quando foi ao Rio [Potxo] quis ficar lá, mas Aleixo não deixou (Potxö já foi duas vezes ao Rio, na primeira vez ficou com o Dr. Nelson; na segunda, no INIC). Os novos não querem mais correr com tora, mas os velhos insistem. Mas quando acabarem os velhos acabará a corrida de tora. Potxö quer trabalhar e enriquecer. Queria ficar na cidade por causa do movimento, esqueceria seu pai e sua mãe.

Chico Novo {146}

23-11-1963 — D2, pp. 420-421

Contou-me Messias {97} que Īkietik {146} estava caçando bandeira, quando quebrou a coroa da espingarda de Penõ {158}. Disse então para Yut {148}: “Eu vendo essa espingarda e vou comprar uma nova.” Ela respondeu que ele é que sabia o que deveria fazer. Īkietik vendeu a espingarda a Niquinho, que mora abaixo de Itacajá e viajou em outubro último para longe, levando Kasiat . Nenhum dos dois [p. 421→] tem roça.

25-11-1963 — D2, pp. 442-443

Às 17:30 ouviram-se foguetes; mulheres principalmente saíram correndo: pouco depois voltava Hakru {159} com um cofre às costas. Era Kasiat {17} e Īkietik que chegaram. Kasiat sentou-se num banco. Várias mulheres sentaram-se em torno de Īkietik e choraram. Não pude identificá-las. Pouco depois eu pude contar entre os presentes, e que conversavam na casa de Penõ: a mulher {419} de Davi {416} (do Galheiro), Krantot {134}, Hakru, Wa'krêre, Ramkhwoi {98} (mulher de P. Chiquinho {95}), Benvinda {11}, Chico Velho {112}, [p. 443→] Aleixo {117}, Hompekhwoi {118}.

26-11-1963 — D2, pp. 443-444

Conversei então com Īkietik, sem lá grandes resultados. Foi Jaime {153} quem lhe ensinou a procurar Zacarias Campêlo²⁰ em Recife. “Primeiro antigo não sabe o que é cidade, não sabe o que é movimento, mas os novos querem andar.” Disse que foi de carro até Florianópolis; depois de carro a Iguatu; daí de trem até Souza e daí de trem para o Recife. Chegaram à meia-noite e pegaram ônibus para a casa de Zacarias. Perguntei-lhe como conseguiu achá-lo. Respondeu; “A gente pergunta ao povo: Aonde a gente pega um ônibus para a Rua Boa Viagem, nº 23?” Declara Īkietik que quer voltar à cidade: “Quero ficar lá mesmo para estudar, para aprender, [p. 444→] quero fazer como a gente (civilizado) faz, estudar para aprender para saber as coisas.” E acrescenta: “A mulher

²⁰ Zacarias Campêlo foi o missionário batista pernambucano que atuou entre os craôs entre 1926 e 1936.

morreu, eu ando solteiro; eu não gosto da aldeia, gosto da cidade, a cidade é mais melhor para mim. Gosto de moça bonita da cidade.”

26-11-1963 — D2, pp. 524-525

Fui então com Basílio à casa de Edite [esposa de Dodanin Gonçalves Pereira, vizinho, missionário e vez por outra funcionário do SPI]. Lá li uma carta de Zacarias Campêlo a Dodanin, trazida por Īkietik {146}. Nessa carta ele dizia que os índios daqui começaram a procurá-lo quando ainda estava em Caruaru [PE], há três anos atrás. Desde então o têm frequentemente visitado. Cada vez que chegam, ele perde uma semana de trabalho intenso. Recebe-os bem, com fins missionários. Mostra-lhes igrejas e escolas. Desta última vez gastou sete mil cruzeiros para os dois índios (Īkietik e Kasiat). Zacarias pede a Dodanin para aconselhar aos índios a não procurá-lo tão frequentemente. Cada vez que vão ele tem de pedir nas igrejas dias e noites. Seria melhor que os ín-[p. 525→]dios o procurassem de dois em dois anos.

Zacarias {51}

28-11-1963 — D2, p. 465

Disse-me então [Zacarias] que já foi a Belém, que lá há muito povo e é peixe demais; de que modo se pode pegar tanto peixe? Não há carne de gado e nem de porco. Mostrou-se muito espantado com a quantidade de peixe.

8-12-1963 — D2, p. 541

Conversando comigo sobre aviões, disse Zacarias: “Mas tem avião do governo também, para levar índio.”

Osias (Kratpe) {47}

1-12-1963 — Caderno “Viagens”, pp. 81-88.

1. Foi a Balsas, passando por Carolina. Foi junto com o pai. O pai pediu lá e ganhou uma espingarda (bronze). Deu espingarda para Kratpe.

2. Depois foi com Chico Vaqueiro {1077} e o pai ao Maranhão, passando por Balsas, Mangabeiras, chegou em Nova Iorque. Kratpe ficou nesta última por causa de febre; e os outros dois continuaram a viagem até São Luís. Ganharam duas espingardas, duas panelas, duas lanternas, dois cavadores e roupa, só. Não ganharam quase nada. Os cristãos deram recado aos dois sobre a doença de Kratpe. Chegaram. Compraram café com pão para Kratpe. E viajaram até chegar em Cabeceira Grossa. Era solteiro ainda.

3. Depois foi com o pai, o João Canuto {428}, o José Wakedi {1049}, o Juraci {483}, o João Comprido {239}. Queriam viajar para Salvador. Foram juntos até cidade da Barra. Lá José Wakedi arrumou passagem para Salvador; João Canuto para Teresina; e Kratpe ficou com o pai de Juraci [que era José Wakedi]. Daí voltaram. Compraram em Corrente um machado, uma panelinha e um bocado de pano. [p. 82→] Comprou loção. Chegaram.

Vieram então morar na aldeia de Pedro Penõ. Casou com Pĩ’père {110} lá em Cabeceira Grossa (a mulher de Txwo?tik {120}). Já fizera um filho nela, que veio a morrer. Acabou o resguardo e mudou-se para cá. Fez casa aqui. Aí morreu o pai (na tapera deixada agora).

4. Então Kratpe foi para Boa Vista com Potxö {29}, Kro'kroko {58} e a finada Papré (mulher de Kro'kroko) e Aprak {48}. Viajaram na cidade que chamam Olho Grande. Lá gastaram três dias e o prefeito de Filadélfia chegou em um motorzinho e Potxö pediu passagem e o prefeito deu e foram todos. Chegaram meio-dia em Carolina. Lá saltaram e gastaram um dia. Caçaram passagem para Boa Vista, não acharam e viajaram por terra. Gastaram três dias e chegaram no Estreito. Chegaram cedinho, havia um motor para Boa Vista, que eles pegaram. Meio-dia chegaram em Boa Vista. Em Boa Vista saltaram. Compraram de comer na pensão, comeram e a finada Papré quer comer pão e comprou. E Kratpe comprou dois foguetes para ir salvar a aldeia dos Apinayé. Passaram lá, o sol pendeu e procuraram a estrada da aldeia Apinayé. O kupê ensinou a estrada. Quando estava para chegar soltou um foguete e a [p. 83→] mãe de Ikrâkaprek {163} veio com Joaquim (apinajé) e com o tio do Chiquinho (apinajé). Kratpe procurou a casa do pai de Pina {13}, chamado Antoninho. Este os recebeu. Gastaram dois dias e pegaram febre Kratpe e Potxö. Potxö estava magrinho mesmo e Kratpe também. Aí Kratpe casou com apinajé (Sipamtu). Potxö não quis. Aí Uri'hi {117}, Hompekhwoi {118}, Īkietik {146} e a finada Pika {147} chegaram lá na aldeia. Txwo'tik {120} casou lá com a filha do Chiquinho chamada Katxuatzó e fez filha (que já é grandinha, é mais velha que Korkó {165}). Potxö quis voltar que estava com saudade do povo e veio embora sozinho. E foi depois que aqueles quatro citados chegaram. Procuraram Potxö, Kratpe disse que já tinha ido embora. Uri'hi e a mulher queriam trazer Kratpe para cá, que não quis vir: não lembrava nem de sua mulher que deixou aqui. Txwo'tik também não quis viajar, Hompekhwoi pelejou, Uri'hi veio embora, Txwo'tik enganou e foi para a roça com a mulher. Aleixo {117} e os outros esperaram, como Txwo'tik não veio, ele voltou para a aldeia. Hompekhwoi chegou, procurou, outro contou que ele foi para a roça, Txwo'tik não chegou, Hompekhwoi esperou, até que Txwo'tik chegou. Hompekhwoi falou muito. Txwo'tik então quis viajar para cá, mas chorando, com pena da mulher. Aí Txwo'tik veio, choran[p. 84→]do na estrada. A mulher dele com pena. Kratpe ficou com Aprak. Aí o inverno chegou, o verão chegou, o inverno chegou de novo e o verão chegou e Teptuk {44} chegou lá com Secundo {43}. Aí Kratpe quis voltar; ele ficou alegre. Secundo gastou quatro dias e Gabriel chegou com o finado Alfredo. Gabriel {33} queria trazer o filho dele, que estava lá casado com Kaperekaprô. Gastaram vinte dias, e viajaram para cá. Kratpe trazia a mulher dele. Chegaram aqui. O sarampo pegou a mulher. Ela melhorou. [5.] O irmão de Aniceto, Kahi (João Paulino) queria levar Kratpe para Brasília. Aí levou-o. Aí a mulher de Kratpe voltou para os apinajés. Em Brasília nós fomos pedindo os outros, dando dinheirinho, até ficar muito e aí viemos embora. Kahi procurou o governo em Brasília, mas o governo não estava, tinha ido para o Rio. Mas o tenente garantiu as coisas a João Paulino: miçanga, roupa, sapato, roupa de mulher, verônicas [medalhas católicas], correntes de pescoço. Mas um homem chamado Ely soube dos índios e enganou-os: “Vamos embora, aqui não tem as coisas, lá em Goiânia se arruma tudo; Brasília é nova e não tem as coisas.” Aí entraram no ônibus e viajaram. Chegaram na Velhacap e Kratpe quis buscar seu cofo que o tenente juntou [ou garantiu, palavra pouco legível] [p. 85→] e procurou. Disse ao tenente que Ely ia levá-lo, que Brasília não tinha as coisas. O tenente disse que ia comprar no dia seguinte e assim ele não levaria nada. “Deixa estar, não é só uma vez não, quando outro dia eu apareço aqui e você dá as coisas.” O tenente deu dinheiro (mas o dinheiro foi dado a João Paulino). Entraram no jeep e Ely levou. Chegaram na cidade livre. Kratpe queria comprar miçanga, procurou mas não achou. Aí o ônibus chegou e Ely arrumou passagem. Os três entraram no ônibus. Viajaram até Anápolis, quase meia-noite. Caçaram pensão, acharam, acharam carne (Pensão Carolina). Ely deitou em outro quarto. De manhã levantaram: “João Paulino, levanta, a cama é caro, senão eu pago muito!” Tomaram café. Depois queria

Kratpe comprar a espingarda, procuraram, mas o preço era muito caro; foi em outra loja e João Paulino comprou Borboletinha (800 cr.) e um “puxado de banda” (600 cr.). João Paulino comprou revólver por dois contos. Compraram munição, compraram pano. Aí Ely arrumou passagem até S. Francisco. Gastaram na estrada quatro dias. Saltaram em São Francisco e o caminhão foi para o Estreito. Gastaram um dia até a Panela de Ferro e atravessaram para cá. Dormiram lá, dentro de casa de gente [p. 86→] mesmo. Saíram cedo para cá, dormiram na estrada e chegaram meio-dia em Itacajá. O finado João Paulino comprou pano para a mulher de Antônio Pereira (estava devendo um koyanoi [cetro ritual]), três metros de pano. Encontraram com Hahëkré {89} no Alambique (perto do Vau) e deu-lhe a notícia do abandono da mulher. E Kratpe quase bêbado, sem vergonha de chorar e chorou e chegou na aldeia e chorou muito com pena da mulher. (Dizem que a mulher também chorou muito).

[6.] Depois Kratpe casou com a filha de Atorkó {138}, que morreu (Tetuk). Ficou solteiro e casou com Pãrã {162}. Depois viajou para Brasília com Kōko {14}. Lá em Brasília foi ao S.P.I., não arrumaram, mandaram-no para Goiânia. Pagaram-lhe a passagem. Já quase meia-noite cehgou em Goiânia. Na inspetoria o chefe os recebeu e falou: “O que vocês precisam?” “Eu vou falar; eu venho atrás meu precisão; falta machado, facão, enxada, foice, cavador, martelo e espingarda, você pode arrumar espingarda?” “Não sei, eu vou resolver.” O empregado o deixou na pensão, arrumou cama lá. “Vocês podem ficar, eu vou viajar até Miracema e chego na terça-[p. 87→]feira. Esperaram. Na segunda-feira outra gente quer tirar retrato, chama binóculo; o homem queria que vestisse camisa vermelha para tirar retrato. Aí Dodanin chegou e falou muito: “Eh, você está aí e eu vou falar com o chefe.” E disse ao chefe que, se ele arrumasse, os índios venderiam. Mas Kratpe não sabia nada porque foi passear. Dodanin ensinou tudo. Voltaram. O chefe não queria arrumar. Disse que o Dodanin mesmo levaria as coisas dos índios. Kratpe caiu doente dentro de Goiânia. Quase morreu. Em Goiânia ganhou cinco mil. Justiniano, xerente, é sabido mais do que eu, mas não arrumou nada. O empregado do S.P.I. arrumou passagem de ônibus, e voltaram os dois com Justiniano. Foram até Ceres. Kratpe resolver vir de pé com Krĩtxë {14}. Veio um caminhão, parou, eles entraram e vieram mais para cá. Vieram de pé, outro caminhão os pegou até o Gurupi. Do Gurupi vieram de pé, dormiram na estrada. O jeep os pegou e os deixou no acampamento. De lá vieram de caminhão até Guará. Foram a P. Afonso. Dormiram na estrada. Chegaram em P. Afonso. Aí compraram pano, panela. Vieram. Dormiram na estrada. Dormiram no [p. 88→] Jaó e chegaram meio-dia em Itacajá. De tarde aqui. Deu pano para a mãe, deu pano para Ai’ire {41}, deu a Téptik {44}. A mulher não ganhou nada, pois queria apartar dela. Por isso não lhe deu nada.

1-12-1963 — D2, pp. 492-493

Ao cair da tarde passei na casa de Ko’rere {160}, onde Kratpe fazia uma gaiola de buriti. Pretende sair amanhã com sua mulher e vai atrás de Aprak {48} que foi junto com Zé Aurélio {138} (que levou também seu filho Kopkahok {142}). Parece que Kratpe não sabe bem o que fará com os papagaios (parece que dois) que vai levar: disse que são para vender em Anápolis, depois disse que daria a um tal de Dr. Domingos, de Ceres, porque dizem que ele gosta de índios. Depois perguntou qual era a pessoa mais grande em Anápolis, para dar os papagaios. Diz que vai em procura de miçangas. Pediu-me para fazer um bilhete para ele a fim de cristão não xingá-lo, não zangar-se, não brigar com ele no caminho. São mais ou menos as palavras dele: “Lá em Ceres tem um Dr. Domingos, e dizem que gosta muito de índios; eu quero conhecê-lo. Se ele for bom eu vou presentear-lo com papagainho; lá eu vou arrumar as coisas. Lá eu volto. Chego e cuido do serviço logo. Aprak foi, eu soube notícia e estou com pena dele. Se Aprak estivesse aí, não

careceria de que eu viajasse. Eu vou bater em Anápolis, lá eu vou apresentar (os papagaios) à pessoa que é mais grande e lá ela arruma as coisas. Eu já conheço Anápolis, mas não pedi lá; só passei. Eu não conheço nem o povo de Anápolis; às vezes o povo de Anápolis que é mais bom. [p. 493→] Quero miçangas, roupinha para homem, pano. Eu não gosto de pedir com a boca porque fico com vergonha. Se Aprak foi para São Paulo, eu vou saber lá (em Anápolis) quem levou, gasto quatro dias em Anápolis, e volto.”

29-12-1964 — D3, p. 15

[Kratpe] Deixou Pãrã {162} porque ela não falava com ele, estava sempre zangada, fazia sua comida de má vontade. Em Anápolis ele arranhou panela, tigela, cinco cortes de pano e coisas miúdas (anel, 20 colheres de pimenta do reino, um pacote de agulhas, duas colheres, dois pratos). Vendeu o papagaio por três contos. Pãrã não queria comer pão.

Txwo?tik

5-12-1963 — D2, pp. 513-514

Txwo?tik {120} quer ir a São Paulo pôr dentadura. Pïto {107} me explicou que em São Paulo não se precisa pagar serviço dentário. Só cristão que paga, mas índio não. O índio não paga passagem. Disse que viajou até Belo Horizonte e não pagou nem trem, nem ônibus, nem caminhão, ia de graça. Perguntei por que e ela respondeu: “Índio não tem dinheiro, é pobre, é o governo que está pagando a passagem, mas o cristão paga logo.” Txwo?tik não tem nada de roça; vai pedir aos moradores, tra[p. 514→]balhando para eles para receber gêneros. Gosta mais de receber em dinheiro do que em gêneros porque com dinheiro eles podem gastar em compra de pano e outras coisas. No ano que vem vai botar roça, trabalhar muito: não vai fazer como os outros não! Trabalhar no Vau é melhor, porque o patrão paga a dinheiro e aí Txwo?tik compra as coisas. Quando vai ao Vau, procura antes de tudo o Pastor; se não encontra serviço com este, dirige-se aos outros. Não gosta de trabalhar aqui perto da aldeia porque não pagam bem.

[Mais adiante, ainda na p. 514] Īkietik {146} mandou Txwo?tik fazer um caixão de buriti [para Pika {147}] (nenhum índio tinha ainda sido enterrado em caixão), prometendo dar-lhe alguma coisa quando voltasse da viagem. Īkietik fez viagem e voltou, mas Penõ {158} disse a Txwo?tik que ele mesmo pagaria e lhe deu 500 cr. (Txwo?tik aceitou só 500 cr. porque fez o caixão para índio: se tivesse feito para cristão teria cobrado 10 contos).

Emiliano {167}

09-11-1962 — D1, p. 385

Na hora do almoço Emiliano contou que ficaram dois dias em Carolina, hospedados na casa da viúva de Manoel Perna, amigo dos índios, que ensinou ao pai dele [Pedro Penõ {158}]. Trouxeram sobretudo pano e ficaram espantados com o preço dos produtos alimentícios, que são mais caros que em Itacajá.

23-10-1963 — D2, p. 221

Messias {97}, Hahëkré {89}, Emiliano {167}, Piriká {8}, Kruakrai {93}, Waka[p. 222→]pi {26}, Kodetét {74}, Panhogré {92}. Emiliano e Hahëkré eram os encarregados por serem filhos de Penõ {158}. Foram a Belo Horizonte. Não conseguindo passagem para o Rio, Messias, Zé Cadete {89} e Kodetét voltaram. Os outros todos foram para a

aldeia de Porquinhos. Agora dizem as notícias que Emiliano, Kruakrai e Pirika foram para Brasília.

17-11-1963 — D2, pp. 384

Referindo-se à preocupação pela viagem de Emiliano, disse Aniceto: “Aqui tem muito cristão safado. De noite bebe cachaça, encontra você no meio da rua e é o diabo!” Disse que Sandoval não paga logo não. Ayehi {2} pelejou para receber seus 500 cr. Foi recebendo pouco a pouco. Quando o índio não tem comida, pede-se aos cristãos por aqui e eles dão meio cofo de mandiocinha por troco de um servicinho. Aniceto fazia pequena borduna para vender no Vau para comprar munição. Disse que no Vau lhe pagam 100 cr. Em Carolina pagariam 1.000 cr.

5-12-1963 — D2, pp. 510-511

Por falar em viagem, Basílio {121}, Īkietik {146} e Kapran irão às aldeias do Ponto e de Porquinhos à procura de Emiliano. Será in[p. 511→]teressante notar que esses dois últimos (Kapran e Īkietik) já viajaram neste ano.

9-12-1963 — D2, p. 553

Penõ {158} agora de noite me contou que Basílio {121} quis que as mulheres trabalhassem na roça dele para ele ir ao Maranhão à procura de Paihot {167}. Mas a mulher²¹ dele não quer porque da outra vez os Canelas [Apaniecrás] pediram a ela licença para matar Basílio, mas ela não deixou dizendo que não queria que os filhos ficassem sem pai, que ainda era novo. Basílio prometeu às mulheres paparuto, mas só deu cachaça. A sogra de Penõ voltou tonta e foi repreendida por Hakru {159} [esposa de Penõ], que lhe disse que naquela idade ainda não tinha criado juízo. Yut {148} [sogra de Penõ] se zangou. A mulher de José Pinto [pai de Basílio] veio falar a Penõ que foi Basílio o culpado de sua briga com ela. Ela negou-se a ajudá-lo na roça, dizendo-lhe que já o ajudou outras vezes e que agora trabalhasse sozinho. Basílio zangou-se, abandonou a roça e quer por causa disso viajar para o Maranhão.

2-8-1967 — D5, p. 85

Penõ {158} sonhou hoje de dia que Paihot {167} estava chegando aqui, de volta da sua viagem.

3-8-1967 — D5, pp. 90-91

Foi o mesmo nominador de Aloísio {35} que deu nome para Emiliano {167}. Este é ipantu²² de Aloísio. Perguntei-lhe então como Emiliano ousara casar com sua filha. Respondeu que Emiliano não tem vergonha de casar perti[p. 91→]nho; por isso vai pagar muito. Vai pedir-lhe espingarda, machado, facão. Se voltar da viagem somente com pano, Aloísio vai falar com Penõ {158}. Se trouxer muito, haverá presente para Tébyet {127}

²¹ A mulher de Basílio, Katxo {122} era apaniecrá de nascimento ou pelo menos de ascendência apaniecrá, como o eram todos os nascidos no segmento residencial de que fazia parte. Por isso, Basílio mais de uma vez passou temporadas na aldeia de Porquinhos, de onde trouxe o rito e a corrida de toras Përteré, atividade que ele dirige na aldeia de Pedro Penõ. Por outro lado, pairavam sobre ele suspeitas de feitiçaria.

²² Ipantu é o termo pelo qual o indivíduo mais velho se refere o mais novo que tem o seu mesmo nome pessoal indígena. Uma tradução aproximada seria xará (ou xarapim, como se diz na região dos craôs). Mas esta não dá conta de todas as implicações que tem o termo indígena. Os que têm o mesmo nome, também pertencem aos mesmos de alguns grupos e metades rituais, os mesmos papéis rituais e os mesmos amigos formais.

e Zé Nogueira {56}. Aloísio não vai ficar com nada, ele só recebe e passa para aqueles. Mas se for gado, Aloísio mesmo vai criar, pois Zé Nogueira já ganhou espingarda e Tébyet casou com sobrinha de Aloísio, portanto também tem de dar a Aloísio. Como vemos, Aloísio parece querer jogar com o parentesco segundo a natureza dos presentes que constituirão o preço da noiva.

31-12-1964 — D3, p. 21

Emiliano esteve-me contando de noite que não quer casar aqui. Vai para o Exército em Recife. Está entre os “cristãos” e os “índios”. Só pensa nisso quando vai deitar.

Basílio {121} viaja com um grande grupo

6-12-1963 — D2, pp. 525-526

Certa vez viajaram de Cabeceira Grossa [uma aldeia craô] para Porquinhos [aldeia apaniecrá no Maranhão] os índios: 1) Basílio; 2) Potut, irmão de Kutokré {77}; 3) José Paulo Krokroko {58}; 4) Raimundo Agostin Tebiet {127}; 5) Karété, irmão de Tebiet; 6) Karété {possivelmente Paciência, 1116}, tio de Tebiet; 7) Kampok, filho de Antônio Pereira {119}; 8) Luís Lopes, sobrinho de Patrício {1}; 9) Pedro Vi[p. 526→]cente, filho do irmão de Patrício; 10) Vayatom, irmão de Prure; 11) Prure {1103} (mãe da atual mulher de Basílio); 12) Katuro (irmão de Yoinon-Domingos); 13) Kenkunã; 14) Itxenk; 15) Hãihã; 16) José [ilegível], filho de Vayatom; 17) Kaukre velho. Os n^{os} 13, 14 e 15 são filhos de Prure. Nesta viagem Kampok e Karété adoeceram. Chegando na casa de um homem rico, este lhes ofereceu: leite com puba; 10 cachos de banana; resto de comida de festa de casamento; 200 laranjas; duas cargas de manga. E na estrada ainda comeram goiaba. Tamanha fatura piorou o estado dos dois doentes. Prure levou Kampok; Lezé carregou Karête; os outros pouco ajudaram (há muito mehim sem vergonha). Atravessaram a cabeceira do Mearim com água pelo peito. Os dois doentes vieram a falecer. Agora Kaapa {151}, mulher de José Pinto {151}, e “irmã” de Antônio Pereira, brigou com Koren {122} (mulher de Basílio e filha de Prure), dizendo que Prure tinha matado Kampok, o filho de Antônio Pereira. Ameaçou de facão; Basílio segurou o pulso; ela jogou o facão assim mesmo; quase corta a goela da filha caçula de Basílio; este derrubou-a no chão. Disse que ia matá-la se ela tivesse matado a caçula. Basílio entregou sua roça a Yarpot e a Herwo e veio embora.

Isso foi contado por Basílio. Dentre os 17 viajantes enumerados, parece haver vários apaniecrás, ainda que aparentados aos craôs, mas moradores em Porquinhos. Dentre eles estava Pedro Vicente, que conforme uma outra informação (D3; 113), foi quem ensinou Basílio a cantar.

Note-se também que a indisposição entre Basílio e a esposa de seu pai, José Pinto, é aqui atribuída a uma morte causada pela sogra de Basílio (feitiçaria, envenenamento?). Porém em D2: 553 é motivada pela recusa da mulher de José Pinto em continuar a trabalhar na roça de Basílio.

Kapran e Hapuhi

13-11-1963 — D2, p. 358

Ao lado de toda essa animação os homens mais velhos estavam sentados ouvindo Kapran, que chegou de Brasília. De repente o cântico parou: Hapuhi {83} brigava com sua mulher na casa desta, parece. Todas as mulheres correram para lá. O capitão me disse que Hapuhi acusa a mulher de se ter deixado “mexer” por outro. Mas a sogra dele não quer que ele se separe e diz que Ramkhwoi está grávida mesmo de Hapuhi. Disse também

Penõ na hora do jantar que em Brasília não fizeram bom com Kapran e Hapuhi pois Dodanin já aconselhou todo o mundo a não dar nada para o índio, que ele só quer vadiar, vender as coisas. Em Anápolis um homem disse a eles que Dodanin não volta mais para a Craolândia. Parece que eles viram Dodanin em Anápolis.

Corrida de São Silvestre

25-12-1964 — D3, p. 1

Saí no dia 17 do Rio [...] Desembarcando [no dia seguinte] na Charqueada [na foz do rio do Sono, na margem oposta à de Pedro Afonso], encontrei Pedro Penõ {158}, Ayehi {2}, Txëi {277}, Tebiet {127}, Hakru {159} [esposa de Penõ] e Wakõkwoi {3} [esposa de Ayehi]. Ayehi, Txoi e Tebiet, considerados os melhores corredores da aldeia, deveriam partir para São Paulo, acompanhados pelos demais citados, para tomar parte na corrida de São Silvestre, em São Paulo, a realizar-se no próximo dia 31. Partiram afinal no dia 21 ou 22.

José Paulo, Krokroko {58}, que encontrei no aeroporto do Galeão com a Tenente Cariri, veio comigo até Itacajá, onde encontrou-se com a mulher, ao chegar, no dia 22, que se preparava para levar o filho para Miracema para consulta médica.

13-1-1965 — D3, pp. 91-92

José Aurélio {138} não foi. Ia fazer esteira. Estava pendurando carne quando eu cheguei lá. Ele me ensinou a festa de Khëigayu. A narração foi interrompida pela chegada de Tebiet {127}, que deu um tiro antes de entrar na aldeia. Foi em primeiro lugar para a casa de sua mulher. Lá falou com Atorkó {138}. Este mandou um menino imediatamente à roça de Penõ {158}, para chamar os índios para irem buscar as coisas que Penõ tinha trazido e que estavam em Itacajá.

Cerca de meio-dia alguns homens chegaram à aldeia. Joaquim {106} reclamava, dizendo que nem todos queriam ir ao Vau [Itacajá]. Propus-lhe que ele esquecesse também deles na hora de dividir as coisas. Joaquim disse que nem todos obedecem ao prefeito, mas o prefeito nunca pode esquecer de ninguém. E o prefeito nada recebe, como o prefeito dos “cristãos”. Antigamente todos os índios obedeciam ao prefeito.

José Aurélio mandou outro menino à roça para cha-[p. 92→]mar o resto do pessoal.

13-1-1965 — D3, pp. 93

Ao cair da tarde chegaram Penõ, Ayehi, suas mulheres e alguns civilizados: um era Cândido [chefe do Posto], dois eram da Gazeta de São Paulo, um trazia camisa de paraquedista, outro era um soldado da Polícia, sediado em Pedro Afonso; outro era da SPEVEA. Tiveram pouco tempo aqui ops civilizados, foram embora logo.

Depois que tinham ido embora, lembrei a Davi {172} que um dos homens falava e perguntava mjuito, que parecia Pudluré. Davi concordou plenamene com a comparação.

...

Ayehi foi para o pátio contar a viagem. Hakru contou-a às mulheres, diante de sua casa. Agora, às 22 horas, ela ainda conversa com Yut {148} [sua mãe], Martinho {73} [seu filho]. Terekwoi {170} [sua filha] também está com ela. Kaci {17} [seu filho], Piná [sua nora] e Prupru dormem. Penõ voltou ao Posto com os homens.

Hakru não gostou de São Paulo. Disse que é muito frio e que lá se mata gente todo dia.

23-1-1965 — D3, p. 134

Penõ de tarde esteve me contando que Wakõ {3}, em São Paulo não puxava a descarga da privada. Tomou duas xícaras enormes de café, depressa, sem deixar para os outros. Penõ explicava aos demais índios: “Quando quiserem ir à privada, digam apenas: ‘Preciso de ir à privada.’” Mas Ayehi e Korã {277}, no meio do povo, diziam: “Quero mijar, onde é a privada?” ou “Quero cagar, onde é a privada?” Comenta Penõ que aqui no sertão se pode falar com os civilizados: “Vou cagar” ou “Vou mijar”. Mas na cidade é de outro jeito.

Ambrosinho {221}

17-12-1962 — D1, p. 601

Esteve-me contando Ambrosinho {221} que em Brasília fez uns 5 mil cruzeiros na rua, recebendo do povo. Em Porto Nacional fez cerca de um mil cruzeiros. No Vau o povo não dá porque já conhece o índio; em Pedro Afonso também não dá porque é lugar de índio. No Vau só os crentes dão comida quando o índio pede. Outro índio me esteve falando que ia ao Rio ver quem está no lugar de Rondon: “Dizem que é filho dele, mas parece que o filho não gosta de índio...” Disse-lhe que fosse a Brasília, mas ele respondeu que o Rio é maior, que é capital maior, que talvez possa resolver... Enfim, deve ser mero pretexto para ir ao Rio.

18-12-1962 — D1, pp. 602-603

[...] um deles me disse hoje que viaja para conhecer e nada mais; Akrei contou-me que quer ir ao Rio para depois contar aos jo[p. 602→]vens como é a cidade; Jacinto {256} quer ir ao Rio para se curar (tuberculose); ao passar por Brasília dirá ao diretor: “Eu não vim para pedir presente mas para me curar, mas se o Sr. me quiser dar alguma coisa, eu aceito.” E ainda acrescentou-me: “Negócio de ferro eu não quero; prefiro o dinheiro, que é “manero” e você pode levar para onde quiser. O capitão Ambrosinho disse-me que não gosta de padre, porque é sovina. Em Porto Nacional o padre não lhe deu nada; Akrei o importunou até receber 50 cr. Os padres de Pedro Afonso não são bons não: riem muito, mas só dão coisinha pouca: negócio de 100 ou 200 cruzeiros. Os “crentes” não; eles dão: quando se fala ao pastor, ele pede na igreja, os crentes combinam de arrumar coisas. Marcão {195} seguiu Dodanin até Séries (parece que é esta a cidade [Ceres]), onde há muito crente. Lá encontrou-se com Dodanin e este pediu aos crentes, que arranjaram um bocado de coisas para Marcão. Ambrosinho gosta só de padres de cidade grande, que nunca viram índio. [...] Há até uma ideologia desse modo de vida, repetida hoje à noite por um rapaz na praça: “O Brasil é do craô, por isso quando o índio sai daqui não paga transporte, não paga nada.”

16-10-1963 — D2, p. 177

Enquanto estávamos na fila, Ambrosinho lembrou que se fazia uma fila assim para se comer em Brasília: andava devagarinho!²³

²³ Fiz referência a essa observação de Ambrosinho em *Ritos de uma Tribo Timbira* (São Paulo: Ática, 1978), p. 174. Ele comparou a fila do restaurante em Brasília com a fila que fazem os membros da metade Katamyé, caminhado lentamente para chegarem ao pátio somente após o anoitecer, na cerimônia em que a metade Wakmëye lhes entrega a administração da aldeia, no início da estação das chuvas.

17-10-1963 — D2, p. 187

[Palavras de Ambrosinho:] Nilo²⁴ mandou dizer que se o governo lhe desse ordem para ele tomar conta do Posto, ia dar todas as coisas para os índios: rapadura, café sal, sapato, mercadoria, dinheiro e não precisariam mais correr o mundo atrás de ferramentas. O governo tem dinheiro mas é para ele mesmo. O índio na capital consegue 100 cr. de um, 200 cr. de outro e vai ajuntando. Outros “mais grandes” dão 300, dão 500. Na volta compra machado, compra enxada.

17-10-1963 — D2, p. 192

[Ambrosinho] Perguntou-me se na cidade se comia “animal” (burro, cavalo). Diz que tem medo de lhe darem carne de “animal” na cidade porque pode fazer mal. Por isso não come carne todo o dia na cidade. Disse que batata inglesa, mastiga, não tem gosto.

16-2-1967 — D4: 134

Ambrosinho notou que aqui a Lua passa pelo meio do céu. No Rio de Janeiro também. No Maranhão também. Logo, conclui, o céu é muito alto a as cidades são próximas umas das outras.

Iprî (Alípio) {226}

15-2-1967 — D4, p. 127

Iprî foi duas vezes à Bahia. Numa das vezes, ao voltar, ao desembarcar em Carolina, encontrou Otacílio {258}, Yoinõ {357} (genro de Marcão {195}) e Ketpéi {338} (filho de Manoel Bertoldo {371}): comprou uma espingarda para cada um e outros presentes para que eles o ajudassem a trazer suas coisas para a aldeia. Ele que pensava que iria sozinho de Carolina para a aldeia (três ou quatro dias de viagem), ficou alegre quando os viu.

Gregório

19-10-1963 — D2, p. 203

Gregório {310} quer ir ao Rio, só mesmo atrás de miçangas.

Zé Magro

14-10-1963 — D2, p. 160-161

Disse-me Zé Magro {296} que quer falar com o governo do Rio, não mais o de Brasília; o S.P.I. é pobre e quer encontrar um “Serviço” mais rico. Tunko {300} foi a Salvador e trouxe um facão, um machado e uma espingarda e deu tudo a Silvino {367}. Zé Magro disse também que tudo que ganha na cidade ele dá para o ir[p. 161→]mão da mulher, Manoel Bertoldo {371}. Disse-me Zé Magro, que antigamente, quando não havia contato com os cristãos, o marido pagava aos parentes da mulher com flechas, arco, penas etc.

²⁴ Suponho que se trate do Nilo referido em outros depoimentos como diretor da Rádio Cultura, de Salvador.

Antônio da Silva

21-12-1962 — D1, pp. 621-622

Antônio da Silva {233} já esteve em Belém, Pernambuco, Salvador. Em [p. 622→] Salvador ganhou 10 contos. Não pôde comprar gado porque o povo malina muito; mas comprou remédio, comprou de comer, até acabar o dinheiro.

12-10-1963 — D2, p. 146-147

Antônio da Silva contou-me que viajou até a Bahia. Passando por Corrente, no Piauí, o pessoal ficou com medo dele e trancou-se nas casas. O prefeito disse que ele podia andar pela cidade, deu-lhe 1.000 cruzeiros e arranjou-lhe passagem (5 pessoas) para o dia seguinte às 5 horas da manhã. Foi até Salvador. Lá o governo não é bom não. O governo se chama José Carvalho. Foi ao palácio: “Para que tu veio aqui? Quem te manda? Por que você não vai a Goiânia.” “Tem inspetoria de nós, mas não pode mandar nada, não pode mandar machado, nada.” O outro [p. 147→] chefe perguntou-lhe se queria passagem para ir embora. Então o Nilo falou, na frente do “governo”: “Isso é que o governo é pobre, eu arrumo para você.” Arrumou um bocado de coisas. Mas Antônio da Silva trouxe só o dinheiro e a espingarda. As coisas deixou lá porque a passagem é cara. Trouxe 10 contos; Alípio {226}, cinco; Ka’këre {332} cinco, Pedro (Rourok), 5. Deu para o filho, sobrinho, mulher, parentes. O empregado do posto velho contou o dinheiro para ele e disse: “Este você gasta e aquele você compra gado para criar.” “Gado eu não compro porque vai acabar.” Comprou farinha, mantimentos, até acabar o dinheiro.

5-11-1963 — D2, pp. 295-297

[Antônio da Silva:] Eu vou (para o Rio); eu não tenho pena (saudades) de minha mulher; meus filhos já estão grandes; eu vou! Eu vou tomar “bebida” até ficar bom de conversar, aí falo tudinho (com as autoridades). A cachaça é uma catinga danada, mas a “bebida” a “grandeza” não pode falar nada, porque a “bebida” é da “grandeza”.²⁵

Quando A. da Silva foi a Salvador disseram-lhe que o tenente dos bombeiros iria dar uma corrida nele. A. da Silva instalou-se no quartel dos bombeiros. De noite o tenente chegou e perguntou: “Cadê o capitão?” Veio então alguém chamá-lo: “Capitão, o homem quer falar com você!” “Que homem?” “O tenente.” A. da Silva botou calça, sapato, um punhal na cintura e paletó. O tenente estava cheio de soldados, trazia vários punhais nas botas e vários revólveres na cintura. “Como vai o Sr.,” disse a A. da Silva pegando-lhe a mão com força mas A. da Silva pegou também. “Que tu vem fazer aqui?” “Eu vou conversando com o chefe para arranjar algumas coisas para mim.” “Mas capitão, eu não posso arrumar aqui nada, nós estamos pobres, o lugar [p. 296→] aqui não é de vocês não.” “Bem, oh tenente, você também vai-me escutar; aqui você não me corre, eu não sou ladrão, eu não venho atrás de você, venho atrás do governo, o índio arrancha aqui.” O tenente deixou-o arranchar. Os soldados lhe diziam: “Oh mas o capitão é forte mesmo. O tenente não é ruim só para vocês, é ruim para nós também, mas um dia ele sai. A. da Silva se chamava de capitão porque ele comandava a turma, composta de Alípio {226}, Raimundo {332} e Pedro. Porque o capitão é que procura a guia.

No outro dia foi ao Palácio. “Aonde tu vai?” “Eu vim só até a Bahia!” “Eu só dou passagem para outro rumo.” No outro dia A. da Silva foi despachado: uma dúzia de enxadas, quatro machados e 10 mil cruzeiros para cada um. A. da Silva ganhou mais

²⁵ Os craôs dão o nome de “bebida” aos destilados considerados mais nobres que a cachaça. Referem-se como “grandeza” às pessoas de maior poder aquisitivo.

dinheiro que os outros. Deixaram os ferros em Salvador e vieram para Carolina onde A. da Silva por ser capitão da turma, comprou uma espingarda para cada um (total: quatro espingardas) com seu próprio dinheiro. Munição, panos etc. ficou por conta de cada um. “Por isso é que o povo está querendo eu! Mas não foi o governo da Bahia que deu isso. Foi o Nilo, dono da Rádio Cultura. Dizem que o pai dele é que levantou a Bahia. Os meninos dele são todos ricos.” Foi ele mesmo que subiu com A. da Silva no palácio do Governo. E disse na frente do “governo”: “Vamos embora, capitão, esse governo subiu agora, é pobre, eu mesmo arranjo.” Nilo mandou carta [pouco legível] para A. da Silva voltar até lá. É rico e tem até avião. Na Bahia o povo queria ver índio e A. da Silva não podia descansar. Por isso andava com um molho de chaves e ele mes[p. 297→]mo se trancava para ninguém importuná-lo.

Xavier {281}

19-10-1963 — D2, p. 198

De tarde passei pela casa de Xavier {281}. Tinha um pequeno bastão, um koyanoi [cetro ritual], e dois arcos para vender em Carolina, para onde vai segunda-feira. Lá venderá o koyanoi e cada arco por 1.000 cr. Com o dinheiro vai comprar pano e parece que vai pagar ao Passarinho o que deve. Depois virá plantar um pouco a sua roça, que é de 2,5 tarefas, e irá ao Rio, deixando o resto do plantio a cargo do genro.

19-10-1963 — D2, p. 202

Xavier diz que vai ao Rio, não atrás de coisa, mas só para fazer queixa de Ambrosinho e mudar o capitão. Isso mostra que para mudar o capitão é preciso do reconhecimento do governo.

19-1-1965 — D3, pp. 114-115

Segundo Xavier, primeiro, o chefe de Cabeceira Grossa era Bertoldo {1065}. Quando este se sentiu velho, passou para o Chiquinho {329}. Luís Balbino {1120} era canela [da aldeia de Chinela, aniquilada em 1913], mas era muito ativo, enquanto Chiquinho só ficava em casa. Chiquinho e Balbino viajaram para o Rio, parece, juntos. Passaram por Pedro Afonso, Porto Nacional, Peixe, Descoberto, Anápolis, Goiânia. Xavier os acompanhou e era rapaz. Quando voltaram, Chiquinho, no caminho já tinha [p. 115→] passado a chefia para Balbino.

Doroteu {271}

6-12-1962 — D1, pp. 527-528

Depois das 15 horas fui à casa de Domingos {208}. Seu filho {211} esteve me contando que já foi ao Rio de Janeiro, partindo daqui com Doroteu {271}. Foi de trem, passou por São Paulo e de trem chegou ao Rio. Na estação da Central viu aquele relógio grande. Pelo que ele diz, ficou mesmo no Ministério da Guerra (naquele quartel perto da Central)²⁶; encontrou com a mulher de Dodanin; ficou com os batistas em Campo Grande. Foi ao Museu do Índio pedir passagem de volta. Voltou pelo CAN. Escolheu [p. 528→] viagem aérea porque já tinha andado de trem e também porque estava com saudade e queria voltar depressa. Ao descer em Carolina Edite [esposa de Dodanin] lhe deu dinheiro para tomar motor até o Itacajá, mas o dinheiro acabou e ele veio a pé.

²⁶ Suponho que no Ministério da Guerra não havia alojamentos; na Praça da República havia um quartel do Corpo de Bombeiros.

Doroteu, que o acompanhou na viagem, não parece ter ido até o Rio. Agora este mesmo filho de Domingos está noivo da filha de Doroteu, chamada Maria ('Pêre) {248}.

12-10-1963 — D2, p. 144

Doroteu esteve-me contando que pediu a Ademar de Barros para arranjar transporte para as coisas que ganhou: a FAB é que trará (são 10 machados, 10 enxadas e parece que 10 facões, sombrinha etc.). Doroteu diz que perguntam-lhe muito na cidade se é brabo: “Não sou brabo, tenho precisão de muitas coisas, quero falar com Ademar.”

Zezinho {133}

15-11-1963 — Caderno “Viagens”, pp.18-19.

Conhece Pedro Afonso, Balsas, Carolina e mais nada. Quer ir a São Paulo para andar, para fazer “enfeite” de seu dente. Estou com vontade de ir mais você. Eu vou a Carolina e pronto. Quando avião bom, ele me leva. Quando estive lá, o povo dizia: “Vamos para o Rio! Vamos para o Rio!” Um homem bom o convidou para ir. Mas não foi porque não tinha companheiro. Tinha Gregório {310}, mas ele estava [p. 19→] com saudade da mulher. O filho de Zezinho está dizendo: “Oh meu pai, vamos embora, vamos ver cidade e me põe num colégio lá.” Sozinho é bom, mas eu com vontade de ter companheiro. Meus meninos estão pequenos e ficam com fome, eu vou fazer roça para ir; quando vou deixar eles, num instante ficam amarelinhos. Quando vou caçar, toda hora perguntam: “Cadê pai? Cadê pai?” Secundo {43} não dá, nem Aleixo {117} e Pókrók {18} não dão comida, porque as mulheres deles não deixam²⁷.

Pikén {232} ouviu Kapereko [pouco legível] dizer em Brasília que o Emiliano {167}, que ele mesmo levou no Ponto, mataram-no lá. Agora Zezinho quer saber certo, e Penõ {158} vai levar Zezinho a Brasília para ver esse homem. Quando dá fé é fuxico! Diz Zezinho que vai matar o homem porque Emiliano era seu sobrinho²⁸. Vai matá-lo logo, em Brasília mesmo.

Messias {97}

20-11-1962 — D1, p. 467

[Messias] Informou-me que é de fevereiro em diante que os homens começam a viajar pelas cidades; quase sempre vão sem a companhia das esposas, para evitar maiores despesas.

...

Messias contou-me que estudou primeiramente com J. Leão nesta aldeia junto com Penõ {158} e Davi {172}. Depois Davi foi para Corrente [PI], enquanto ele e Penõ foram a Carolina [MA]; ficaram estudando com Zé Queiroz; depois de um mês Messias teve de voltar porque lhe avisaram que a mãe estava doente; Penõ porém ficou quatro meses.

23-11-1963 — Caderno “Viagens”, pp. 51-61.

1. Belém. Ainda não havia encarregado do Posto. Quem deu guia foi Quain [o antropólogo Buell Quain]. Foi junto com José Wakedi {1049}, Alexandre (Kaxux)

²⁷ Secundo. Aleixo e Pókrók eram tios maternos dos filhos de Zezinho.

²⁸ O referido Kapereko poderia ser um canela da própria aldeia do Ponto. Mas, de fato, Kapereko é também um dos nomes indígenas de Emiliano.

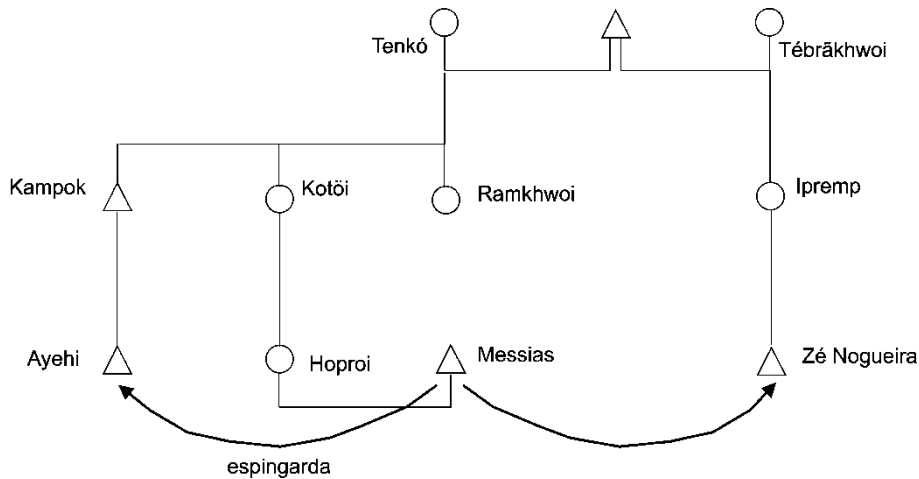
{1057}, Króuku {1170} (mulher de Wakedi). Messias era solteiro. Foram a Carolina e depois pegaram motor até Alcobaça e de lá pegaram transporte de caminhão.

(Chegando na cidade, procura-se o prefeito; se não está, [p. 52→] procura-se o delegado; se não tem, procura-se o fiscal).

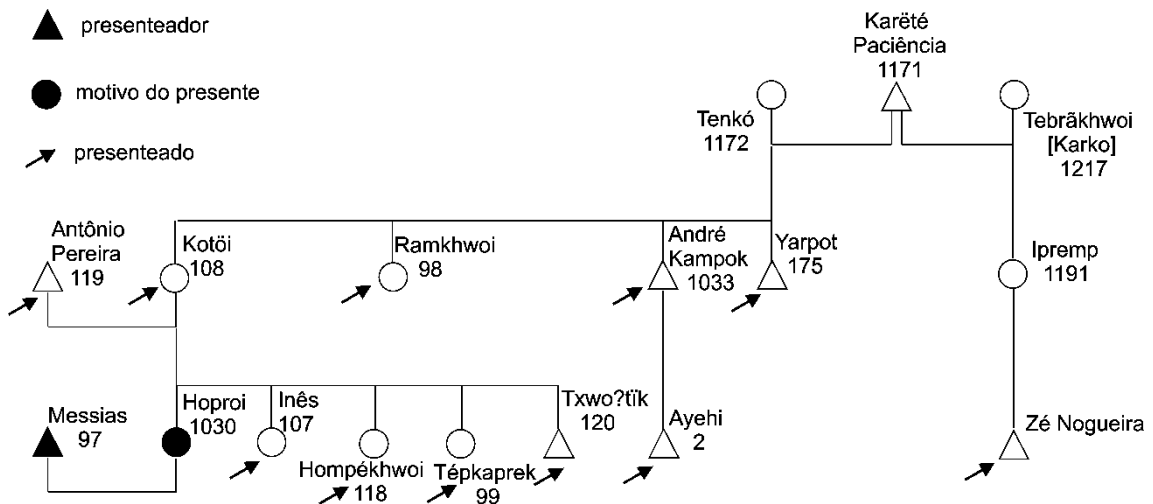
Quem arrumou comida foi Justino Medeiros, prefeito. Foi ele que arrumou motor, porque no tempo de Justino Medeiros havia o motor dele. Comia no motor. Não Pagavam nada. Saltaram em Alcobaça e o prefeito se chama “Obinice”. Ele também [ilegível], pagou a passagem do caminhão. Ficaram cinco meses em Belém. O motor ficava nas cachoeiras cerca de quatro dias. Na volta nós pedimos ao Dr. Raimundo Barata, governador de Belém; ele arrumou espingarda, prato, miçanga, ferramenta (três, espingardas, seis facões, seis enxadas, seis pratos, seis faquinhas, caixinha de miçanga para cada um). Índio viajando, chegando na cidade grande, procura mesmo no quartel. Foram para o quartel, mas a esposa do Wakedi foi para o acampamento. Só os homens ficaram no quartel. O capitão T[ilegível], chefe da polícia, arrumou passagem de avião para Carolina e os índios vieram. E voltaram para a aldeia. O povo de Belém é bom demais, dando comida, dando roupa e o capitão manda a polícia acompanhando nós. Agora não se vai mais a Belém, porque, se alguém vai de Goiás, [p. 53→] eles perguntam e não recebem. Só de Boa Vista, gavião e canela recebem lá. Em Brasília chega-se à estação e o dono da estação fala logo pelo rádio para o S.P.I. Se o índio aparece no quartel, a polícia chama mesmo o S.P.I. para tomar conta. Se eu viajar, em Anápolis eu não vou para Goiânia não, vou procurar passagem para o Rio, São Paulo, ou Minas, em Anápolis mesmo. Se tu vai para Brasília, não vai, volta de lá mesmo. Se o S.P.I. toma conta, o índio fica parado quieto como preso. Não, eu quero conhecer a cidade, conversando. Belém antigamente dava para todos os índios, mas agora está ruim, não quer que passa da linha (divisória do Estado).

2. Fortaleza. Pegaram avião em Carolina. Eram só dois: Messias e um sobrinho, Irãyaka (Raimundo Pinto) {1029}. Voaram até Petrolina. E pegaram outro avião para Fortaleza. Chegaram em Fortaleza e não sabiam onde iam dormir. E perguntaram um rapazinho novo onde era a casa do prefeito. O rapaz mostrou a casa [p. 54→] do prefeito, levando-os até lá. O prefeito não estava, estava no palácio. Aí nós fomos lá. Na porta a polícia toma conta da porta com a espingarda. Eh, eu fiquei com medo. Tiramos o chapéu, ele virou e nós entramos. Lá dentro tinha outra polícia. Ele perguntou: “Eh patrício, para onde vai?” “Eu quero conversar com papai grande.” Aí um companheiro levou os índios para lá. Chegamos lá e havia quatro ajudantes e eu perguntei à polícia: “Qual é o prefeito?” “Esse que está sentado, de gravata azul.” Entramos na porta e ele falou logo: “Ou, oh índio, você apareceu aí, de que você está de precisão?” Aí eu falei logo: “É, eu vim buscar minhas precisão e vim aonde papai grande está. Olhe, seu prefeito, eu venho onde está o Sr., não [ilegível] porque nós somos índios, nós somos pobres, e o Sr. arruma nossa bóia e depois nós conversa outra coisa.” Aí ele escreveu um papel e a polícia levou. E botou na pensão do “Sobrado”. Ele falou: “Segunda-feira, às 8 horas, pode vir e aí nós conversamos.” Nós tínhamos chegado na sexta-feira lá. Passamos oito dias no “Sobrado”. A dona da pensão era a Sra. Hermínia Ladeira. [p. 55→] Essa comadre era muito boa para nós. Na segunda-feira às 8 horas nós fomos. Aí nós combinamos as coisas de que tínhamos precisão. Ele tirou papel e perguntou: “Vamos ver o que você precisa.” Aí nós contamos: “Arma de fogo, machado, facão, mercadoria, miçanga, tesoura, faquinha, é só isso que nós pedimos.” Aí ele arrumou. Fez bilhete e mandou esse, acho que é caixeiro, rapaz novinho, e me levou para lá. Na porta da pensão do “Sobrado”. Entregou o bilhete para esse Nico, numa “quitandinha”, e ele botou seis espingardas (Raimundo ficou com três e eu com três), 24 facões, 24 machados, 24 faquinhas. Ele falou na picareta, mas nós

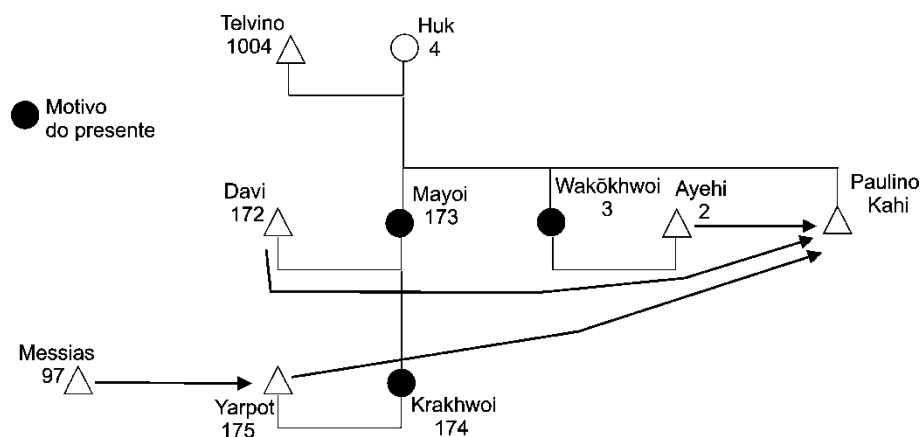
não quisemos porque era pesada. A pá também não quisemos. Deu sete peças de pano. Miçangas. Cada um ganhou três pares de calçado. Falamos com o capitão Raimundo e ele arrumou passagem de avião da FAB até Carolina. Aí encaixotamos as coisas e pronto. De tarde pegamos o avião e viajamos de noite. De madrugada pousamos em Carolina. O jeep da pensão veio e levou para lá. Nós mesmo pagamos a pensão. Tinham dinheiro, o governo de Fortaleza deu 6.000 para cada um. A espingarda eu paguei à fa[p. 56→]mília da mulher [Hoproi {1030}] que morreu: Zé Nogueira {56}, Ayehi {2} e Yarpot {175}.



Acima reproduzo o esquema tal como o anotei no caderno. Abaixo amplo o mesmo, de modo a incluir os outros agraciados com presentes referidos no relato.



Por sua vez, a espingarda que Messias deu a Yarpot serve a este para pagar suas próprias prestações matrimoniais, como ilustra o esquema:



Irāyaka pagou a Xavier {281}, Hū?tê {310}, a João Grosso {1149}²⁹. Foi com essa mesma espingarda que ganhou de Irāyaka que João Grosso se matou. Porque era casado com Mraiti {270} (agora mulher de Kutokré – Doroteu {271}).

Pereira {119}, Txwo?tik {120}, Yarpot {175}, Ayehi {2}, Kampok {1033}³⁰. Yarpot já ganhou muito na minha mão. No tempo do Veloso eu pegava muito dinheiro aí no posto, mas agora parece que a verba desse posto é pouca. Yarpot recebeu na minha mão e com isso pagou a conta da mulher dele. Paulino (Kahi), irmão de Wakōkhwoi {3}, veio aqui e recebeu na mão de Davi {172}, Yarpot, Ayehi. A espingarda que Messias trouxe de Fortaleza, Messias deu a Yarpot e esse passou a Paulino. Yarpot deu ainda um facão. Ayehi deu espingarda para Paulino (espingarda que [p. 57→] Messias deu), pois já tinha dado outra para Patrício {1}. Davi deu um garrote, que Paulino matou lá mesmo para vender a carne. Paulino recebeu espingarda de Manoel (Kutokré) {77}, por ter casado com filha de Aniceto. Aí vendeu duas na estrada para pagar passagem de caminhão e levou uma. Morreu ao chegar na aldeia. Aqui ele vadiou muito, mexendo rapariga e por isso acabou o dinheiro. Rapariga agora é 500 cr. a noite inteira. Se for velha, paga menos.

Inês {provavelmente 107, menos provável 1028} ficou com duas peças, Kotöi {108} ficou com três, Hompékhwoi {118} com duas, Tépkaprek {99} com duas. Messias vendeu dois machados, um sumiu, e outros deu para a família da mulher: Yarpot, Zé Nogueira {56}, Pereira, Ramkhwoi {98}. Esta já vendeu quatro machados que recebeu de Messias. Um ela vendeu a troco de carne. Messias vendeu duas enxadas a 2.000 cada uma para pagar sua conta, dando a Pedro Noletto {65} e Hoyat {126}. Porque tinha armado armadilha com espingarda e matou porco de Txukhwoi {130}, filha de Raimundo {127}, e Hoyat quis receber espingarda. Yunkhwoi {359}, mulher de Joãozinho {358} curou [pouco legível] Messias e por isso Messias prometeu pagar a Pedro Noletto [primo paralelo matrilateral de Yunkhwoi].

3. Salvador. Foi a pé até a cidade da Barra, [p. 58→] porque não tinha documento. Passaram por Sta. Vitória, Sta. Filomena, Gilbués, Correntinha, Formosa, Sta. Rita, Baixão, cidade da Barra. Foi com Aleixo {117} e Potxö {29}. Aleixo levou a mulher e Messias também. Na cidade da Barra pegaram vapor até no Juazeiro. Aí de trem foram até Salvador, fazendo baldeação em Bonfim. Foram pedir para o chefe do palácio Juraci Magalhães. Não arrumou nada, deu só dinheiro, 16 contos. As mulheres ficaram com seis contos (três para cada uma), cada homem ficou com três. O Aleixo é que era chefe. Não

²⁹ Xavier é tio materno de Mräiti; já a relação dela com Hunte e João Grosso não está clara.

³⁰ Há uns números sobre os nomes dessas pessoas, cuja razão não me recordo: o número 4 sobre o nome de Yarpot, e o número 1 sobre os dos demais. Talvez seja o número dos presentes já dados por Messias.

comeu carne na pensão porque viu mão de garotinho na comida cortado bem nos dedos, e então comprou carne no matadouro e arroz, e as mulheres cozinham. Lá na rua do arame, porque pediu ao guarda para morar numa casa velha e ele deixou. Nilton (Lilo) falou: “Tu já comeu?” “Não, eu não vou comer mais na pensão, porque eu não gostei de comer coisa na pensão e nós faz mesmo a comida.” É dono da Rádio Cultura. Lilo arrumou passagem, deu três contos para Aleixo, pagou pensão. Nós cantamos no jornal, no rádio, e juntaram um bocado de ferro, e nós encaixotamos e botamos lá na [p. 59→] cidade de Bonfim, mas a bagagem não veio. Deixaram a bagagem com um alugado do quartel de Bombeiros (D. Rosa). Voltaram de trem do Salvador a Bonfim. Outro trem a Juazeiro. Depois caminhão até Crato. Compraram [palavra pouco legível]. Messias veio sozinho. Aleixo veio antes e Potxö ficou lá em Salvador. Separaram-se por causa da dificuldade de transporte: não podia ficar gente em pé no trem. Passou também em Petrolina. De Crato foi para Arara Pinto [Araripina?] de caminhão. Depois para Teresina. De lá de ônibus para Pequizeiro. De ônibus para São Domingos e chegaram em Carolina, no mesmo ônibus que saiu de Teresina, mas saltaram em Bacaba, para cá de Riachão, por que é mais perto para vir para Piacá. Em uma noite chegaram a Piacá. Em três dias chegaram na aldeia.

4. Brasília. Foi com José Pinto {150}, Raul {67} e Messias [o depoente acrescentou o nome dele mesmo]. Passaram em Sta. Vitória, Gilbués, Correntinha, Formosa, Barreiras. Aí kupê ensinou: “Por que você não vão ao papai grande?” E ensinou onde estava Brasília. Foram então para Sta. [São] Fidélis, Sta. Catarina, Riachão, Sítio, Gonaninha [pouco legível], Formosa Grande, Brasília. Passeamos [p. 60→] até passar um mês. Ficaram na Novacap. Ainda não tinha S.P.I. Falaram com secretário do Juscelino, o Dr. Saião, esse que morreu. Arrumou muita coisa. Não foi katôko [espingarda] não. Tocou 15 contos a cada um. O dono do Sapinho (SAPS) também pagou quatro contos a cada um. Trouxeram duas peças de pano. O chefe da viagem era José Pinto. Nós pegamos dinheiro como quê. Em toda cidade de Sta. Catarina para lá. Nas cidade de cá não pegaram dinheiro, porque aqui o povo (índios) está passando toda hora para Salvador e a gente está conhecendo. Encontraram Eleusipo em Brasília. “Oh Eleusipo, quero que você me bote lá em Anápolis, porque eu já estou com pena de minha mulher e meus filhos.” Sexta-feira pegamos caminhão do Eleusipo e fomos para Goiânia. Em Goiânia o SPI tomou conta e arrumou passagem até Ceres. E viajaram para cá. Aí alcançaram o Pedro Penõ {158}. No tempo que Amazonas {60} ficou doente. Trouxe faquinha, pano, anel, miçanga não. Comprou três katök [espingardas] em Anápolis; José Pinto comprou três e Raul dois. Encontrou José Ayehi {2} no Posto dos xerentes e lhe deu uma espingarda. Trouxe um machado, um facão. [p. 61→] Comprou maleta em Pedro Afonso para o Ayehi. Arrumou oito contos para o Ayehi comprar pano para a mulher dele e suas filhas.

5. Brasília. Foi em setembro deste ano. Foi com Zé Cadete {89} e Emiliano {167}. Mas o S.P.I. empurrou logo para cá. Deu machado, facão. Em Cercadinho o dono da pensão estava bêbado e atirou em Zé Cadete. Fizeram cama ... [palavra ilegível] tijolo. O dono da pensão falava: “Você me desculpa, porque quati arranchou aí e eu vou acabar quati.” A mulher dele falou: “Não, deixa o bichinho ficar, que é pobre.” Zé Cadete correu e deixou sete contos e os ferros e a calça nova. O homem alumiu com lanterna e atirou. Zé Cadete tinha comido lá. Eu falei com Zé Cadete: Você é fraco demais, porque podia você voltar para trás e me avisar e eu dava parte no dono da pensão. Messias veio atrás, comprou carne lá, farinha e pediu a mulher da pensão para assar a carne. Compraram carne, assaram a carne, pediram água, beberam e viajaram; o dono da pensão estava

dormindo. Emiliano vendeu faca, machado e enxada, e levou só dinheiro para outra aldeia.

26-3-1971 — Diário D6, p. 216

Messias já foi cinco vezes a Brasília.

Ituöp novo {80}

19-11-1963 — Caderno “Viagens”, pp. 47-51.

Jacinto {256} levou-o e mais Tópi {328}, Tunko {300}, João Comprido {239}, Honretuk (já morreu). Jacinto era o chefe de turma de viagem. Foram até Brasília. O prefeito de Barreira não arrumou nada, só enxada e facão e aí pensou e entrou para Brasília. Até Barreira foram de pé. Lá o prefeito falou em dar um avião ligeiro para Brasília, mas não pegou avião porque custa. Foram então a pé até Arraias e aí pegaram caminhão. Em Gilbués o prefeito arranjou caminhão. O caminhão saiu de Barreiras e foi até Brasília. Passou em Vitória, Boqueirão, Gilbués, Corrente, Formosa, Catingueiro, Canuto, Barreiras, Água Bonita, Arraias, Boqueirão, Brasília e outras cidades de que não se lembra. Eu estou olhando Brasília, ela tem muita luz. Não arranjaram nada. O S.P.I. despachou. Foram a Anápolis. Um homem indicou Goiânia, dizendo que lá arrumariam toda coisa. Pegaram o ônibus e chegaram em Goiânia, entrando primeiro em Goianinha. Perguntaram onde era o palácio. Queriam subir mas o soldado não deixou e aí o S.P.I. recebeu. E lá só falando assim: “Vou arrumar toda coisa.” E lá acabou meu dinheiro e eu falei: “Vamos embora, que não se arruma nada aqui.” Aí voltamos. Pegaram ôni[p.48→]bus para Anápolis. Foram de ônibus para Amaro Leite, pegaram ônibus e foram até Gurupi e pegaram ônibus e chegaram a Miracema. Pegaram motor até Panela de Ferro e veio de caminhão ao Vau. Brasília era ainda novinho, só jeep, caminhão, motocicleta. O povo de lá é bom, quando outro vai falar para mim pega no meu braço e quer passear na outra rua. E já olhou rapariga no cabaré. Tem muita rapariga. Você vai pegar uma e vai dançar.

Fui outra vez mais Doroteu {271}. Foi até Gurupi e Doroteu o deixou lá com Dioclécio {199} (filho de Diocleciano {513}), e Hará, filho de A. da Silva {233}. Doroteu voltou para a aldeia. Doroteu estava voltando de Brasília. João Paulino {181} e sua mulher vinha com a mulher dele da aldeia. “Agora vamos daqui mesmo, eu mesmo vou falar com o presidente, e ele vai arrumar tudo para mim e vamos voltar de avião.” O filho de Paulino era pequenino. Pegaram caminhão em Miracema e dormiram no Gurupi. Doroteu veio embora para cá porque já arrumou ferramenta. Foram até Anápolis. Pegaram caminhão e chegaram em Brasília quase meio-dia. Aí o companheiro do Kubitschek, do S.P.I. mesmo, perto de Novacap. Aí ele fez programa dele até [p.49→] papai grande. “Bom, vocês mesmo vão arrumar lá mesmo, vão comer lá mesmo. Vocês mesmo vão arrumar ferramentas, deu [pouco legível] 17 contos para ele. Paulino era danado tomando cachaça em Brasília, quase matava o filho dele. Arrumou um enxadeco, um facão, foice, só. Deram só 200 cr., o companheiro do presidente. João Paulino ia ganhar 6.000 para o povo, mas bebeu cachaça, bateu num trabalhador. Aí pediram passagem. Papai grande deu passagem, mas Paulino rasgou tudo. Aí Papai grande resolveu despachar logo naquele dia. A camionete deixou-os no campo. Pegaram o avião. Foram até Peixe. O avião pousou de novo em Porto Nacional. Lá tomaram café. Veio embora outra vez, deixando em Miracema ao meio-dia. Vieram de pé para a aldeia. Chegam então na caso do Ambrosinho {221}. O povo está indo toda a hora para ir na cidade de Brasília. Quando eu acabar meu serviço, eu vou olhar a capital da Bahia.

Povo de longe, ele pega no meu braço e acompanha e vai passando, olhando as coisas da loja, olhando pano. O povo do Vau está com medo. Não está dando nem dois cruzeiros, nem 15, nem 10. Mas de longe, eh, eu pegava ao menos 50 cr.

Quando você vai sair você faz documento para mim? Eu vou para a Bahia porque o filho do Major Chiquinho {329} pe[p. 50→]gou lá avião da Aerovias e foi até Vitória e de lá pegou outro avião até o Rio.

Mas agora estou casado e Krampéi {79} fica aqui e eu na cidade, eh, estou avexado para vir para cá.

Eu estou precisando só armônica. Vou atrás de espingarda até no Rio de Janeiro. Quando dá fé Papai Grande arruma um facão, pratos, continha, armônica, tesoura.

Sandoval, eu vou trabalhar para ele e vou receber e ele diz: “Ah, não tenho dinheiro, ainda vou trocar”. Ah, pobreza eu não quero.

Os canelas passam por aqui, vão para Brasília e dizem que são craôs. Mas os craôs quando vão para Recife dizem que são canela. Se canela diz que é canela, Papai Grande não dá nada, porque ele não é da parte de Brasília, porque Brasília é do craô e Recife é do canela.

Lá eu vou procurar você {Melatti} e você vai fazer um auxílio para mim. Vai arrumar 50, 200, 100. Você é mesmo como Haroldo [Harald Schultz], vai arrumar dinheiro para mim. E vestido também, calçado.

Se vai a Recife e diz que é craô: “Não, aqui [p. 51→] eu não te arrumo nada aqui não; você vai para Brasília, que lá te arrumam para você. Lá no Rio eu vou dizer que sou craô, que eu não quero enganar o povo do Rio. Vou dizer certo mesmo.

Em Corrente um corcunda passeou com ele, deu-lhe um cinturão e deu 250 cr. Diz o povo que o corcunda é rico demais. A mulher dele era boa demais, grande, mas valente.

Japonês é como índio e a mulher dele tem cabelo comprido, mesmo como cabelo de índio. Esse alemão está morando dentro d’água e água passa por cima da casa dele? Ou estrangeiro? Antigamente que povo está falando assim.

Tópi

14-10-1963 — D2, p. 158

Conversei um pouco com Tópi {328}, que veio até a casa de Gregório {310}. Contou-me que, quando casou com a mulher dele começou a pagar as coisas aos parentes dela: Diniz {303}, Domingos novo {240}, Gregório {310}, Ambrosinho {221} e ainda está faltando Hokuro [ou será Kê’kuro {327}?]. Quando tiver pago tudo pode separar a casa. Conta que é para pagar que viaja. Primeiro foi ao Maranhão com o seu tio Wakere, sobrinho de Silvino {367}. Trouxe de lá uma espingarda para dar a João Crioulo, pai de sua mulher, que já morreu. Depois foi a Belo Horizonte e trouxe uma espingarda para Diniz. Depois foi a Brasília, trazendo uma espingarda para Domingos novo, um facão para Gregório e outro facão para Ambrosinho. Tópi ainda tem de pagar a Hom e Atukhwoi {323}.

17-10-1963 — D2, pp. 181-184

Tópi, a primeira vez que viajou, foi no Maranhão com Chico Wakere {Chico Vaqueiro 1077} (keti), Anoro {1018} (“sogro”), Antoninho {194} (itõ, mas não sabe ligá-lo genealogicamente), José Novo {292?} (ikwonõ. Ikwonõ são aqueles que nascem

em dias próximos. Chama-se os filhos do ikwonõ de ikhra, mas Tópĩ disse que não sabe por que é. Disse que nunca mexeu a mulher de José Novo e vice-versa), Roberto, chamado Hikhu {462} (impöye, porque Tópĩ ia casar com a irmã dele; a mãe dela queria casamento em Carolina — ela era apinajé — mas Chiquinho {329} não queria, queria segundo o costume antigo; depois Zezinho {133} a mexeu e Tópĩ não quis mais), o Osias {47}. Foram a pé até lá. O prefeito não podia arrumar transporte. As embarcações iam cheias de kupê. Isso foi há sete anos. O povo arrumou dinheiro e sete espingardas. Hõpé {350}, irmão de Tópĩ, casou com filha de João Crioulo³¹, mas a largou e foi para os Apinayé, onde casou de novo e morreu por causa de [p. 182→] cachaça. Aí Tópĩ teve de dar a espingarda que ganhou a João Crioulo, para pagar a conta de seu irmão Hõpé.

A sua segunda viagem foi a Belo Horizonte, com Osório {224}, Osé {326}, Kokuro (outro) [suponho que seja Kë'kuro {327}]. Quase casou lá. Uma mulher saiu de um jipe e veio reparar os índios. Disse: “Qual deles é solteiro, que eu vou casar com ele.” “Não, eu não vou casar aqui não, eu estou com pena de minha mãe e do meu pai.” “Não, você me leva e eu vou morar na aldeia.” Lá os índios se desentenderam no palácio. Não queriam falar com o secretário mas com o “governo” mesmo. Ganharam uma dúzia de machados, de facões, de enxadas, de enxós, de picaretas, de faquinhas, quatro tigelas, meia peça de pano e quatro contos. Gastaram seis dias. Voltaram pelo mesmo caminho que vieram ou seja: foram de Belo Horizonte a Pirapora de trem; daí de vapor até a cidade da Barra e daí a pé até a aldeia. Compraram espingardas em Pirapora. Ele deu sua espingarda para Domingos {240}; Osório deu para At'wöre e Osé deu para Gregório. Kokuro morreu no meio da estrada e Osório, seu irmão, vendeu sua espingarda. As espingardas custavam então 400 cr. Katxet {240} deu a espingarda que recebeu de Tópĩ a um curador da Aldeia de Pedra Branca, por ter tratado de seu filho. Luís (At'wöre) {241} deu espingarda para o curador Serafim {387}, por ter curado Kahuko. Diz Tópĩ que esta segunda viagem já está com oito anos (e como a primeira foi a sete anos?).

A terceira viagem foi a Brasília. Nesse tempo sua mulher Pïtkhwoi {319} não o queria mais e ele casou com a filha {354?} de Sudal {351}. Foi junto com Jacinto {256}, Tunko {300} e Ituöp novo {80} (ou seja Kroihi, já que [p. 183→] Tópĩ diz que Ituöp novo não recebeu este nome, mas só o de Aniceto, sendo Kroihi nome de outro tio; Aniceto só lhe deu o nome de cristão). Em Brasília só arrumaram dinheiro (7.000 para Tópĩ). Em Goiânia Tópĩ conseguiu 2.000 cruzeiros. A inspetoria em Goiânia só arranjou quatro facões e quatro machados. No caminho de volta comprou pano, lanterna, faquinha, sal, fumo, pagou pensão. Chegou com 1.500 em Carolina e lá comprou uma espingarda, que deu para Ambrosinho {221}.

A quarta viagem foi com Pikén {232} (daqui) e com Khetpéi {338} (filho de Manoel Bertoldo {371}). Passaram primeiro em Recife e daí o tenente falou-lhes para irem a Natal. Em Recife ganhou um conto e em Natal três contos. Foi de Recife a Natal de trem, e daí a Souza também de trem e depois de caminhão. Em Picos encontraram com Alípio {226}, Osé {326}, Dival (Tunko) {300}, Honhutxo³² e Pempti {379}³³. Estes os convenceram a ir a Salvador. Lá o Nilo é bom para arrumação para índio. Mas lá o Nilo

³¹ Tenho referências a dois indivíduos conhecidos como João Crioulo. Um {1226} era pai do outro {1087} e também de Vicentão {1020}. O João Crioulo filho era pai de José Aurélio {138}. Como na sua primeira viagem Tópĩ teve entre os companheiros Anoro {1018}, a quem se refere como “sogro”, que era filho de Vicentão ou pelo menos da mulher de Vicentão, possivelmente Hõpé, irmão de Tópĩ, tenha se casado como a filha do João Crioulo irmão de Vicentão. A informação que anotei no diário D2, p. 399, de que Vicentão era pai de João Crioulo só pode estar errada.

³² No Diário D2, p. 160, Honhutxo é dado como irmão falecido de Katxet {240}.

³³ Em outra anotação, Dival é o nome brasileiro atribuído a Pempti {379} e não a Tunko {300}.

não atendia e por isso passaram mal. O dono da pensão não queria dar de comer. Compraram comida no mercado e dormiam na casa “Berga” [albergue]. O Nilo os mandou para o quartel dos bombeiros, mas estes não os serviam. Aí ele falou com o Nilo: “O Nilo, como você fez assim com nós, você podia logo nos mandar embora. Você só mandando ordem, só dando recado. Você não me dá nem dinheiro. Naquele tempo você sempre bom e arrumava toda a coisa.” Aí o Nilo: “Não Sr., não!” “Você me despacha logo, arruma passagem, dinheiro.” “Não, eu dou de comer para você, dei[p. 184→] xa estar que eu vou falar no rádio. Aí o Alípio nem [pouco legível] conversa com o chefe dos bombeiros. Aí o chefe dos bombeiros falou: “Você já falou com o prefeito? Com o Juraci? Com ordem dele eu arrumo de comer para você.” Depois o Pikén já está valente. Aquele é rapaz danado. Não tem medo de soldado. Aí foi lá meio-dia. Aí o Varela (Pikén) está com a muleta. Aí está em pé esperando. Aí os bombeiros estão acabando de comer. “O de comer já acabou”, disseram. Pikén zangou: “É bom você conversar com o Nilo porque ele é que manda a gente para cá; já está com três dias.” Aí o soldado ameaçou de o prender. “O Nilo é que está mandando aqui para comer.” Aí o bombeiro deu de comer a todos. Mas foi uma só vez que isso aconteceu. Não ganhou nada em Salvador. O dinheiro que conseguiu em Natal acabou lá. O tenente arrumou passagem. Votaram de ônibus até Feira de Santana; aí pegaram trem até Bonfim; de Bonfim foram de trem até Juazeiro. Daí vieram a pé até aqui, comprando comida no caminho.

João Augusto

23-12-1962 — D1, pp. 632-633

Quando estava fazendo o censo, passei pela casa onde mora um filho de Ambrosinho chamado João Augusto {357} que diz já ter passado pelo Rio, Petrópolis, São Paulo, Pernambuco, Portugal, Estados Unidos. Ganhou dinheiro, relógio (se não me engano), rádio etc. Tudo já se foi. O índio vende tudo, porque não sabe trabalhar com essas coisas. Diz ter conhecido Carlos Lacerda, Carvalho Pinto, Cid Sam[p. 633→]paio. O rapaz só fala em rapariga. Acha que casar dá muita despesa e a vida de solteiro é melhor: mas casou. Comentou com tristeza que depois de ter visitado todos esses lugares (citou até a França) voltara de novo para aqui. Contou que não entendeu a língua dos americanos: eles falam como periquitos. O filho de Carlos Lacerda levou-o a passear no Rio de Janeiro, tirando-o do S.P.I. onde ele estava proibido de sair. João Augusto pediu-lhe até licença para pedir dinheiro na rua. Foi à televisão, foi ao rádio e em todos esses lugares ganhou dinheiro (João Augusto diz a quantia que recebeu de cada um). Voltou porque sonhou com sua mãe, estava com saudade e veio vê-la.

Kugon

27-12-1962 — D1, p. 660

À noite Kugon {337} esteve-me falando que já passou pelo Rio, onde não andava na rua de noite, com medo de morrer. O pessoal do Rio e São Paulo, quando perguntam alguma coisa dão logo dinheiro; mas o pessoal de Salvador, Recife e outras capitais do norte, perguntam, não dão nada e se o índio pede, mandam-no trabalhar.

João Noletto {497}

10-12-1962 — D1, pp. 557-558

[Dodanin] Contou-me que João Noletto {497} voltou do sul (Brasília?) com uma ordem para ele entregar-lhe dois rolos de arame, dois bois para amansar e uma matutagem

[matalotagem]. João Noleto começou por pedir a matutagem, mas Dodanin quer primeiro entregar-lhe os rolos de arame e depois que fizer o cercado entregará os dois bois e depois de amansados terá a [p. 558→] matutagem. João Noleto porém quer logo a matutagem. João Noleto, diz Dodanin, já de outra feita conseguiu uma ordem de Brasília para o Posto entregar-lhe dez vacas, o que lhe foi dado. João Noleto acabou vendendo-as e nem teve o trabalho de ir buscá-las no Xupé.

Kakró {447} e Iromtép {408}

Uma vez Kakró e Iromtép estavam em Pedro Afonso e aí chegou o avião de um americano. Este saltou com seu boné brilhante. Iromtép disse a Kakró: “Vai pedir dinheiro, que esses grandes são danados para dar dinheiro. Kakró foi: Meu senhor, me arranje um dinheiro para mim, que eu não tenho serviço!” “Eu sou dos Estados Unidos, lá não tem essa gente, eu não gosto dessa gente.” E virou-se para o Capitão Gentil e disse: “Se você quer dar dinheiro para ele, pode arranjar. Kakró foi então falar com o Capitão Gentil, que respondeu: Vai trabalhar, ele disse isso para se livrar de vocês. “Então me arranja serviço!” “Não tem serviço não, vocês não prestam para trabalhar!”

Pedro Afonso, próxima da Terra Indígena, não era propriamente o tipo de cidade procurada pelos craôs para receberem dádivas, mas a informação de Kakró {Luís Canuto, 447} foi aqui transcrita porque seu pedido foi dirigido a uma pessoa de longe, um norte-americano.

Antoninho {194} e João Canuto {428}

16-11-1963 — D2, pp. 376-377

[Conta Penõ {158}:] Messias {97} está ficando que nem Antoninho {194}, a quem ninguém quer mais. Antoninho casou primeiro com Krantót {134}, quando era menina besta ainda; depois casou com a mulher que está agora com Aniceto (Mampok) {189}. Quis então casar com Ko’hoko {50}, que queria casar com ele, pois já está velha e não tem medo de homem, mas enganou-a. Ko’hoko soube e não quis mais. Casou com a irmã {600} de Penõ; depois com a atual mulher {182} de João Paulino {181}. Então Krenti [Crente?] {445} lhe arranjou a neta {444?}, moça nova, filha de João Canuto {428}. Ele “mexeu” com a mocinha, não trabalhou até que vendeu um machado do sogro escondido. João Canuto procurou o machado até encontrar o cabo jogado no mato. João Canuto correu atrás dele. Deu três desculpas diferentes: primeiro disse que ia buscar o machado que vendera; depois disse que ia receber de Vicente {521}, que lhe devia; depois disse que ia apa[p. 377→]nhar machado seu mesmo. João Canuto fê-lo voltar. Como tentasse fugir, J. Canuto correu para matá-lo jogando-lhe o cabo do machado nas costas, e perseguindo-o durante umas sete léguas até desistir. Antoninho é mau corredor; Zé Nogueira {56}, Zé Aurélio {138}, o deixam longe; mesmo assim, J. Canuto, homem novo, não o alcançou. Ficou no Marcão {195}. Tempos depois João Canuto veio matá-lo. Veio até o Posto. Cândido não deu licença e chamou Penõ. Resolveu dar emprego a Antoninho para pagar a filha de Canuto. Empregou-o no Mangabeira. Mas um ou dois dias depois, Antoninho já estava aqui querendo casar com Harekhwoi {87}, que não aceitou; depois com Ramkhwoi {81}, que também não aceitou e também com a filha³⁴ de Esteves {53}. Agora está pensando em He?hê {82}. Mas ninguém o quer, porque não trabalha. João Canuto já apareceu de novo a cobrá-lo. Então Rondon {22} (parente dele), Antoninho, Kodetét {74} e Kraté {183} saíram a viajar. Vão ver se arranjam uma espingarda para Antoninho pagar a João Canuto.

³⁴ Se a referência é a Pakrat {55}, ela é filha da mulher de Esteves.

Pirajá

31-12-1962 — D1, p. 677-678

Pirajá {463} perguntou-me se ia índio a Petrópolis. Como eu dissesse que não, ele respondeu que talvez fosse bom ele ir lá porque as cidades que nunca viram índio dão muitos presentes. Soube também que João Noleto está preparando uma festa aqui [p. 678→] no próximo domingo para festejar sua chegada de Brasília. Já tem porco encomendado, café etc., malgrado a penúria. Hoje à tarde soube que João Noleto {497} conseguiu porco (não sei se um ou mais) para a festa trocado por uma das duas cabeças de gado que tem no Xupé. Note-se que a festa será no estilo “cristão”.

Sinharó {490} e o baiano Waldemar {754}

5-11-1963 — D2, pp. 290-291

De manhã chegaram à aldeia o Antônio da Silva {233}, o índio surdo Sinharó {490}, e um cristão chamado Waldemar, que está morando no Galheiro. Os dois últimos vieram à casa de Marcão {195}. Este começou a fazer perguntas ao cristão e lhe disse: “O índio fala [p. 291→]muito, mas nunca briga de mão. De boca não faz ferida. O Sr. bebe? Se beber, não para brigar. Quando entrar no lado dos cristãos porque lá eles brigam de ferro, de facão, matam... Na Bahia tem muito ganho, aqui não tem nada; para que o Sr. veio para um lugar que não tem recurso? Nós é que estamos acostumados a viver pobres. Desde pequenos já acostumamos. Quem entra entre os índios estranha, pois já está acostumado a viver com dinheiro.” Explicou o cristão que veio de Salvador, onde trabalhava no albergue noturno. Na Bahia os cristãos estavam roubando Sinharó e o prefeito perguntou a Waldemar se ele não queria acompanhar o índio para tomar conta dele o que ele aceitou prontamente. Há muitos ladrões para os lados de Teresina, Juazeiro, padre Cícero. Interrompeu João Paulino {181} para dizer que em Teresina o povo é danado para roubar: roubaram-lhe um malote. Sinharó vai a São Paulo e Waldemar quer acompanhar e não voltar mais para a aldeia, mas Sinharó não quer deixar. O rapaz conhecia muitos cabocos que eram hóspedes no albergue noturno e não eram os craôs os que mais frequentavam o estabelecimento. Viam-se mais frequentemente os canelas. Lá iam também os xavantes e carajás. Marcão perguntou se estava gostando e o rapaz respondeu que sim, pois nunca passava fome. Ainda disse Marcão: “Aqui não tem moça bonita, as mulheres daqui são feias, todas sujas, não são boas para casar, só nós mesmos, porque somos muito feios.”

14-12-1962 — D2, pp. 578-579

Chegou o baiano e Basílio {121} começou a lhe fazer perguntas até lhe dizer que ele viera para fazer dois maridos com a mulher de Sinharó {490}. O baiano ia se zangando e Basílio não deixou a coisa ir para frente, recuando. Mroyanõ {519} então disse que quem viaja, o que traz vende tudo. “O que dá resultado é a roça da gente. Os que viajam trazem facão, tudo, mas vendem aqui.” E Aleixo acrescentou: “Cândido não dá nada, mas a gente traalha e compra. Eu [p. 579→] não gastei mais de mil cruzeiros só em remédios? Assim os outros fazem (devem fazer) também!” Continuando a conversa, Aleixo {466} exclamou: “Aquele povo (de Satiro {543}) [do Morro do Boi] também já misturou todo, todo, todo, oh povo danado!”

16-12-1963 — D2, p. 597

Contado por Kakró {447, Luís Canuto}, irmão por parte de pai de Sinharó {490}:

Sinharó trouxe três foices, três machados, três enxadecos, duas ou três enxadas, uma espingarda. Ganhou uma espingarda de cartucho mas vendeu-a mesmo durante a viagem por necessidade. Viajou mais de um ano. Vendeu tudo o que trouxe por aqui por qualquer preço. Sinharó deu uma foice a Kakró {447}, mas a mulher de Sinharó não quis e Kakró tornou a entregar. A mulher de Sinharó não se dá com Kakró porque este fala dos abusos que ela fez com o irmão dele. Sinharó vendeu então a dita foice para a mulher (ou filho?) do cristão Crispim por apenas 200 cruzeiros, pois ele não sabe o preço das coisas!

Roberto Hikhu {462}

16-12-1963 — D2, p. 595

Hoje de manhã não fui à praça. Também quase não trabalhei pela manhã. Quase ao meio-dia fui à casa de Kakró {447}. Lá Roberto, Hikhu, me contou que gosta é da cidade; lá é que há coisas bonitas para ver, há movimento. As miçangas que eu trouxe, por exemplo, como são bontas! E são coisas de cidade. Viajou muito e quase ficou na cidade definitivamente, mas voltou por ter saudade. Agora está casado, tem filho e não pode mais morar em cidade.

As grandes cidades, suspeitas de canibalismo

13-12-1963 — D2, p. 574

Diz Serafim {387} que em Sete Lagoas, estação de trem, viu calcanhar de menino dentro do feijão. Disseram-lhe que por lá se comia toda a coisa: cachorro gordo; enganam-se as mães, tomam-se os filhos, mata-se e faz-se frito, come-se jacaré. Basílio diz que em Teresina dá-se aos passageiros o fígado dos mortos; em Salvador compra-se menino gordo; em Pernambuco vende-se carne de menino na feira. Basílio quando viaja pelas cidades, só escolhe a pensão do Getúlio Vargas. O albergue só sefrve sopa, sopinha de carne de menino.

Viagens e prestações matrimoniais

1-11-1963 — D2, p. 273

[Penõ {158}] Disse ainda que o marido dá presentes para os parentes da mulher, até que tenha 4 ou 5 filhos, quando cessa. Não é pagamento, são presentes. Quando o marido vem de viagem, entrega tudo o que trouxe à sogra. A mulher fica esperando na casa dos pais do marido (sempre foi assim) mas não leva o homem paparuto ao pátio quando chega à aldeia.

12-3-1971 — D6, p. 127

Quando o marido viaja, a mulher fica com os pais dele. Se ela só ficar na casa dela, os parentes do marido vão vigiá-la. Se ela se encontrar com outro, os parentes do marido a despacham. Quando ele chega, já é avisado antes de entrar na casa dela. A mulher tenta fazer as pazes com o marido, mas só para receber os presentes, despachando-o em seguida. Falou Valério {232} que o marido viaja para fazer pagamento.

Mulheres que viajam

17-11-1963 — D2, pp. 381

As mulheres daqui estão começando a viajar. Já viajaram para as cidades Pïto {107}, Kōwampe {19}, a esposa {44} do Secundo {43} e Hëktxë {36}. Quando o marido viaja, põe-se a mulher na casa da sogra dela. Se a mulher vai para a casa da mãe, a mãe do marido fala muito, que ela está vadiando, que não vai dar presentes para ela. E acrescenta Mräiti {57}: “Caboco é ruim.”

18-11-1963 — D2, pp. 389

Contou-me a mulher {419} de Davi {416} que da sua aldeia só a esposa {429} de João Canuto {428} e a filha de João Noletto {497} foram as únicas mulheres a viajar. Ela mesma tem vontade de viajar, mas tem filhos, tem galinhas, tem porcos para criar e ninguém fica para dar ração para eles. Tem medo que outros roubem a sua criação. Além disso são ela, o marido e três filhos; e na estrada o povo não quer dar um pouco de arroz pilado, só vendendo, e dizem que se passa muita fome.

21-1-1965 — D3, pp. 124-125

Mulheres desta aldeia [de Penõ, que dá a informação] que já viajaram: Puto {107}, Hompekwoi {118}, Tépkaprik {99, possivelmente}, Hohom {61}, Yunkwoi {71, possivelmente}, Hoktxó {36}, Téptik {44}, Krampéi {79}, Krainõ {68, possivelmente}, Kuampe {19}, Benvinda {11}, Txopró {12}, Wakõkwoi {3}, Há-[p. 125→]kru {159}, Nenê {162}, Krĩru {154}, Kuiko {139}, Pakrat {55}.

Viagens sem volta

17-11-1963 — D2, pp. 382

Katxuön {489}, do Galheiro, filho de Këpéi {480} e de Katik {481} (“irmã” de Ko’rere), chama Ko’rere {160} de ãtxe [“mãe”] e Kakró {164} de irmão. Está hospedado na casa de Ko’rere. Perguntou-me por seu amigo Khukoi, que foi com Ribamar {possivelmente 443} (filho de João Canuto) e não voltou. Dizem que ele agora é soldado no Rio. Disse Katxuön que está com saudade dele.

19-11-1963 — D2, pp. 395

Disse-me ainda Hëktxë {36} que quando os índios passam pelos kupëkarõ [kupë = estranho, civilizado; karõ = espírito, alma] estes dão-lhes de comer, dão-lhes de beber, tocam nos seus cabelos e eles nunca mais voltam. Faz muito tempo que um grupo de quatro índios saiu daqui e só voltou um, Ipertxuá. Os kupëkarõ atraíram três, que ficaram lá, entre os quais estava Karëtë {1116}³⁵. A cidade dos kupëkarõ é mesmo como cidade dos cristãos; sua língua é a mesma e sua comida é muito boa. Os três índios que ficaram lá já devem ter morrido, porque já faz tempo. As mãe e mulheres dos três ficaram esperando, mas nunca chegaram. Depois Hëktxë explicou de outra forma: não seriam os kupëkarõ que dariam água e alimento não; seria gente mesmo, com o fim de matar os índios.

³⁵ Hëktxë tinha um tio materno com o nome de Karëtë, mas não explicita se é a ele que está se referindo. Se é, então corresponde ao número 1116.

27-11-1963 — D2, p. 460

Tukapri {35}³⁶ estava com medo que em Petrópolis, se passassem a mão na cabeça dos índios eles não voltam mais para cá.

22-2-1967 — D4, p. 154

O nome do krakarõ³⁷ de Manoel {77} é Tórtótemehum, nome dado por sua irmã, também filha de Pökuto {91}. Ela se encontra na Bahia, onde a deixou João Canuto {428}. Manoel agora pretende ir buscá-la. Vai também a São Paulo, onde o “chefe dos japoneses” lhe prometeu um rádio.

6-8-1967 — D5, pp. 105-106

Chegando ontem em Itacajá, encontrei aqui Rondon {22}, sua mulher e o caçula. Dirigem-se a Pedro Afonso para saber como morreu realmente o irmão de Kuhek {20}. De noite João Canuto {428}, uma índia que devia de ser sua mulher e João Noletto {497}, passaram por minha janela. João Canuto disse que vai a Pedro Afonso para saber como Tópó {472} morreu. Explicou que Tópó era filho de Cará {1148} e não gostava de José Pinto {150}³⁸. Quando morreu, José Pinto estava por lá. Desconfiam que Topó não morreu de doença, mas poderia ter sido enforcado. Além disso, outra coisa que preocupa João Canuto, é que o pessoal que veio com o Topó nada entregou do que ele teria trazido da viagem.

João Canuto deixou um menininho em Salvador e quer saber se Cariri apanhou-o. Outro dia, Luís Canuto {447}, irmão de João Canuto, disse-me, na aldeia de Penõ {158}, que desconfiava que João teria vendido o menino em Salvador, pois certa vez ele disse que se quisessem que ele fosse buscar o menino, que lhe dessem 250 mil cruzeiros. Desconfiam, pois, que ele teria vendido o menino por esta quantia.

João Canuto me contou que seu rapaz, Ribamar {possivelmente 443}, voltou com ele para cá, casou aqui, deixou mulher grávida e disse que vinha ao Vau para trabalhar e ganhar um dinheirinho. Mas fugiu. Daqui mesmo seguiu viagem. A mulher de Ribamar está em casa de João Canuto.

22-2-1971 — D6, p. 50

Pedrinho {440} [filho de João Canuto] veio me dizendo na viagem que passou um ano no Rio. Quer voltar para lá para estudar. Seu pai deixa, mas a mãe é quem não quer.

Índios conhecem mais as cidades que os sertanejos

26-3-1971 — D6, p. 217

Conversando com Diniz {303}, percebi que os sertanejos não dispõem de certas experiências da vida civilizada que os índios conhecem. Assim, nunca andaram de avião, nem conhecem certos legumes, cidades etc.

³⁶ Tukapri era marido de Hëktxë e expressa crença semelhante à dela.

³⁷ Krakarõ é um termo que se compõe de kra (filho, filha) e karõ (espírito, alma). Tórtótemehum quer dizer pai de Tór'tóte. De fato Manoel {77} tinha uma filha chamada Tór'tóte, mas que morreu em 1963. Não sei dizer se o termo krakarõ foi usado porque sua filha já era falecida ou porque era um nome que a irmã de Manoel tinha prometido dar antes da criança nascer. Nas minhas anotações não achei qual das irmãs de Manoel tinha o nome de Tor'tóte.

³⁸ Cará foi morto em 1959 acusado de feitiçaria. Um dos envolvidos na sua morte era José Pinto.

Frequencia das viagens

23-11-1963 — D2, p. 421

É incrível o número de índios que viajaram só nesse ano de 1963 e desta aldeia: Kro'kroko {58}, Diacuí {59} e o filho deles; Secundo {43}, Téptik {44}, e o filho deles; Kratxet {106}, Pito {107} e uma criança deles; Alcides {96}, Tépkaprek {99} e uma criança deles; Kapran, Apíhi {83}, Panhogré {92}, Emiliano {167}, Wakapi {26}, Pirika {8}, Kruakrai {93}, Kodetét {74}, Kraté {183}, Wa'here, Rondon {22}, Aniceto velho {10}, Pascoal {38}, Clóvis {144}, Txopó {12}, Īkietik {146}, Potxö {29}, Pika (+) {147}, Krainõ {30}, Kasiat {17}, Pókrók {18}, Kuampê {19}, Messias {97}, Zé Cadete {89}, ou seja 20% aproximadamente da população da aldeia.

As informações que tomei de manhã de Messias ficaram no caderno “Viagens”.

21-1-1965 — D3, pp. 123-124

Ainda de manhã perguntei a Penõ quem tinha viajado daqui da aldeia desde minha saída em dezembro de 1964. Soube então o seguinte:

Hikutxo {96}, Txwotuk {120}, Kwöpa {109} viajaram para Recife, Minas, Bahia, São Paulo, Goiânia, trazendo apenas pano.

Kratxet {106}, Puto {107} [sua esposa], Pöhikhrat {64} foram a Goiânia. Arranjaram ferramenta, mas a venderam na viagem de volta.

Aniceto velho {10} e Kakró {164} foram até Rio Verde. Brigaram em Goiânia por causa de cachaça e Kakró rasgou a orelha de Aniceto. Kakró trouxe uma espingarda de Ceres.

Pokrók {18} e Aprak {48} foram a São Paulo e trouxeram [p. 124→] duas espingardas, dois malotes, roupas, miçangas. Pokrók ajudou a fazer filho na empregada de D. Vilma [Chiara]; Aprak, na empregada de D. Nika.

Zé Aurélio {138}, Kuiko {139} [sua esposa] e Kópkahëk {142} [seu filho] foram a São Paulo e trouxeram espingarda e tiveram ferramenta prometida (Pokrók {18} trouxe depois a Flaubert de Zé Nogueira {56}).

Krokroko {58} foi com D. Vilma [Chiara] a São Paulo e depois para o Rio.

Kratpe {47} e Parãkwoi {162} foram até Anápolis. Trouxeram pano.

Kapran [se {571}], não era propriamente um morador da aldeia de Penõ] foi a Goiânia tratar de ferida.

Penõ {158}, Hakru {159}, Ayehi {2}, Wakökwoi {3}, Tebiet {127}, Korã {277} foram a São Paulo a convite da Gazeta Esportiva [por ocasião da corrida de São Silvestre].

Disse Penõ que Kratxet {106}, na hora do trabalho, viaja. O pobre do Zé Nogueira {56} [marido da mãe de Kratxet] é que dá pedaço de roça derrubada para ele de Krokroko {58}. Krokroko derrubou roça, mas não plantou, foi por isso que a mulher dele o abandonou. Aliás a mulher dele [que não era craô e talvez não indígena] entrou em choque com Penõ porque queria falar antes dele e dos governadores na praça.

Pedro Noletto {65} é o único dos homens da aldeia que nunca viajou. Antônio Pereira {119} já foi a Goiânia e Chico Velho {112}, a Juazeiro.

20-7-1967 — D5, p. 19

Muitos são os que estão viajando neste ano: há um grupo composto de Kratpe {47}, Aprak {48} e I'króro {31} (casada com Aprak). Kratpe deixou Nenê {162} junto com o pessoal que está com Zé Nogueira {56}. Um outro grupo viaja constituído de Emiliano {167}, Pedro [Osvaldo] {171} (filho de Penõ {158}), Wa'pïre {39} e Pempkrô {42}. Um outro grupo viaja, composto de Īkietik {146}, Zezinho {133}, Popró e Kuimpe {19}. Isso sem contar o grupo que voltou recentemente: Manoel {77}, Wakapi {26}, Hahëkré {89} (Topó {472}, do Galheiro, morreu).

Desatenção com as roças

18-1-1965 — D3, p. 110

Passamos o ribeirão. Apareceu então a roça de [Patrício] Chiquinho {95}. Meia-tarefa. Chiquinho não viajou. Não sei por que uma roça tão pequena. E ainda tem de dividi-la com Alcides {96}, que não fez roça porque viajou.

Zé Aurélio {138} tem esse ano apenas duas tarefas de roça nova.

“Pensão Gaúcha dos Índios a pedido do SPI”

Em agosto de 1968, retornando das aldeias craôs a caminho de casa, passei por Goiânia, onde, vistando a 8ª Inspeção do SPI e a pensão onde se hospedavam os índios, pude fazer uma idéia de como eram sentidas as viagens dos índios pelos funcionários do órgão indigenista, como a anotação abaixo pode dar uma idéia.

11-8-1967 — D5, pp. 106-109

Hoje anotei na 8ª Inspeção do SPI [em Goiânia] o número de índios atendidos em 1965 e 1966 (até 8 de setembro) e depois anotei na “Pensão Gaúcha dos Índios a pedido do SPI” as entradas de índios (separando-os por tribos) desde 1º de outubro de 66 até a data de hoje. Estava eu conversando com o Sr. Ernesto, que é o dono da pensão, quando chegaram mais dois craôs, da aldeia do Abóbora.

O Sr. Ernesto me informou que às vezes chega a haver 50 índios na pensão. Um dia seu número chegou a 70. Os canelas que saíram ainda pouco da pensão deixaram 12 camas quebradas. Eles eram uns 12 ou 13 e todos saíram com espingardas, informou um empregado da pensão.

Hoje de manhã o Sr. Ismael recebeu denúncia de um índio gavião que acompanha tais canelas que eles o agrediram, além de terem vendido uma [p. 107→] espingarda para tomar cachaça. O Sr. Ismael mandou então a polícia prendê-los em Anápolis, onde se deu o acontecimento.

O Sr. Ernesto disse também que uma índia puxou uma lâmpada, recebendo um choque que a derrubou. Um índio meteu a espingarda na lâmpada.

Os dois craôs que chegaram hoje entraram na pensão como se estivessem em sua casa. Nem passaram antes pela Inspeção. Na pensão encontrei também Kratpe {47} e Aprak {48} que voltavam do Rio.

Ao examinar o livro da pensão vi o grupo do Manoel (Kutëkré) {77}, que deu o nome de Manoel Pinheiro, fazendo-se passar por capitão. Na lista dos cinco nomes

encabeçados por Manoel estava o nome de Adelino {472} [Tópó, que iria morrer na charqueada de Pedro Afonso, antes de chegar à aldeia].

Na pensão está um nambiquara, que não vi, índio esperto, falador, que deve não ser muito bom da cabeça, disseram-me e que sabe luta livre. Lutou ontem e vai lutar hoje também.

O Sr. Ismael me disse que a Inspetoria deve 24 milhões a pensão, sendo que desta importância 11 milhões é o resto da despesa do ano passado ainda não pago. A pensão cobra seis mil cruzeiros de diária. A Inspetoria de [p. 108→] ve 10 milhões de roupas e 10 milhões de armas e munições comprados na casa “Karajá”. Quando os índios chegam a Brasília, são imediatamente mandados para Goiânia, onde a 8ª Inspetoria arca com todas as despesas.

De vez em quando um caminhão da Inspetoria se dirige para o norte do Estado de Goiás levando índios. Vi no diário que me deram na Inspetoria que uma vez o caminhão levou 52 índios, outra vez 39. Isso olhei apenas de relance no diário, não o examinei todo.

O motorista do SPI me contou que há uns dois anos atrás ele foi incumbido de levar uma porção de índios gaviões e caracatis (parece-me que falou em 50 índios). Os índios nada tinham ganhado em Goiânia porque a Inspetoria então estava sem dinheiro. O motorista estava apenas com seu companheiro. Durante a viagem os índios estavam ameaçando de pôr fogo no caminhão. O caminhão não tinha freio. O motorista pensava que os índios estavam brincando. Foi quando um índio mais cordato revelou-lhe que os índios só estavam esperando que o caminhão parasse num lugar ermo, na chapada, para liquidá-lo. Sabendo disso, o motorista parou em Miranorte e disse que o caminhão estava quebrado e mandou todo [p. 109→] o mundo saltar. Aproveitava assim a presença da população brasileira. Notou, entretanto, que os índios começavam a cercar ele e ao companheiro. Zangou com eles e foi para Miracema com o caminhão. Lá ficou uns três dias. Vieram dizer-lhe então que não voltasse para Miranorte porque a coisa não estava boa: os índios estavam armados de cacetes e andavam vigiando os caminhões à procura do motorista. Este então retirou-se com o caminhão pela estrada que leva de Miracema a Barrolândia, abandonando em Miranorte os índios e voltando para Goiânia.

Com os números tomados na Inspetoria e na pensão, elaborei o seguinte quadro das passagens de índios por Goiânia. Possivelmente alguns indivíduos foram contados mais de uma vez, por terem mais de uma passagem por Goiânia no período considerado.

	1965	1966	1967 até 11 agosto	Totais
Da jurisdição da 8ª Inspeção do SPI, em Goiânia				
Craôs	38	41	12	91
Apinajés	0	8	0	8
Xavantes	21	42	14	77
Xerentes	30	64	104	198
Tapirapés	0	2	0	2
Carajás	7	22	3	32
Das jurisdições de outras Inspeções				
Gaviões	22	65	67	154
Caracatis	43	42	30	115
Canelas	58	73	61	192
Cubencranquéns	0	6	0	6
Gorotires	4	7	7	18
Caiapós	3	4	0	7
Guajos	0	0	2	2
Guaranis	0	7	1	8
Guajajaras	0	0	8	8
Nambiquaras	0	7	2	9
Coroados	0	0	1	1
Totais	226	390	312	928

Viagens — nas páginas dos diários de campo

D1 — 231, 385, 436, 467, 519, 527, 557, 601, 602, 621, 626, 632, 633, 635, 658, 660, 663, 677.

D2 — 35, 130, 144, 146, 158, 160, 177, 181, 187, 192, 198, 202, 203, 222, 223, 225, 234, 235, 238, 247, 267, 273, 291, 295, 309, 312, 358, 363, 373, 377, 381, 382, 383, 384, 389, 395, 412, 420, 421, 442, 443, 448, 449, 460, 461, 465, 488, 490, 492, 500, 501, 510, 512, 513, 524, 525, 541, 553, 568, 574, 578, 595, 597.

D3 — 1, 15, 21, 91, 93, 110, 114, 123, 134.

D4 — 127, 134, 154, 160, 175.

D5 — 14, 19, 80, 85, 91, 105, 106.

D6 — 21, 50, 127, 137, 216, 217.

[Tabela inicial](#)

[Sumário craô](#)